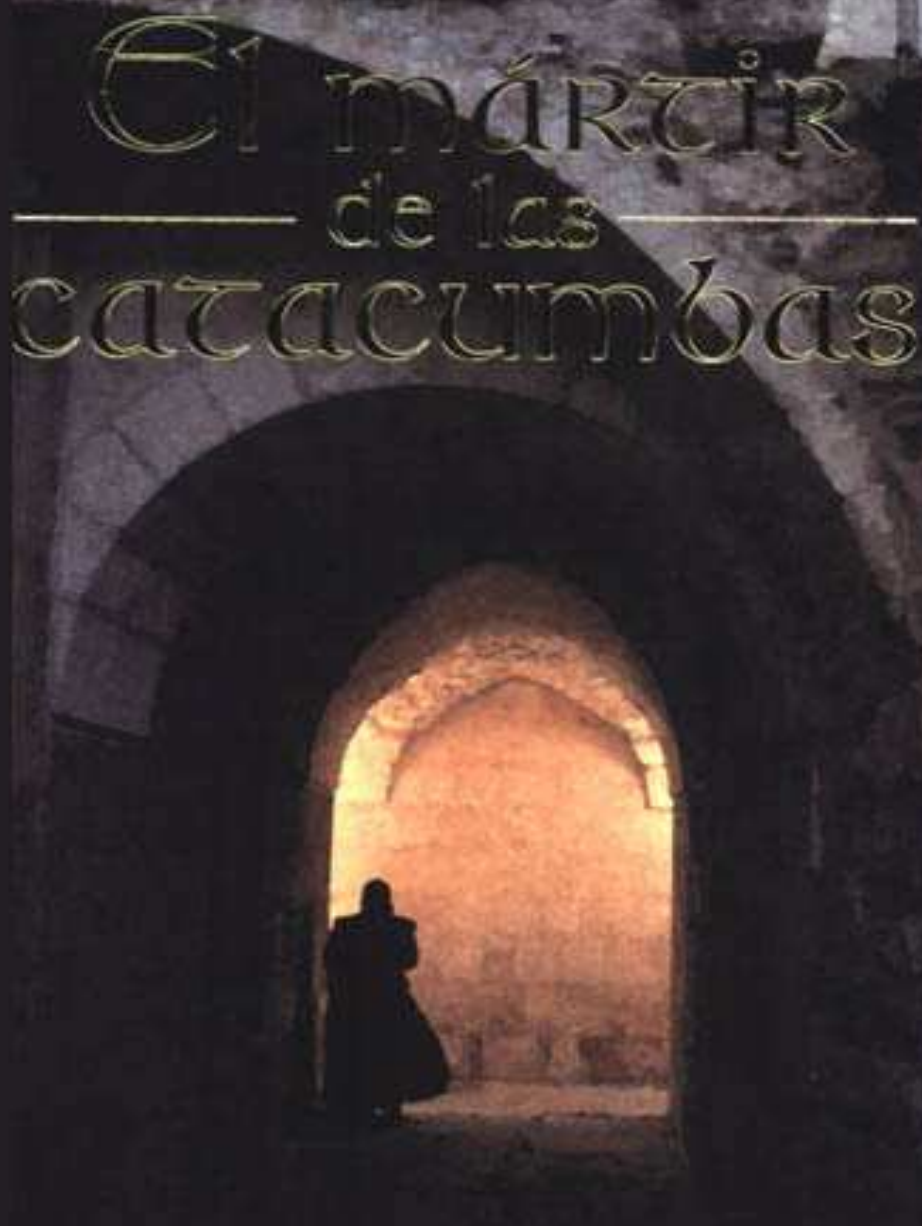


Copyrighted Material

El mártir de las catacumbas



El dramático relato de un
hombre que fue cristiano cuando
serlo costaba la vida

O MÁRTIR DAS CATACUMBAS

Um episódio da Roma antiga

Autor desconhecido

**Tradução do espanhol realizada por Daniela Raffo,
Terminada em segunda-feira, 14 de janeiro de 2008,
12:11:04**

Baixado da Internet de www.graciasoberana.com

PREFÁCIO

Muitos anos atrás foi publicada uma história anônima intitulada "*O mártir das catacumbas: Um episódio da Roma antiga*". Um exemplar foi providencialmente resgatado de um barco de vela americano e ficou em poder do filho do capitão Richard Roberts, quem comandava aquela nave e que teve de abandoná-la em alto mar como consequência do desastroso furacão acontecido em janeiro de 1876.

Cuidadosamente reimpressa, apresentamos aqui aquela obra, tendo sido zelosamente fiéis ao original ainda em seu título. Tiramos à luz esta edição, animados da viva esperança de que o Senhor vai usá-la para fazer ver aos fiéis que reflexionam, assim como também aos descuidados e desprevenidos e a seus descendentes nestes últimos dias maus, este palpitante quadro de como sofreram os santos dos primeiros tempos pela sua fé em nosso Senhor Jesus Cristo, sob uma das perseguições mais cruéis da Roma pagã, e que num futuro não muito distante podem-se repetir com a mesma intensidade da ira satânica, mediante o mesmo Império Romano de iminente nascimento.

Tomara possa despertar nossa consciência ao fato de que, se o Senhor demora em sua vinda, temos de ver-nos no imperativo de sofrer por Ele, que voluntariamente tanto sofreu por nós.

A Bíblia já não ocupa o legítimo lugar que lhe corresponde em nossas escolas e universidades; a oração familiar é um hábito perdido; nosso Senhor Jesus Cristo, o unigênito e bem-amado Filho do Deus vivo, é desacreditado e desonrado precisamente em casa daqueles que professam ser seus amigos; o testemunho no corpo desapareceu da terra; não se obedece o chamado a Laodicea para o arrependimento; e é assim que a promessa do Senhor da comunhão com Ele está livrada somente ao indivíduo.

E ainda nestes dias pode alcançar-nos a promessa, a Esmirna: "Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida".

O sangue dos mártires de Rússia e Alemanha clama desde a terra, qual admoestação para os cristãos de todos os países.

Mas ainda podemos arrancar de nossas almas o clamor anelante: "Vem, Senhor Jesus; vem pronto".

Hartsdale, N. Y.
Richard L. Roberts

CAPÍTULO 1

O COLISEU

Cruel carnificina para diversão dos romanos.

Era um dos grandes dias de festa em Roma. De todos os extremos do país as pessoas convergiam para o destino comum. Recorriam o Monte Capitolino, o Fórum, o Templo da Paz, o Arco de Tito e o palácio imperial em seu desfile interminável até chegar no Coliseu, no qual penetravam pelas inumeráveis portas, desaparecendo no interior.

Ali se encontravam frente a um cenário maravilhoso: na parte inferior a arena interminável se estendia rodeada por incontáveis fileiras de assentos que se elevavam até o topo da parede exterior que beirava os quarenta metros. Aquela enorme extensão estava totalmente coberta por seres humanos de todas as idades e classes sociais. Uma reunião tão vasta, concentrada de forma tal, na que somente se podiam distinguir longas fileiras de rostos feros, que iam-se estendendo sucessivamente, constituía um formidável espetáculo que em nenhuma parte do mundo pôde ser igualado, e que tinha sido ideado, sobre tudo, para aterrorizar e infundir submissão na alma do espectador. Mais de cem mil almas haviam-se reunido aqui, animadas por um sentimento comum, e incitadas por uma única paixão. Pois o que as havia atraído a este lugar era uma ardente sede do sangue de seus semelhantes. Jamais se achará um comentário mais triste desta alardeada civilização da antiga Roma, que este macabro espetáculo criado por ela.

Ali estavam presentes guerreiros que tinham combatido em distantes campos de batalha, e que conheciam muito bem o que eram atos de coragem; porém, não sentiam a menor indignação diante das cenas de covarde opressão que se desenvolviam perante seus olhos. Nobres das antigas famílias estavam ali presentes, mas não tinham olhos para ver nestas exposições cruéis e brutais o estigma sobre a honra de seus pátrias. Por sua vez os filósofos, os poetas, os sacerdotes, os governadores, os elevados, assim também como os humildes da terra, atestavam os bancos; mas os aplausos dos patrícios eram tão sonoros e ávidos como os dos plebeus. Que esperança havia para Roma quando os corações de seus filhos estavam inteiramente entregues à crueldade e à opressão mais brutal que se possa imaginar?

O trono elevado sobre um lugar proeminente do enorme anfiteatro estava ocupado pelo Imperador Décio, a quem rodeavam os principais dos romanos. Entre estes se podia contar um grupo da guarda pretoriana, que criticavam os diferentes atos da cena que se desenvolvia em sua presença com ar de expertos. Suas gargalhadas

estridentes, seu alvoroço e sua esplêndida vestimenta os fazia objeto de especial atenção de parte de seus vizinhos.

Já se haviam apresentado vários espetáculos preliminares, e era hora de começarem os combates. Apresentaram-se vários combates mão a mão, a maioria dos quais teve resultados fatais, despertando diferentes graus de interesse, segundo o valor e habilidade que demonstravam os combatentes. Tudo isso lograva o efeito de aguçar o apetite dos espectadores, aumentando sua veemência, enchendo-os do mais ávido desejo pelos eventos ainda mais emocionantes que iriam se seguir.

Um homem em particular tinha despertado a admiração e o frenético aplauso da multidão. Tratava-se de um africano de Maurîtânia, cuja complexão e fortaleza eram de gigante. Porém sua habilidade igualava sua fortaleza. Sabia brandir sua curta espada com destreza maravilhosa, e cada um dos rivais que até o momento tivera jaziam mortos.

Chegou o momento em que devia medir-se com um gladiador de Batava, homem ao qual somente ele igualava em força e em estatura. Mas os separava um contraste sumamente notável. O africano era tostado, de cabelo resplandecente e cacheado e olhos cintilantes; o de Batava era de tez clara, cabelo loiro e de olhos vivíssimos de cor gris. Era difícil dizer qual deles levava vantagem; tão acertado tinha sido o cotejo em todo sentido. Contudo, como o primeiro havia estado lutando por algum tempo, se pensava que tinha isso como uma desvantagem. Chegou, pois, o momento em que se travou a contenda com grande veemência e atividade de ambas as partes. O de Batava assestou tremendos golpes a seu rival, que foram detidos graças à viva destreza daquele. O africano era ágil e estava furioso, mas nada podia contra a fria e sagaz defesa de seu vigilante adversário.

Finalmente, a um sinal dado, foi suspenso o combate, e os gladiadores foram retirados, mas de nenhuma forma diante da admiração ou comiseração dos espectadores, senão simplesmente pelo sutil entendimento de que era o melhor modo de agradar o público romano.

Todos entendiam, naturalmente, que os gladiadores voltariam.

Chegou então o momento em que um grande número de homens foi conduzido à arena. Estes ainda estavam armados com espadas curtas. Nem tinha ainda se passado um instante, quando já eles tinham começado o ataque. Não era um conflito de dois bandos opostos, senão uma contenda geral, na qual cada um atacava seu vizinho. Tais cenas chegavam a ser as mais sangrentas, e portanto eram as que mais emocionavam os espectadores. Um conflito deste tipo sempre destruiria o maior número no menor tempo. A arena apresentava o cenário da confusão mais horrível. Quinhentos homens na flor da vida e

fortaleza, armados de espadas, lutavam em cega confusão uns contra os outros. Algumas vezes se trançavam numa massa densa e enorme; outras vezes se separavam violentamente, ocupando todo o espaço disponível, rodeando uma pilha de mortos no centro do campo. Porém, na distância, se assaltavam de novo com indeclinável e sedenta fúria, chegando a travar-se combates separados em toda a volta do macabro cenário; o vitorioso em cada um corria pressuroso a tomar parte nos outros, até que os últimos sobreviventes se encontravam novamente empenhados num cego combate massivo.

No final, as lutas agônicas pela vida ou a morte se tornavam cada vez mais fracas. Somente uns cem ficavam dos quinhentos que começaram, a qual mais extenuado e ferido. Repentinamente se deu um sinal e dois homens pularam na arena e se precipitaram desde extremos opostos sobre esta miserável multidão. Eram o africano e o de Batava. Já frescos depois do repouso, caíam sobre os infelizes sobreviventes que já não tinham nem o espírito de se combinarem, nem a força para resistir. Tudo se reduzia a uma carnificina. Estes gigantes matavam a destra e sinistra sem misericórdia, até que ninguém além deles ficou em pé no campo da morte e ouviam o estrondo do aplauso da multidão.

Estes dois novamente renovaram o ataque um contra o outro, atraindo a atenção dos espectadores, enquanto eram retirados os despojos miseráveis dos mortos e feridos. O combate voltava a ser tão cruel como o anterior e de invariável similitude. À agilidade do africano se opunha a precaução do de Batava. Porém, finalmente, aquele lançou uma desesperada investida final; o de Batava o parou e com a velocidade do relâmpago devolveu o golpe. O africano retrocedeu agilmente e soltou sua espada. Era demasiado tarde, porque o impacto de seu inimigo tinha-lhe traspassado o braço esquerdo. E conforme caiu, um alarido estrondoso de selvagem regozijo surgiu dos milhares de assim chamados seres humanos. Mas isto não devia considerar-se como o fim, porque enquanto ainda o conquistador estava sobre a sua vítima, o pessoal de serviço se introduziu depressa na arena e o tirou. Contudo tanto os romanos como o ferido sabiam que não se tratava de um ato de misericórdia. Somente se tratava de reservá-lo para o aziago fim que lhe esperava.

— O de Batava é um hábil lutador, Marcelo — comentou um jovem oficial com seu companheiro da concorrência da qual já se falou.

— Verdadeiramente o é, meu querido Lúculo — replicou o outro — . Não creio ter visto jamais um gladiador melhor que este. Em verdade os dois que se bateram eram muito melhores do comum.

— Lá dentro têm um homem que é muito melhor que estes dois.

— Ah! Quem é ele?

— O grande gladiador Macer. Acho que ele é o melhor que jamais vi.

— Tenho ouvido alguma coisa ao seu respeito. Achas que o colocarão nesta tarde?

— Entendo que sim.

Esta breve conversação foi bruscamente interrompida por um tremendo rugido que atravessou os ares, procedente do viveiro, ou seja, o lugar onde se mantinham encerradas as feras selvagens. Foi um daqueles bramidos ferozes e terríficos que costumavam lançar as mais selvagens das feras quando tinham chegado ao cúmulo da fome, que coincidia com o mesmo grau de furor.

Não tardaram em abrir-se as grades de ferro manejadas por homens desde cima, aparecendo o primeiro tigre à espreita na arena. Era uma fera da África, desde onde tinha sido trazida não muitos dias antes ¹. Durante três dias não havia provado alimento algum, e assim a fome, juntamente com o prolongado encerro tinham aguçado seu furor a tal extremo que somente olhá-lo aterrorizava. Acoitando-se com a cauda recorria a arena olhando para acima, com sanguinários olhos, para os espectadores. Porém a atenção destes não demorou em desviar-se para um objeto distinto. No outro extremo de onde estava a fera foi arrojado na arena nada menos que um homem. Não levava armadura nenhuma, senão que estava nu como todos os gladiadores, com a única exceção de uma tanga. Portando em sua destra a costureira espada curta, avançou com dignidade e passo firme para o centro do cenário.

Imediatamente todos os olhares convergiram sobre esse homem. Os inumeráveis espectadores clamaram freneticamente: "Macer! Macer!"

O tigre não demorou em vê-lo, lançando um breve mas selvagem rugido que infundia terror. Macer, com serenidade, permaneceu em pé com seu olhar tranqüilo mas fixo sobre a besta que mexia a cauda com maior fúria a cada vez, dirigindo-se a ele. Finalmente o tigre se encolheu, e desta posição, com o impulso característico se lançou num pulo feroz sobre sua presa. Macer não estava desprevenido. Como um relâmpago voou para a esquerda, e apenas o tigre havia caído em terra, quando lhe aplicou uma estocada curta mas cortante e certa no mesmo coração. Foi o golpe fatal para a fera! A enorme besta se estremeceu da cabeça aos pés, e, encolhendo-se para tirar toda a força de suas entranhas, soltou seu último bramido, que se ouviu quase como o clamor de um ser humano, depois do qual caiu morta na arena.

Novamente o aplauso da multidão se ouviu como o estrépito do trovão em todo o lugar.

— Maravilhoso! — exclamou Marcelo— Jamais vi uma habilidade como a de Macer!

¹ (Nota da Tradutora) Erro do original: os tigres são naturais da Ásia, e não da África.

Seu amigo lhe respondeu, retomando a conversa:

— Sem dúvida tem se passado a vida lutando!

Pronto o corpo do animal morto foi arrastado fora da arena, ao mesmo tempo que se ouvia o chirriar das grades que se abriam novamente atraindo a atenção de todos. Esta vez era um leão. Se deslocou lentamente em direção oposta, olhando em seu redor o cenário que o rodeava, em atitude de surpresa. Era este o exemplar maior de sua espécie, todo um gigante em tamanho, tendo sido por longo tempo preservado até lhe encontrar um adversário adequado. A simples vista parecia capaz de enfrentar vitoriosamente dois tigres como o que lhe haviam precedido. A seu lado Macer não era senão uma débil criatura.

O jejum desta fera tinha sido prolongado, mas não mostrava a fúria do tigre. Atravessou a arena de um a outro extremo, e depois todo em volta dela, numa espécie de trote, como se procurasse uma saída de escape. Porém, achando todo fechado, finalmente retrocedeu até o centro, e deitando o rosto no chão deixou ouvir profundo um bramido tão alto e prolongado que as enormes pedras do mesmo Coliseu vibraram com o som.

Macer permaneceu imóvel. Nenhum músculo de seu rosto mudou nem um pouco. Estava com a cabeça erguida com a expressão vigilante e característica, aferrando sua espada em guarda. Finalmente o leão se lançou sobre ele de cheio. O rei das feras e o rei da criação se mantiveram frente a frente olhando-se aos olhos um ao outro. Mas o olhar sereno do homem pareceu provocar a ira própria do animal. Ereta a cauda e todo ele, retrocedeu; com a juba para trás, se agachou até o chão em preparação para pular.

A enorme multidão se deteve, encantada. Eis aí uma cena que merecia seu interesse.

A massa escura do leão se lançou na frente, e outra vez o gladiador em sua habitual manobra pulou de lado e lançou sua estocada. Porém, esta vez a espada como feriu uma das costelas e caiu de suas mãos. O leão foi ferido ligeiramente, mas a pancada serviu só para enaltecer sua fúria até o grau supremo.

Macer, porém, não perdeu nem um ápice de sua característica calma e frialdade neste momento tremendo. Perfeitamente desarmado, em espera do ataque, se plantou diante da fera. Uma e outra vez o leão lançou ferozes ataques, e cada um foi evadido pelo ágil gladiador, quem com seus hábeis movimentos se aproximava engenhosamente ao lugar onde estava sua arma, até conseguir tomá-la novamente. E então, outra vez armado de sua espada protetora, esperava o arranhão final da fera, que respirava morte. O leão se arrojou como a vez anterior, mas esta vez Macer acertou no alvo. A espada lhe traspassou o coração, a enorme besta caiu contorcendo-se de dor. Pondo-se em

pe começou a correr na arena, e trás um último rugido agônico caiu morta junto às grades por onde tinha saído.

Agora Macer foi conduzido fora da praça, vendo-se aparecer novamente o de Batava. Se tratava de um público de gosto refinado, que demandava variedade. A este novo lutador lhe soltaram um tigre pequeno, o qual foi vencido. Seguidamente foi solto um leão. Este deu mostras de extrema ferocidade, embora seu tamanho não estava fora do comum. Não cabia a menor dúvida que o de Batava não se igualava a Macer. O leão se lançou sobre sua vítima, tendo sido ferido; porém, ao lançar-se pela segunda vez ao ataque, aferrou seu adversário e literalmente o despedaçou. Então novamente foi tirado Macer, para quem foi tarefa fácil acabar com o filhote.

E desta vez, enquanto Macer permanecia em pe recebendo os intermináveis aplausos, apareceu um homem no lado oposto. Era o africano. Seu braço nem sequer tinha sido vendado, mas pendia de seu lado, completamente coberto de sangue. Se encaminhou hesitante para Macer, com penosos passos de agonia. Os romanos sabiam que este tinha sido enviado simplesmente para que fosse morto. E o desventurado também o sabia, porque conforme se aproximou de seu adversário, jogou fora sua espada e exclamou numa atitude mais bem de desespero:

— Mata-me rápido! Libera-me da dor!

Todos os espectadores a uma ficaram mudos de assombro ao ver Macer retroceder e deixar cair sua espada no chão. Todos seguiam contemplando maravilhados até o máximo, silenciosos. E seu assombro foi tanto maior quando Macer voltou para o lugar onde estava o Imperador, e levantando as mãos bem alto clamou com voz clara, que alcançou a todos:

— Augusto Imperador, eu sou cristão! Eu pelejarei com feras silvestres, porém jamais levantarei minha mão contra meus semelhantes, os homens, sejam da cor que sejam. Eu morrerei gostoso, porém, eu não matarei!

Perante semelhantes palavras e atitude se levantou um crescente murmúrio.

— O que quer dizer esse aí? Cristão? Quando sucedeu a conversão? —perguntou Marcelo.

Lúculo respondeu:

— Soube que o haviam visitado no calabouço os malditos cristãos, e que ele teria-se unido a essa desprezível seita, na qual estão reunidas todas as fezes da humanidade. É muito provável que se tenha feito cristão.

— E preferirá morrer antes que lutar?

Assim costumam proceder aqueles fanáticos.

A surpresa daquela ralé foi substituída por uma ira selvagem. Os indignava que um mero gladiador se atrevesse a decepcioná-los. Os lacaios se apressaram a intervir para que a luta continuasse. Se em verdade Macer insistia em negar-se a lutar, deveria sofrer todo o peso das consequências.

Porém a firmeza do cristão era impassível. Absolutamente desarmado avançou até o africano, a quem poderia ter matado simplesmente com um soco. O rosto do africano havia-se tornado nesses breves instantes como o de um maluco endemoninhado. Em seus sinistros olhos reluzia uma mistura de surpresa e louco regozijo. Recolhendo sua espada e aferrando-a firmemente se dispus ao ataque com toda liberdade, afundando-a de um só golpe no coração de Macer.

— Senhor Jesus, recebe meu espírito! — saíram essas palavras entre a torrente de sangue em meio do qual esta humilde porém ousada testemunha de Cristo deixou a terra, unindo-se ao nobilíssimo exército de mártires.

— Costuma haver muitas cenas como esta? — perguntou Marcelo.

— Assim é às vezes. Cada vez que se apresentam cristãos. Eles enfrentam qualquer número de feras. As mulheres caminham de frente desafiando leões e tigres, porém nenhum desses loucos quer levantar sua mão contra outros homens. Este Macer tem desiludido amargamente a nosso povo. Era o mais excelente de todos os gladiadores que se tenham conhecido; porém, ao se converter em cristão, cometeu a pior das bobagens.

Marcelo respondeu meditativo:

— Fascinante religião deve ser aquela que leva um simples gladiador a proceder da forma que vimos!

— Já terás oportunidade de contemplar muito mais que isto que te admira.

— Como assim?

— Não sabes? Estás comissionado para desenterrar alguns desses cristãos. Introduziram-se nas catacumbas e é necessário persegui-los.

— Qualquer um pensaria que já têm suficiente. Somente esta manhã queimaram cinqüenta deles.

-E a semana passada degolaram cem. Mas isso não é nada. A cidade íntegra tem-se convertido num enxame deles. Mas o Imperador Décio ² resolveu restaurar em toda sua plenitude a antiga religião dos romanos. Desde que estes cristãos apareceram, o império vai em vertiginosa declinação. Em vista disso ele se propus aniquilá-los por

² Esta perseguição pelo Imperador Décio foi desde o ano 249 ao 251 D.C., ou seja que durou por volta de dois anos e meio. Décio morreu em batalha com os godos, por volta de fins de 251 D.C. (Nota do original)

completo. São a maior maldição, e como tal devem ser tratados. Pronto chegarás a compreendê-lo.

Marcelo respondeu com modéstia:

— Eu não tenho residido em Roma o suficiente, e assim é que não compreendo o que os cristãos acreditam em verdade. O que tem chegado aos meus ouvidos é que praticamente todo crime que acontece é imputado a eles. Porém, no caso de ser como tu falas, hei de ter a oportunidade de chegar a sabê-lo.

Nesse momento uma nova cena chamou-lhes a atenção. Desta vez entro no cenário um ancião, de figura inclinada e cabelo branco-prata. Era de idade muito avançada. Sua aparição foi recebida com gritos de zombaria e escárnio, embora seu rosto venerável e sua atitude digna até o extremo faziam presumir que era apresentado para despertar admiração. Enquanto as risadas e alaridos de escárnio feriam seus ouvidos, ele elevou sua cabeça ao mesmo tempo que pronunciou umas poucas palavras.

— Quem é ele?

— Esse é Alessandro, um mestre da abominável seita dos cristãos. É tão obstinado que se nega a desdizer-se...

— Silêncio. Escuta o que está dizendo.

— Romanos — disse o ancião— eu sou cristão. Meu Deus morreu para mim, e eu gozoso ofereço minha vida por Ele.

Um bronco uivo de gritos e imprecações selvagens afogaram sua voz. E antes que aquilo tivesse concluído, três panteras apareceram pulando rumo ele. O ancião cruzou os braços, e elevando seu olhar para o céu, podia ver-se seus lábios se mexerem como sussurrando suas orações. As selvagens feras caíram sobre ele enquanto orava de pe, e em questão de segundos o haviam destruído.

Seguidamente deixaram entrar outras feras selvagens. Começaram a pular em volta da arena, tentando pular contra as barreiras. Em seu furor se trançaram em horrorosa briga umas contra as outras. Era uma cena espantosa.

Em meio da mesma foi arrojado um bando de indefesos prisioneiros, empurrados com rudeza. Tratava-se principalmente de moças, que deste modo eram oferecidas à apaixonada turba romana sedenta de sangue. Cenas como estas teriam comovido o coração de qualquer em quem os últimos traços de sentimentos humanos não tivessem sido anulados. Mas a compaixão não tinha espaço em Roma. Encolhidas e temerosas, as infelizes criaturas mostravam a humana debilidade natural de enfrentar-se com morte tão terrível; porém de um momento para outro, algo como que uma faísca misteriosa de fé as possuía e as fazia superar todo temor. Ao perceber as feras a presença de suas presas, começaram a aproximar-se. Estas jovens, ajuntando as mãos, puseram seus olhos nos céus, e elevaram um cântico solene e

imponente, que se levantou com clareza e belíssima doçura para as mansões celestiais:

Ao que nos amou,
Ao que nos lavou de nossos pecados,
Em seu próprio sangue;
Ao que nos fez reis e sacerdotes,
Para nosso Deus e Pai,
A Ele seja glória e domínio
Pelos séculos dos séculos,
Aleluia! Amém!

Uma a uma foram silenciadas as vozes, afogadas com seu próprio sangue, agonia e morte; um a um os clamores e contorções de angústia se confundiam com exclamações de louvor; e estes belos espíritos juvenis, tão heróicos ante o sofrimento e fiéis até a morte, levaram seu canto até uni-lo aos salmos dos remidos nas alturas.

CAPÍTULO 2

O ACAMPAMENTO PRETORIANO

Cornélio, o centurião, varão justo e temeroso de Deus. ³

Marcelo tinha nascido em Gades, e havia sido criado sob a férrea disciplina do exército romano. Tinha estado em destacamentos na África, na Síria e na Bretanha, e em todas partes havia-se distinguido, não somente por seu valor no campo de batalha, senão também por sua sagaz habilidade administrativa razões estas pelas quais tinha-se feito merecedor de honras e ascensões. Quando chegara a Roma, aonde vinha trazendo importantes mensagens, tinha agradado o Imperador de forma tal que o havia destinado para um posto honorário entre os pretorianos.

Lúculo, ao contrário, jamais tinha saído das fronteiras da Itália, apenas talvez da cidade. Pertencia a uma das mais antigas e nobres famílias romanas, e era, naturalmente, herdeiro de abundantes riquezas, com a correspondente influência que a essas acompanha. Tinha sido atraído pelo ousado e franco caráter de Marcelo, e sendo assim os dois jovens se converteram em firmes amigos. O conhecimento minucioso que da capital possuía Lúculo, lhe deparava a facilidade de servir seu amigo; e as cenas descritas no capítulo

³ Atos 10:1-2

precedente foram uma das primeiras visitas que Marcelo fazia ao renomado Coliseu.

O acampamento pretoriano estava situado junto à muralha da cidade, à qual estava unido por outra muralha que o cercava. Os soldados viviam em quartos a modo de com celas perfuradas na mesma parede. Era um corpo integrado por numerosos homens cuidadosamente selecionados, e sua posição na capital lhes concedeu tal poder e influência que por muitas eras mantiveram o controle do governo da capital. Um posto de mando entre o pretoriano significava um caminho seguro para a fortuna, e Marcelo reunia todas as condições para que lhe fosse augurado um futuro plêtorico de perspectivas e todas as honras que o favor do Imperador podia depará-lhe.

Na manhã do dia seguinte, Lúculo ingressou em seu quarto, e depois de ter trocado as saudações usuais e de confiança, começou a falar a respeito da luta que tinham presenciado.

Marcelo disse:

— Tais cenas não são das que em verdade me agrado. São atos de crassa covardia. A qualquer pode lhe comprazer ver dois homens bem treinados travar-se numa luta parelha e limpa; mas aquelas carnificinas que se vêem no Coliseu são detestáveis. Por que deviam matar Macer? Ele era um dos mais valentes dos homens, e eu tributo toda a minha homenagem à sua valentia inimitável. E por que deviam arrojá-los às feras selvagens àqueles anciãos e crianças?

— É que esses eram cristãos. E a lei sagrada é inquebrantável.

— Essa é a resposta de sempre. Que delito cometeram os cristãos? Eu me encontrei com eles por todas partes no império, mas jamais os vi entregues nem comprometidos sequer em perturbações ou coisa semelhante.

— Eles são o pior da humanidade.

— Essa é a acusação. Mas, que provas há?

— Provas? Que necessidade temos de provas, se sabemos até a saciedade o que são e fazem. Conspiram em segredo contra as leis e a religião de nosso estado. E tanta é a magnitude de seu ódio contra as instituições que eles preferem morrer antes que oferecer sacrifício. Não reconhecem rei nem monarca algum na terra, senão àquele judeu crucificado que eles insistem que vive atualmente. E tanta é sua malevolência para nós que chegam a afirmar que devemos ser torturados toda a nossa vida futura nos infernos.

— Tudo isso pode ser verdade. Disso não entendo nada. Respeito a eles não conheço nada.

— A cidade está atestada deles; o império foi invadido. E tem presente isto que te digo. A declinação de nosso amado império que vemos e lamentamos por todas partes, o fato de que se tenham

difundido a debilidade e a insubordinação, a contração de nossas fronteiras; tudo isso aumenta conforme aumentam os cristãos. A quem mais se devem todos esses males, senão a eles?

— Como assim eles chegaram a originar isso tudo?

— Por meio de seus ensinamentos e práticas detestáveis. Eles ensinam que o pelear é mau, que os soldados são os mais vis dos homens, que nossa gloriosa religião sob a qual prosperamos é uma maldição, que nossos deuses imortais não são senão demônios malditos. Em suas práticas privadas eles realizam os mais tenebrosos e imundos dos crimes. Eles sempre mantêm entre si o mais impenetrável segredo, mas as vezes temos chegado a escutar seus perniciosos discursos e seus impudicos cantos.

— Em verdade que, de ser isso assim, é algo sumamente grave e merecem o mais severo castigo. Mas, de acordo com tua própria declaração, eles mantêm o segredo entre eles, e portanto se sabe muito pouco deles. Dize-me, aqueles homens que sofreram o martírio ontem, tinham a aparência de tudo isso? Aquele ancião, tinha algo que demonstrasse que havia passado sua vida entre cenas de vício? Eram acaso obscenos os cantos que elevaram essas belíssimas moças enquanto esperavam ser devoradas pelos leões?

Ao que nos amou;

Ao que nos lavou de nossos pecados com seu sangue...

E Marcelo cantou em voz baixa e suave as palavras que tinha ouvido.

— Te confesso, amigo, que eu no fundo de minha alma lamentei a sorte deles.

Ao que Marcelo agregou:

— E eu teria chorado se não tivesse sido soldado romano. Detém-te um momento e reflexiona. Tu me dizes coisas a respeito dos cristãos que ao mesmo tempo confessas que somente sabes de ouvidos, de lábios daqueles que também ignoram o que dizem. Te atreves a afirmar que são infames e vis, o lixo da terra. Eu pessoalmente os contemplo quando afrontam a morte, que é a que prova as qualidades mais elevadas da alma. A enfrentam com nobreza, ao extremo de morrer alegremente. Roma em toda sua história não pode exibir um único exemplo de cena de maior devoção que a que presenciamos ontem. Tu dizes que eles detestam os soldados, mas são sobremodo valorosos; me dizes que eles são impuros, porém, se pode se dizer que existe pureza em toda a terra, correspondente às belíssimas donzelas que morreram ontem.

— Te entusiasmas excessivamente por aqueles párias.

— Não é mero entusiasmo, Lúculo. Eu desejo saber a verdade. Toda a minha vida tenho ouvido estas referências. Mas diante do que vi ontem juntamente contigo, pela primeira vez cheguei a suspeitar de sua veracidade. E agora te pergunto com todo meu empenho, e descubro que teu conhecimento não se fundamenta em nada. E hoje bem me lembro que estes cristãos por todo o mundo são pessoas pacíficas e honestas a toda prova. Jamais tomam parte em levantamentos ou perturbações, e estou convencido que nenhum destes crimes que lhes são imputados poderá ser provado contra eles. Por que, então, são mortos?

— Porém o Imperador deve ter boas razões para tê-lo disposto assim.

— Bem pode ele ter sido instigado por conselheiros ignorantes ou maliciosos.

— Tenho entendido que é uma resolução tomada por ele mesmo.

— O número dos que foram entregues à morte dessa forma e pelo mesmo motivo é enorme.

— Ah, sim, são alguns milhares. Restam ainda muitos mais; mas é que não podem ser capturados. E precisamente isso me lembra a razão de minha presença aqui. Te trago a comissão imperial.

Lúculo extraiu das dobras de sua capa militar um rolo de pergaminho, o qual entregou a Marcelo. Este último examinou com avidez seu conteúdo. Era ascendido a um grau maior, ao mesmo tempo que ficava comissionado para buscar, perseguir e deter os cristãos onde fosse que estivessem ocultos, fazendo menção particular das catacumbas.

Marcelo leu preocupado e depois colocou o rolo de lado.

— Não parece estar muito contente.

— Te confesso que a tarefa é desagradável. Sou um soldado e não gosto disso de andar à caça de velhos débeis e crianças para os carrascos. Porém, como soldado, devo obedecer. Fala-me algo acerca das catacumbas.

— As catacumbas? É um distrito subterrâneo que existe embaixo da cidade, e cujos limites ninguém conhece. Os cristãos fogem às catacumbas cada vez que se encontram em perigo; também estão já habituados a enterrar seus mortos ali. Uma vez que conseguem penetrar ali, podem-se considerar fora do alcance dos poderes do estado.

— Quem fez as catacumbas?

— Ninguém sabe com exatidão. O fato é que estiveram ali durante muitos séculos. Eu acredito que foram escavadas com o objeto de extrair areia para edificações. Pois na atualidade todo o nosso cimento provém dali, e poderás ver inumeráveis operários trazendo cimento à cidade por todos os caminhos. Na atualidade têm que ir até uma

grande distância, porque com o transcurso dos anos foi escavado tanto sob a cidade que a deixaram sem fundamento.

— Existe alguma entrada regular?

— Existem inúmeras entradas. Precisamente essa é a dificuldade. Pois se existisse somente umas poucas, então poderíamos capturar os fugitivos. Porém, assim não podemos distinguir desde que direção devemos avançar sobre eles.

— Há algum distrito do qual se suspeita?

— Sim. Seguindo pela Via Ápia, umas duas milhas para a frente, perto do túmulo de Cecília Metella, a grande torre redonda que conheces, ali foram achados muitos cadáveres. Fazem-se conjecturas de que se trata dos corpos dos cristãos que foram resgatados do anfiteatro e levados para lá para dar-lhes sepultura. Ao se aproximarem os guardas os cristãos deixaram os cadáveres e fugiram. Mas, depois de tudo, isso não ajuda de muito, porque depois que alguém penetra nas catacumbas, não pode considerar que esteja mais perto do objetivo que antes. Não existe ser humano que possa penetrar naquele labirinto sem o auxílio daqueles que moram ali mesmo.

— Em mora ali?

— Os escavadores, que ainda se dedicam a cavar a terra em busca de areia para as construções. Quase todos eles são cristãos, e sempre estão ocupados em escavar tumbas para os cristãos que morrem. Esses homens viveram ali sua vida toda, e não somente pode se dizer que estão familiarizados com todas aquelas passagens, senão que têm uma espécie de intuição que os conduz.

— Entraste algumas vezes nas catacumbas, verdade?

— Uma vez, faz muito tempo, quando um escavador me acompanhou. Mas só permaneci ali um curto tempo. Deu-me a impressão de ser o lugar mais terrível que existe no mundo.

— Eu tenho ouvido falar das catacumbas, mas em realidade não sabia nada a respeito delas. É estranho que sejam tão pouco conhecidas. Não poderiam esses escavadores comprometer-se a guiar os guardas por todos esses labirintos?

— Não, eles não entregariam os cristãos.

— Mas, tentaram fazê-lo?

— Oh, sim. Alguns obedecem e guiam os oficiais da justiça através da rede de passagens, até que chega um momento em que quase perdem o sentido. As tochas quase extinguem, chegando eles a aterrorizar-se. E então pedem para voltar. O escavador expressa que os cristãos devem ter fugido, e assim volta o oficial ao ponto de partida.

— E ninguém tem a suficiente resolução de seguir até chegar a encontrar os cristãos?

— Se insistem em continuar a busca, os escavadores os conduzem até onde desejem. Mas o fazem pelas incontáveis passagens que interceptam alguns distritos particulares.

— E não foi achado nem um só que entregue os fugitivos?

— Sim, algumas vezes. Mas, de que serve? Ao primeiro sinal de alarme todos os cristãos desaparecem pelos condutos laterais que se abrem por toda parte.

— Minhas perspectivas de êxito parecem muito poucas.

— Poderão ser poucas, porém muita esperança está cifrada em tua ousadia e sagacidade. Pois se chegas a ter êxito nesta empresa que te é comissionada, terás assegurado a tua fortuna. E agora, boa sorte! Disse-te tudo o que sei. Não terás dificuldades em aprender muito mais de qualquer dos escavadores.

Assim falava Lúculo, enquanto ia embora. Marcelo escondeu o rosto entre as mãos, e sumiu-se em profundos pensamentos. Porém, na metade de sua meditação o perseguia, como envolvendo-o, as primeiras frases, cada vez mais penetrantes, daquela gloriosa melodia que evidenciava o triunfo sobre a morte: "Ao que nos amou. Ao que nos lavou de nossos pecados".

CAPÍTULO 3

A VIA ÁPIA

Sepulcros em demonstração de melancolia, guardam dos poderosos as cinzas que dormem na Via Ápia.

Marcelo entregou-se de cheio e sem perder um momento a cumprir a comissão para a qual tinha sido destinado. No dia seguinte dedicou-se à investigação. Como se tratava de uma correria de mera indagação, não se fez acompanhar de soldado algum. Partindo do quartel dos pretorianos, tomou a Via Ápia rumo ao exterior da cidade.

Uma sucessão de túmulos alinhava-se a ambos lados desta famosa via, cuja magnífica conservação estava a cargo das cuidadosas famílias a quem pertencia. A certa distância do caminho ficavam as casas e as vilas, tão igualmente apinhadas como no centro da cidade. Muita distância ficava ainda por recorrer para chegar a campo aberto.

Finalmente chegou o caminhante à enorme torre redonda, a qual se levanta a umas duas milhas da porta. Construída de enormes blocos de pedra, tinha sido ornamentada com a mais imponente beleza e simplicidade ao mesmo tempo. O estilo austero de tão sólida construção lhe imprimia um ar de firme desafio contra os embates do tempo.

A esta altura Marcelo se deteve para contemplar o que havia percorrido. Roma tinha a virtude de oferecer uma vista nova e a qual mais interessante àquele observador que recém a conhecia. O mais notório aqui era a interminável fileira de túmulos. Até este ponto de repouso inevitável tinham chegado em sua marcha triunfal as grandes, os nobres e os valentes dos tempos passados, cujos epitáfios competiam em fazer públicas suas honras terrenas, em contraste com a incerteza de suas perspectivas no ignoto de uma vida, por ventura, sem fim. As artes ao serviço da riqueza haviam erigido estes pomposos monumentos, e o efeito piedoso dos séculos os tinha preservado até o momento. Precisamente frente a ele tinha o mausoléu sublime de Cecília Metella. Mais além estavam os túmulos de Catalino e os Servili. Ainda mais longe seu olhar encontrou o lugar de repouso de Escipião, cuja clássica arquitetura classificava seu conteúdo com "o pó de seus heróicos moradores".

À sua mente acudiram as palavras de Cícero: *"Quando saís pela Porta Capena, e vedes as tumbas de Catalino, dos Escipiões, dos Servili, vos atreveis a pensar que os que ali sepultados repousam são infelizes?"*

Ali estava o Arco de Druso, limitando o largo da via. Num dos lados estava a gruta histórica de Egéria, e a curta distância, o lugar escolhido uma vez por Aníbal para lançar sua javalina contra as muralhas de Roma. As intermináveis fileiras de tumbas seguiam até que na distância terminavam na monumental pirâmide de Gaio Cestio, oferecendo todo este conjunto o maior cenário de magnificência sepulcral que podia ser achado em toda a terra.

Por todos os lados a terra estava coberta das moradas do homem, porque fazia longo tempo que a cidade imperial tinha excedido seus limites originais, e as casas tinham se espalhado por todos os lados no campo que a circundava, até o extremo que o viajante apenas podia distinguir onde terminava o campo e onde começava a cidade.

Desde a distância parecia saudar o ouvido o barulho da cidade, o rolar dos numerosos carros, o recorrer de multidões de pés pressurosos. Diante dele se levantavam os monumentos, o branquíssimo brilho do palácio imperial, as inumeráveis cúpulas e colunas formando torres elevadas, como uma cidade no ar, por encima de todo o excelso Monte Capitolino, em cujo cume se eleva o templo de Júpiter.

Porém, tanto mais impressionante que o esplendor do lar dos vivos era a solenidade da cidade dos mortos.

Que desperdício de glória arquitetônica se espalhava em volta dele! Ali se elevavam orgulhosos os monumentos das grandes famílias de Roma. O heroísmo, o gênio, o valor, o orgulho, a riqueza, tudo aquilo que o homem estima ou admira, animavam aqui as eloquentes pedras

e despertavam a emoção. Aqui estavam as formas visíveis das mais altas influências da antiga religião pagã. Porém, seus efeitos sobre a alm nunca corresponderam com o esplendor de suas formas externas ou a pompa de seus ritos. Os epitáfios dos mortos não evidenciavam nem um ápice de fé, senão amor à vida e seus triunfos; nada de segurança de uma vida imortal, mas um triste desejo egoísta dos prazeres deste mundo.

Tais eram os pensamentos de Marcelo, enquanto meditava sobre o cenário que tinha diante dele, repetindo-se insistentemente a lembrança das palavras de Cícero: "Os atreveis a pensar que o que ali sepultados repousam são infelizes?"

Continuou pensando agora: "Estes cristãos, em cuja busca estou, parecem ter aprendido mais do que eu posso descobrir em nossa filosofia. Eles parecem nosso somente ter conquistado o temor da morte, senão que aprenderam a morrer gozosos. Que poder segredo têm eles que chega a inspirar ainda os mais jovens e os mais fracos deles? Qual o significado oculto de seus cânticos? Minha religião pode somente ter esperança de que talvez não serei infeliz; porém, a deles os leva a morrer com cantos de triunfo, de regozijo".

Mas, o que ia fazer para poder continuar com sua busca dos cristãos? Multidão de pessoas passavam junto dele, mas ele não podia descobrir um só capaz de ajudá-lo. Edifícios de variados tamanhos, muralhas, túmulos e templos o rodeavam por todas partes, mas ele não via lugar algum que pudesse conduzi-lo às catacumbas. Estava completamente perdido e sem saber o que fazer.

Entrou numa rua caminhando lentamente, tentando fazer um escrutínio cuidadoso de cada pessoa que achava, e examinando minuciosamente cada edifício. Contudo, não obteve o menor resultado, salvo o ter descoberto que a aparência externa de quanto o rodeava não mostrava sinais que a relacionassem com moradas subterrâneas. O dia se passou, e começou a ficar tarde; mas Marcelo lembrou que tinham lê falado que havia muitas entradas às catacumbas, e foi assim que continuou sua busca, esperando achar um itinerário antes do fim do dia.

No final, sua busca foi recompensada. Tinha caminhado em todas direções, às vezes recorrendo suas próprias pegadas e voltando de novo ao mesmo ponto de partida para re-orientar-se. As sombras crepusculares se aproximavam e o sol chegava ao ocaso. Nessas circunstâncias, seu olho alerta foi atraído para um homem que na direção oposta caminhava seguido de uma criança. a vestimenta do homem era de confecção rústica, e além disso, suja de areia, barro e argila. Seu aspecto enxuto e pálido rosto evidenciavam que era alguém que tinha estado longo tempo em prisões, e assim toda sua aparência externa atraiu o atento olhar do jovem soldado.

Aproximou-se daquele homem, e não sem antes colocar a mão sobre seu ombro, lhe disse:

— Você é escavador. Venha comigo.

Ao alçar o homem o olhar, deu com um rosto severo. E a presença das roupas de oficial o atemorizaram. No instante desapareceu, e antes que Marcelo pudesse dar o primeiro passo em sua perseguição, tinha tomado um encaminhamento lateral e tinha-se perdido de vista.

Mas Marcelo pegou o rapaz.

— Vem comigo — disse.

A pobre criança não pôde fazer senão fitá-lo, mas com tal agonia e medo que Marcelo ficou comovido.

— Tenha misericórdia de mim, o peço pela minha mãe. Se você me detém, ela morrerá.

A criança se lançou aos seus pés, balbuciando somente aquilo em forma entrecortada.

— Não vou te fazer nenhum dano, vem comigo — e assim o conduziu para um espaço aberto afastado do lugar por onde tanta gente estava circulando—. E agora que estamos sós, — disse-lhe, detendo-se e fitando-o—, me diz a verdade. Quem é você?

— Me chamo Pólio — disse o menino.

— Onde você mora?

— Em Roma.

— E o que estás fazendo aqui?

— Saí para cumprir um encargo.

— Quem era aquele homem?

— Um cavador.

— O que estavas fazendo com ele?

— Ele estava me levando um pacote.

— O que continha o pacote?

— Provisões.

— A quem as levavas?

— A uma pessoa necessitada por lá.

— Onde mora essa pessoa?

— Aqui perto, perto.

— Ora, rapaz, fala a verdade. Você conhece algo das catacumbas?

— Tenho ouvido falar delas. Os escavadores vivem ali.

— Nunca estive dentro delas?

— Sim, já estive algumas vezes.

— Conhece alguém que more lá?

— Sim, algumas pessoas. Os escavadores moram ali.

— Você ia às catacumbas com ele?

— O que vou fazer ali nesta hora? — disse o garoto, inocentemente.

— Isso precisamente é o que eu desejo saber. Ia para lá?

— Como poderia atrever-me a ir para lá, quando está proibido pela lei?

Marcelo disse abruptamente:

— Já é noite. Vamos ao serviço noturno daquele templo.

O menor vacilou e depois disse:

— Estou com pressa.

— Mas neste momento você é meu prisioneiro. Eu nunca deixo de ir adorar meus deuses. Você tem de vir agora comigo e me ajudar em meus serviços devocionais.

Ao que a criança respondeu firmemente:

— Eu não posso.

— Por que não podes?

— Porque sou cristão.

— Eu já sabia. E você tem amigos nas catacumbas, e vá para lá agora. Eles são as pessoas necessitadas a quem está levando essas provisões, e o mandado que diz é para benefício deles.

O rapaz inclinou a cabeça e guardou silêncio.

— Quero que me conduzas agora mesmo à entrada das catacumbas.

— Oh, vejo que você é um oficial generoso, tenha misericórdia de mim! Não me peça semelhante coisa, porque não posso fazê-lo. jamais vou trair meus amigos.

— Você não vai traí-los. Não significa nada que me mostres uma entrada entre as muitas que conduzem lá embaixo. Acreditas que os guardas não as conhecem a todas?

O rapaz refletiu por um momento, e finalmente manifestou seu assentimento.

Marcelo o tomou pela mão e se entregou para que o conduzisse. Ele voltou à direita da Via Ápia, e depois de recorrer uma curta distância, chegou a uma casa desabitada. Entrou nela e desceu ao porão. Ali havia uma porta que aparentemente dava a um simples depósito. O rapaz indicou esse lugar e se deteve.

— Eu desejo descer lá — disse Marcelo firmemente.

— Tem certeza que você não se atreveria a descer lá sozinho?

— Dizem que os cristãos não cometem delitos. O que deveria eu temer? Continuemos.

— Eu não tenho tochas.

— Mas eu tenho. Eu vim preparado. Vamos.

— Eu não posso continuar mais.

— Você se nega?

O rapaz respondeu:

— Devo negar-me. Meus amigos, meus parentes estão lá embaixo. Antes de conduzir você lá onde eles estão eu morreria cem vezes.

— Você é muito ousado. Mas não sabe o que é a morte.

— Que eu não sei? Que cristão há que tema ir à morte? Já vi muitos de meus amigos morrer em agonia, e ainda ajudei a sepultá-los. Eu no vou conduzi-lo lá. Me leve à prisão.

A criança deu meia volta.

— Mas se eu te levar, o que pensarão teus amigos? Você tem mãe?

O menino inclinou a cabeça e começou a chorar amargamente. A menção daquele nome querido o havia vencido.

— Já vejo que tem mãe e que a ama. Me leva embaixo e voltará vê-la.

— Eu jamais os trairei, já falei. Antes morrerrei. Faça comigo o que você desejar.

— Se eu tivesse más intenções, acha que desceria sem me fazer acompanhar por soldados? — disse Marcelo.

— Mas, o que pode querer um soldado, ou um pretoriano, com os perseguidos cristãos, senão destruí-los?

— Moleque, eu não tenho más intenções. Se você me conduz lá embaixo te juro que não farei nada contra teus amigos. Quando eu esteja lá, eu serei um prisioneiro, e eles podem fazer comigo o que desejem.

— Você me jura que não vai traí-los?

— Eu juro pela vida de César, e pelos deuses imortais — disse Marcelo solenemente.

— Vamos, então — disse a criança — . Não precisamos tochas. Me siga cuidadosamente.

E o menor penetrou pela estreitíssima abertura.

CAPÍTULO 4

AS CATACUMBAS

*Nada de luz, mas só trevas
Que descobriam quadros de angústia,
Regiões de dor, funestas sombras.*

Seguiram na densa escuridão, até que no fim a passagem se tornou mais larga e chegaram a uns degraus que conduziam para abaixo. Marcelo, colhido das roupas do menino, o seguiu.

Era certamente uma situação que provocava alarme. Pois estava se entregando nas mãos daqueles homens, a quem precisamente a classe a qual ele pertencia os havia privado do ar livre, afundando-os naquelas tétricas moradas. Para eles Marcelo não podia ser reconhecido de outro modo senão como perseguidor. Mas a impressão que nele havia deixado a gentileza e humildade deles era tal que não

tinha o menor temor de sofrer dano algum. Estava simplesmente em mãos deste rapaz que bem poderia conduzi-lo à morte nas densas trevas deste impenetrável labirinto, mas nem sequer pensava nisso. Era o desejo fervente de conhecer mais desses cristãos, lograr seu segredo, o que o conduzia a seguir adiante; e conforme tinha jurado, assim havia resolvido que essa visita não seria utilizada para traí-los ou feri-los.

Depois de descer por algum tempo, estavam caminhando por terreno a nível. De repente voltaram e entraram numa pequena câmara com abobadada, que estava alumiada pela débil fosforescência de um fogo. A criança havia caminhado com passo firme sem a menor vacilação, como quem está perfeitamente familiarizado com o caminho. Ao chegar àquela câmara, acendeu a tocha que estava no chão, e recomeçou sua marcha.

Existe sempre alguma coisa de inexplicável no ar de um campo santo, que não é possível comparar com o de nenhum outro lugar. Prescindindo o fato da reclusão, a umidade, o mortal cheiro da terra, há uma certa influência sutil que envolve tais âmbitos com tanta intensidade que os faz tanto mais aterradores. Ali aflora o hálito dos mortos, que pousa tanto na alma como no corpo. Eis ali a atmosfera das catacumbas. O frio e a umidade atacavam o visitante, quais ares estremecidos do reino da morte. Os vivos experimentam o poder misterioso da morte.

Pólio caminhava na frente, seguido de Marcelo. A tocha iluminava apenas as densas trevas. Os reflexos da luz do dia, nem ainda o mais fraco raio, jamais poderiam penetrar aqui para aliviar a deprimente densidade dessas trevas. A escuridão era tal que podia se sentir. A luz da tocha deu lume só uns poucos passos, mas não demorou em extinguir-se em tantas trevas.

A senda seguia tortuosamente fazendo giros incontáveis. Repentinamente Pólio se deteve e indicou embaixo. Olhando entre a escuridão, Marcelo viu uma abertura na senda que conduzia ainda mais abaixo de onde já estavam. Era uma fossa sem fundo visível.

— Aonde conduz?

— Abaixo.

— Existem mais corredores lá embaixo?

— Oh, sim. Há tantos como aqui; e ainda embaixo da seguinte seção há outros. Eu só estive em andares diferentes destas sendas, mas alguns velhos escavadores dizem que há alguns lugares onde se pode descer a uma profundidade enorme.

O corredor serpenteava de tal modo que toda idéia de localização se perdia por completo. Marcelo já não podia precisar se estava a uns quantos passos da entrada ou a muitos estádios. Seus perplexos pensamentos demoraram em voltar-se para as coisas. Ao passar a

primeira impressão das densas trevas, dedicou-se a olhar mais atentamente ao que se lhe apresentava à vista, cada vez mais maravilhado do estranho recinto. Ao longo das muralhas havia pranchas semelhantes a lápides que pareciam cobrir longas e estreitas escavações. Estes nichos celulares alinhavam-se a ambos lados tão estreitamente que apenas sobrava espaço entre um e outro. As inscrições que se viam nas pranchas evidenciavam que eram tumbas de cristãos. Não teve tempo de deter-se para ler, mas havia uma nota de repetição da mesma expressão, tal como:

HONÓRIA – ELA DORME EM PAZ

FAUSTA – EM PAZ

Em quase todas as tábuas viu ele a mesma doce e benigna palavra. "PAZ", pensava Marcelo. "Que gente mais maravilhosa são estes cristãos, que ainda em meio de cenários como este abrigam seu sublime desdém pela morte".

Seus olhos habituavam-se cada vez melhor às trevas conforme avançava. Agora o corredor começava a estreitar-se; o teto se inclinava e os lados se aproximavam; eles deviam encolher-se e caminhar mais devagar. As muralhas eram toscas e rudemente cortadas conforme as deixavam os trabalhadores quando extraíam daqui sua última carga de areia para os edifícios do exterior. A umidade subterrânea e os fungos estavam por todas partes, agravando toda sua tétrica cor, saturando o ar de pesada umidade, enquanto a fumaça das tochas fazia a atmosfera tanto mais depressiva.

Passaram centenas de corredores e dezenas de lugares em que se encontravam numerosas sendas, que se separavam em diferentes direções. Estas inumeráveis sendas demonstravam a Marcelo até que ponto estava fora de toda esperança, cortado do mundo exterior. Esta criança o tinha em suas mãos.

— Costumam se perder algumas pessoas aqui?

— Com grande freqüência.

— Que acontece com eles?

— Algumas vezes vagueiam até que encontram algum amigo; outras vezes nunca mais se sabe nada deles. Mas na atualidade a maioria de nós conhecemos o lugar tão bem, que se nos perdêssemos, não demoraríamos em chegar de novo, tateando, a alguma senda conhecida.

Uma coisa em particular impressionou maggiormente o jovem oficial, e era a imensa preponderância de tumbas pequenas. Pólio explicou que essas pertenciam a crianças. Isso despertou nele sentimentos e emoções que não tinha experimentado antes.

"Crianças!", pensava, "O que fazem com eles? Os jovens, os puros, os inocentes? Por que não foram sepultados acima, onde os raios benfeitores do sol os abrigariam e as flores enfeitariam seus túmulos?"

Acaso eles recorreram trilhas tão tenebrosas como estas em seus curtos dias de vida? Acaso eles partilharam sua sorte com aqueles que recorreram a estes tétricos esconderijos em sua fuga da perseguição? Talvez o ar mortífero de interminável tristeza destas pavorosas moradas diminuiu suas preciosas vidas infantis, e tirou a vida de seus imaculados espíritos antes de seu tempo de maturidade?"

Marcelo, como em um suspiro, perguntou:

— Muito tempo faz que estamos nesta marcha, estamos já para chegar?

O menino respondeu:

— Muito pronto chegaremos.

Sejam quais fossem as idéias que Marcelo abrigava antes de chegar até lá quanto a caça destes fugitivos, agora estava convencido de que todo intento de fazê-lo era absolutamente em vão. Todo um exército de soldados podia penetrar aqui e jamais chegar nem sequer a ver um único cristão. E quanto mais se afastasse tanto mais desesperançada seria a jornada. Eles poderiam disseminar-se por esses inumeráveis corredores e vaguear por ali até encontrar a morte.

Porém agora um som quase imperceptível, como a grande distância, atraindo sua atenção. Doce e de uma candura indescritível, baixíssimo e musical, vinha procedente dos longos corredores, chegando a encantá-lo como se fosse uma voz das regiões celestiais.

Continuaram sua lenta marcha, até que uma luz brilhou diante deles, ferindo as densas trevas com seus raios. Os sons aumentavam, elevando-se de pronto num coro de magnificência imponderável, para depois diminuir e minguar até converter-se em lamentos de penitentes súplicas.

Em poucos minutos chegaram a um lugar onde tiveram que voltar em sua marcha, desembocando diante dum cenário que bruscamente apareceu perante seus olhos.

— Alto! — exclamou Pólio, ao mesmo tempo que detinha a seu companheiro e apagava a luz da tocha que os havia guiado até ali. Marcelo obedeceu, e olhou com profunda avidez o espetáculo que se oferecia a sua visão. Estavam numa câmara abobadada como de uns cinco metros de alto e dez de largo. E em tão reduzido espaço se albergavam umas cem pessoas, homens, mulheres e crianças. A um lado havia uma mesa, detrás da qual estava em pé um ancião venerável, quem parecia ser o dirigente deles. O lugar estava iluminado pelo reflexo de algumas tochas que lançavam apagada luz avermelhada sobre a assembléia toda. Os presentes apareciam carregados de inquietude e consumidos, observando-se em seus rostos a mesma característica palidez que tinha visto no escavador. Ah, mas a expressão que agora via neles não era em absoluto de tristeza, nem de miséria nem de desesperação! Mas bem uma atraente esperança

iluminava seus olhos, e em seus rostos se desenhava um gozo vitorioso e triunfal. A alma deste observador foi comovida até o íntimo, porque não era senão a confirmação anelada inconscientemente de tudo quanto havia admirado nos cristãos: seu heroísmo, sua esperança, sua paz, que se fundamentavam necessariamente em algo, escondido, oculto, distante para ele! E enquanto permanecia estático e silencioso, escutou o canto entoado com a alma por essa consagração:

Grandes e maravilhosas são tuas obras,
Senhor Deus Todo Poderoso.
Justos e verdadeiros são teus caminhos.
Tu, oh Rei dos santos,
Quem não te temerá, oh Deus,
e glorificará Teu sagrado nome?
Porque só Tu és santo.
Porque todas as nações virão
E adorarão diante de Ti,
Porque teus juízos se manifestaram. ⁴

A isto seguiu uma pausa. O dirigente leu algo num rolo que até esse momento era desconhecido para Marcelo. Era a asseveração mais sublime da imortalidade da alma, e da vida depois da morte. A consagração toda parecia pendente do majestoso poder destas palavras, que parecia transmitir hálitos de vida. Finalmente o leitor chegou a prorromper numa exclamação de gozo, que arrancou clamores de gratidão e a mais entusiástica esperança de parte de toda a consagração. As palavras penetraram no coração do observador recém chegado, embora ele ainda não compreendesse a plenitude de seu significado: "Onde está, oh morte, teu aguilhão? Onde, oh sepulcro, tua vitória? Já que o aguilhão da morte é o pecado, e a potência do pecado, a lei. Mas graças a Deus, que nos dá a vitória pelo nosso Senhor Jesus Cristo".

Estas palavras pareceram descobrir um novo mundo perante sua mente, com novíssimos pensamentos. O pecado, a morte, Cristo, com toda aquela infinita seqüela de idéias relacionadas, apareciam debilmente perceptíveis para sua alma que, mas que despertar, parecia ressuscitar! Agora mais que nunca ardia nele um anelo vivo por chegar a conhecer o segredo dos cristãos, anseio que até satisfazer, não pararia!

O que dirigia levantou a cabeça reverente, estendeu os braços e falou fervorosamente com Deus. Dirigia-se ao Deus invisível como vendo-o, expressava sua confissão e indignidade, e expressava o

⁴ Apocalipse 15:3-4

agradecimento pelo lavamento dos pecados, graças ao sangue expiatório de Jesus Cristo. Pedia que o espíritos desde o alto descesse a operar dentro deles para que os santificasse. Depois enumerou suas agonias, e pediu que fossem liberados, solicitando a graça da fé em vida, a vitória na morte, e a abundante entrada nos céus em nome do Redentor, Jesus.

A continuação seguiu-se outro cântico que foi entoado como o anterior:

Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens,
E Ele morará com eles,
E eles serão Seu povo,
E o próprio Deus será com eles
E será seu Deus.
E Deus enxugará toda lágrima de seus olhos,
E não haverá mais morte, nem tristeza,
Nem gemidos, e também não haverá mais dor,
Porque as coisas velhas se passaram. Amém.
Bênção, glória e sabedoria,
E ações de graças, e honra, e poder e magnificência,
Sejam ao nosso Deus
Pelos séculos dos séculos, amém.⁵

E depois disto a consagração começou a dispersar-se. Pólio avançou até a frente, conduzindo Marcelo. Porém, perante sua figura marcial e sua reluzente armadura todos retrocederam e tentaram fugir pelas diferentes sendas. Então Marcelo clamou em alta voz:

— Não temais, cristãos! Eu me rendo perante vocês, estou em seu poder!

Com isto, todos voltaram, e depois o fitaram com ansiosa curiosidade. O ancião que havia dirigido a reunião avançou até ele e lhe dirigiu um olhar firme e esquadrinhador.

— Quem é você, e por que nos persegue ainda até o último esconderijo de repouso que se nos permite na terra?

— Tenham a bem não suspeitar o menor mal de minha parte. Eu vim sozinho, sem escolta nem ajuda. Estou a mercê de vocês.

— Mas, por ventura, o que pode desejar de nós um soldado, e ainda mais, um pretoriano? Está por caso sendo perseguido? É talvez um criminal? Sua vida está em perigo?

— De forma alguma. Eu sou oficial de alta graduação e autoridade, e acontece que a minha vida toda andei ansiosamente procurando a verdade. E tenho ouvido muito a respeito de vocês os cristãos; porém,

⁵ Apocalipse 21:3-4

nesta época de perseguição é difícil achar um só de vocês em Roma. E é por isso que vim até aqui em sua busca.

Ante isto, o ancião pediu a assembléia que se retirasse, a fim de que pudessem conversar com o recém chegado. Os outros obedeceram instantaneamente, e se afastaram por diferentes corredores, sentindo-se mais tranquilos. Uma mulher pálida se adiantou a Pólio e o tomou em seus braços.

— Quanto demoraste, filho meu!

— Mãe querida, me encontrei com este oficial e fui obrigado a me deter.

— Graças sejam a Deus nosso Senhor que estás bem. Mas, quem é ele?

Ao que o rapaz respondeu dizendo confiadamente:

— Eu acredito que ele é um homem honesto. Já vês como confia em nós.

O dirigente interveio dizendo:

— Cecília, não vai embora, fica um momento.

A mulher permaneceu, sendo imitada por algumas outras pessoas.

— Eu me coloco às suas ordens, sou Honório — disse o ancião, dirigindo-se a Marcelo— . Sou um humilde ancião na Igreja de Jesus Cristo. Eu acredito que você é sincero e de boa fé. Me diga pois agora, o que quer de nós.

— De minha parte, eu que me coloco às tuas ordens. Meu nome é Marcelo, e sou capitão da guarda pretoriana.

— Aí de mim! — exclamou Honório, juntando as mãos ao mesmo tempo em que caia sentado sobre seu banco. Os outros olharam para Marcelo contritos, e a mulher, Cecília, clamou agonizante de dor.

— Oh, Pólio querido! Como nos traíste!

CAPÍTULO 5

O SEGREDO DOS CRISTÃOS

*O mistério da piedade, Deus manifestado em carne.*⁶

O jovem oficial permaneceu atônito ao perceber o efeito que seu nome tinha produzido. E, reagindo, disse:

— Por que todos tremem desse modo? É por ventura por minha causa?

Honório respondeu:

⁶ 1 Timóteo 3:16

— Ai de mim. Embora proscritos nestes lugares, temos constante comunicação com a cidade. Sabemos que novos reforços serão feitos para perseguir-nos com maior severidade e que Marcelo, o capitão dos pretorianos, foi designado para buscar-nos. E neste momento vemos em nossa presença o nosso principal inimigo. Não é esta suficiente causa para que tremamos? Por que haveria você de perseguir-nos até este lugar?

Marcelo exclamou:

— Não têm motivos para temer-me, ainda no caso de que eu fosse seu pior inimigo. Não estou acaso em suas mãos? Se desejassem deter-me, poderia eu escapar? Se quisessem matar-me, poderia eu resistir? Estou simplesmente entre vocês tal como me vêem, sem nenhuma defesa. O fato de encontrar-me aqui sozinho é prova de que não existe perigo de parte minha.

Honório, reassumindo seu ar de calma, disse:

— Verdadeiramente, tem razão; você de forma nenhuma poderia regressar sem a nossa ajuda.

— Ouçam, pois, que eu explicarei tudo. Eu sou soldado romano. Nasci na Espanha e fui criado na virtude e na moralidade. Fui ensinado a temer os deuses e cumprir com meu dever. Tenho estado em muitas terras e me dediquei por inteiro a minha profissão. No entanto, nunca descuidei minha religião. Em minhas habitações estudei todos os escritos dos filósofos da Grécia e da Roma. Como resultado disto aprendo a desdenhar nossos deuses e deusas, os que não são melhores, e mais bem são piores, do que eu próprio. Platão e Cícero me ensinaram que existe uma Deidade suprema à qual 'que meu dever obedecer. Mas, como posso conhecê-la e como devo obedecê-la? Também aprendi que eu sou imortal, e que quando morrer hei de converter-me em espírito. Como serei então? Serei feliz ou miserável? Como posso eu me assegurar a felicidade na vida espiritual? Eles descrevem com prodigalidade de eloquência as glórias da vida imortal, mas não dão instruções para os homens comuns como eu. E o chegar a saber tudo isto é o que constitui o anelo vivo de minha alma.

— Os sacerdotes são incapazes de dizer nada. Eles estão enlaçados com antigos formalismos e cerimônias nas quais eles mesmos nunca acreditaram. A antiga religião está morta; são os homens os que a mantêm em pé.

— Nos diferentes lugares por onde andei, tenho ouvido falar muito sobre os cristãos. Mas encerrado, como sempre estive em meu quartel, jamais tive a feliz oportunidade de conhecê-los,. E para ser franco, não tinha me interessado em conhecê-los até estes últimos dias. Tenho ouvido informes comuns de sua imoralidade, seus vícios secretos, suas pérfidas doutrinas. E naturalmente até pouco tempo atrás eu acreditava nisso tudo. Faz alguns dias estive no Coliseu. Somente ali

aprendi algo a respeito dos cristãos. Eu contemplei o gladiador Macer, um varão para quem o temor era desconhecido, e ele preferiu ser morto antes de fazer o que ele acreditava era mau. Vi um venerável ancião enfrentar a morte com um pacífico sorriso em seus lábios; vi um grupo de moças que entregaram suas vidas às feras selvagens com um cântico de triunfo:

Ao que nos amou,

Ao que nos lavou de nossos pecados...

O que Marcelo expressou produziu um efeito maravilhoso. Os olhos dos que o ouviram resplandeciam de gozo e veemência. Quando ele mencionou Macer, se entreolharam com gestos significativos. Quando ele falou do ancião, Honório inclinou a cabeça. E quando falou das crianças e das jovens, e sussurrou as palavras do hino, todos voltaram o rosto e choraram.

— Foi aquela a primeira vez em minha vida em que vi a morte derrotada. Naturalmente eu posso afrontar a morte sem temor, como também cada soldado no campo de batalha. Porém, essa é a nossa profissão. Mas estas pessoas se compraziam e regozijavam em morrer. Aqui não se trata de soldados, senão de crianças, que estavam imbuídos dos mesmos sentimentos em seus corações.

— Desde então não tenho conseguido pensar absolutamente em nenhuma outra coisa. Quem é esse que os amou? Quem é o que os lavou de seus pecados com seu sangue? Quem é o que dá esse valor sublime e essa esperança viva?

— Eu efetivamente fui comissionado para conduzir os soldados contra vocês para destruí-los. Mas primeiramente desejo saber mais a respeito de vocês. Eu juro pelo Ser supremo que esta minha visita não ocasionará dano nenhum. Digam-me, pois, o segredo dos cristãos.

Honório respondeu:

— Tuas palavras são sinceras e verdadeiras. Agora já sei que você não é um espião ou inimigo, senão mais bem uma alma inquisitiva que foi enviada aqui pelo mesmo Espírito Santo para que conheças aquilo que faz tempo está procurando. Regozija-te, pois, porque todo aquele que vem a Cristo de nenhuma forma será rejeitado.

— Tenho visto homens e mulheres que deixaram amigos, lares, honras e riquezas para viver aqui em necessidade, temor, dor; e tudo o tiveram por perda por causa de Jesus Cristo. Nem ainda suas próprias vidas apreciavam. Os cristãos o deixam tudo por Aquele que os amou.

— Você tem toda a razão, Marcelo, ao pensar que há um grande poder que pode fazer tudo isto. Não é o mero fanatismo, não é ilusão, nem muito menos emoção. É o conhecimento da verdade e o amor ao Deus vivo.

"O que você andou procurando por toda sua vida é para nós nossa mais amada possessão. Entesourado em nossos corações, é para nós

mais digno, sem ponto de comparação sequer com qualquer coisa que este mundo possa oferecer. Nos outorga a felicidade na vida ainda neste tenebroso lugar, e nos dá a vitória frente a própria morte.

"Você anseia conhecer o Ser supremo; pois a nossa fé (o cristianismo) é a revelação dEle. E por meio dessa revelação, Ele faz que O conheçamos. Conforme é infinito em grandeza e poder, também o é em amor e misericórdia. Esta fé nos achega tão estreitamente a Ele que chega a ser nosso melhor amigo, nosso guia, nosso consolo, nossa esperança, nosso todo, nosso Criador, nosso Redentor, e o presente e eterno Salvador.

"Você deseja saber de nossa vida imortal. Pois nossas escrituras sagradas nos explicam isto. Elas nos ensinam que, crendo em Jesus Cristo, o Filho de Deus, e amando e servindo a Deus na terra, moraremos com Ele em infinita e eterna bem-aventurança nos céus. Elas também nos mostram como devemos viver a fim de agradar-Lhe aqui, enquanto nos ensinam como iremos louvá-IO por sempre depois desta vida. Por elas conhecemos que a morte, embora seja uma maldição, já não o é para o crente, senão que melhor se converte numa bênção, já que "partir e estar com Cristo é muito melhor" ⁷, em vez de permanecer aqui, porque entramos na presença de "Aquele que nos amou e se entregou a si mesmo por nós" ⁸."

— Portanto — exclamou Marcelo —, se isto é assim, façam-me conhecer a verdade. Porque isto é o que andei procurando por longos anos; por isso orei ao Ser supremo de quem ouvi falar somente. Você é o possuidor daquilo que ansiei saber. O fim e o objetivo de minha vida se encontram aqui. Toda a noite está a nossa frente. Não me rejeites nem me dilates mais; dize-me tudo de uma vez. É verdade que Deus revelou todo isto, e que eu tenho estado em ignorância disso?

Lágrimas de gozo brilharam nos olhos dos cristãos. Honório sussurrou umas palavras de oração em gratidão a Deus. a continuação extraiu um manuscrito que desdobrou com carinhoso cuidado.

E prosseguiu falando:

— Aqui, amado jovem, você tem a palavra de vida que nos chegou de Deus, que é a que tristeza gozo e paz ao homem. Aqui encontramos tudo o que almeja a alma. Nestas palavras divinas aprendemos o que não podemos achar em nenhuma outra parte. E ainda que a mente acaricie estas verdades por toda uma vida, contudo nunca chegará a dominar a máxima extensão das verdades gloriosas.

Então Honório abriu o livro e começou a falar a Marcelo acerca de Jesus Cristo. Falou-lhe da promessa feita no Éden de Um que haveria de ferir Satanás na cabeça; e a sucessão de profetas que haviam

⁷ Filipenses 1:23

⁸ Efésios 5:2

predito a sua vinda; do povo escolhido por meio do qual Deus tinha mantido vivo o conhecimento da verdade por tantas idades, e das obras portentosas que eles haviam presenciado. Leu-lhe o anúncio de que o Filho de Deus devia nascer de uma virgem. Leu sobre seu nascimento, sua infância, as primeiras apresentações, seus milagres, seus ensinamentos. Tudo isso lhe leu, agregando uns poucos comentários de sua parte, do sagrado manuscrito.

Seguidamente passou a relatar o tratamento que Ele recebeu: as zombarias, o desprezo, a perseguição que acelerou tudo até chegar a Ele ser traído e condenado a morte.

Finalmente leu a narração de sua morte na cruz do Calvário.

O efeito disso tudo era maravilhoso em Marcelo.

A luz parecia iluminar sua mente. A santidade de Deus que abomina o pecado do homem; sua justiça que demanda o castigo; sua paciência infinita que previu um modo de salvar suas criaturas da ruína que elas mesmas tinham trazido sobre si; seu amor incomensurável que o levou a dar seu Filho unigênito e bem-amado; esse amor que O fez descer para sacrificar-se para a salvação dos homens; todo foi explicado com clareza meridiana. Quando Honório chegou à culminação da dolorosa história do Calvário, e ao ponto em que Jesus exclamou: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" ⁹ seguido do grito de triunfo: "Está consumado!" ¹⁰, pôde-se ouvir um profundo suspiro de Marcelo. E olhando através das lágrimas que umedeciam seus próprios olhos, Honório viu a forma daquele homem forte inclinada e tremendo pela emoção.

— Chega, chega — murmurou em voz baixa —, me deixem pensar nEle:

Ao que nos amou,

Ao que nos lavou de nossos pecados com seu próprio sangue...

E Marcelo escondeu o rosto entre suas mãos. Honório elevou os olhos ao céu e orou. Os dois estavam sozinhos, porque seus companheiros tinham-se retirado. A tênue luz de uma lâmpada que estava numa pequena abobada detrás de Honório, iluminava debilmente a cena. E assim ambos permaneceram em silêncio durante um longo tempo.

Finalmente Marcelo levantou a cabeça.

— Eu sinto — disse — que eu também tive culpa e causei a morte do Santo. Leia-me mais dessas palavras de vida, porque a minha vida depende delas.

Então Honório voltou a lê-lhe a história da crucificação e do sepultamento de Jesus, a ressurreição da manhã do terceiro dia, e sua

⁹ Mateus 27:46, Marcos 15:34

¹⁰ João 19:30

ascensão à destra de Deus. Tm leu a vinda do Espírito Santo no dia de Pentecoste, que batizou os crentes num único corpo, de sua permanente morada que faz seu templo no corpo do crente, e de seu maravilhoso ministério de glorificar a Cristo e de revelá-LO aos pecadores arrependidos.

Porém, não acabou ali; senão que procurou trazer a paz à alma de Marcelo, lendo-lhe as palavras de Jesus convidando o pecador a vir a Ele, e assegurando-lhe a vida eterna como possessão real e presente no momento em que O aceita como Senhor e Salvador. Leu também sobre "o novo nascimento", a nova vida e a promessa de Jesus de voltar outra vez para recolher a todos aqueles que foram lavados com seu sangue para encontrar-se com Ele nas alturas.

— É a palavra de Deus — exclamou Marcelo — . É a voz desde os céus. Meu coração responde e aceita todo o que ouvi. E eu sei que é a verdade eterna! Mas, como posso eu vir a ser possuidor desta salvação? Meus olhos parecem ter sido iluminados e está dissipada toda nuvem. Ao fim me conheço. Antes eu cria que era um homem justo e reto. Mas ao lado do Santo, de quem tanto aprendi, eu fiquei afundado no pó; vejo que ante Ele eu sou um criminoso, convicto e perdido. Como posso ser salvo?

— Cristo Jesus veio ao mundo a buscar e salvar o que estava perdido ¹¹.

— E como posso eu recebê-lo?

— A palavra está perto, ainda em tua boca e em teu coração; quer dizer, a palavra de fé que nós predicamos, que se você confessar com a boca o Senhor Jesus, e com o coração crer que Deus o levantou dentre os mortos, será salvo. Porque com o coração se crê para justiça, e com a boca se faz confissão para salvação ¹².

— Mas não há nada que eu deva fazer?

— Pela graça sois salvos, por meio da fé; e essa salvação não vem de vós, é dom de Deus; não por obras, para que ninguém se glorie ¹³. O salário do pecado é a morte; mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor ¹⁴.

— Mas, não há sacrifício que eu tenha que oferecer?

— Quem ofereceu um sacrifício pelo pecado por sempre, e agora está sentado à direita do Pai; e pode salvar para sempre a todos os que vêm a Deus por Ele, sendo que sempre vive e intercede por eles.

— Ah, logo, se eu posso me chegar a Ele, ensina-me as palavras, conduze-me ante Ele!

¹¹ Lucas 19:10

¹² Romanos 10:10

¹³ Efésios 2:8-9

¹⁴ Romanos 6:23

Na escuridão da gelada abóbada, na solidão do solene silêncio, Honório ajoelhou-se, e Marcelo se inclinou ao seu lado. O venerável cristão elevou sua voz em oração. Marcelo sentiu que sua própria alma estava sendo elevada ao céu nesses momentos, e a presença mesma do Salvador, pela virtude daquela fervorosa oração de fé viva. As palavras ecoavam em sua própria alma e espírito; em seu profundo abatimento ele deixou sua necessidade em mãos de seu companheiro, para que ele a apresentasse de forma mais apropriada do que ele mesmo poderia fazer. Mas finalmente seus próprios desejos de orar cresceram. A fé o alcançou, e com temor e tremor, porém com real fé, sua alma foi fortalecida, até que finalmente Honório terminou, e sua língua se soltou e elevou o clamor de seu coração:

— Senhor, eu creio, ajuda-me em minha incredulidade!

Aquele único Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem, tinha vindo a ser real pela fé; e as palavras de Jesus "Em verdade, em verdade te digo: quem ouve a minha palavra, e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna, e não entrará em condenação (juízo), mas passou da morte para a vida... ¹⁵ E eu lhes dou vida eterna (a minhas ovelhas) e nunca hão de perecer, e ninguém as arrebatará da minha mão" ¹⁶, todas estas palavras foram cridas, recebidas, desfrutadas.

As horas se passaram. mas, quem poderia descrever acertadamente o progresso da alma que passa de morta para vida? Basta com saber que quando nasceu o dia lá fora, um dia mais glorioso tinha amanhecido na alma e no espírito de Marcelo nas abobadas inferiores. Seus anelos tinham sido completamente satisfeitos; a carga de seus pecados tinha-lhe sido tirada, e a paz de Deus por Jesus Cristo o havia enchido.

O segredo dos cristãos era seu, e ele havia-se convertido voluntariamente em escravo de Jesus Cristo. Unido com seus irmãos em Cristo, agora ele também podia cantar:

Ao que nos amou,
Ao que nos lavou de nossos pecados,
Em seu próprio sangue;
A Ele seja glória e domínio
Pelos séculos dos séculos,

¹⁵ João 5:24

¹⁶ João 10:18

CAPÍTULO 6

A GRANDE NUVEM DE TESTEMUNHAS

Todos estes morreram em fé. ¹⁷

Não demorou o novo convertido em conhecer muito mais sobre os cristãos. Depois de um breve repouso, levantou-se e se reuniu com Honório, quem se ofereceu para mostrar-lhe aspectos do lugar onde moravam.

Pois aqueles a quem tinha visto no serviço da noite anterior, eram somente uma parte dos moradores das catacumbas. Seu número se elevava a muitos milhares, e estavam disseminados por sua vasta extensão em pequenas comunidades, cada uma das quais tinha seus próprios meios de comunicação com a cidade.

Assim foi que ele recorreu grande distância acompanhado por Honório. Se maravilhava sobremaneira do número de pessoas a quem encontrava; e embora soubesse que os cristãos eram numerosos, não imaginava sequer que tão vasta proporção dele tivesse o valor de escolher essa vida nas catacumbas.

Também não era seu interesse pelos mortos inferior àquele pelos vivos. Ao passar junto aos túmulos lia cuidadosamente as inscrições, e em todos eles descobria a mesma fé imperturbável e a sublime esperança. Deleitava-se lendo, e o devoto interesse que Honório prestava a estas piedosas memórias o convertia no mais simpático dos guias.

— Ali — disse Honório— repousa uma testemunha da verdade.

Marcelo olhou na direção que ele indicava e leu o seguinte:

"PRIMÍCIO, EM PAZ, DEPOIS DE MUITOS TORMENTOS, O MAIS VALENTE DOS MÁRTIRES. ELE VIVEU COMO TRINTA E OITO ANOS. ESTA É UMA LEMBRANÇA DE SUA ESPOSA Que AMAVA AO Que BEM MERECIA".

— Estes homens — disse Honório— nos ensinam como devem morrer os cristãos. Mais na frente há um outro, que também sofreu o mesmo que Primício.

"PAULO FOI MORTO SOFRENDO TORTURAS, A FIM DE QUE GOZASSE DAS ETERNAS BEM-AVENTURANÇAS".

— E lá — agregou o ancião— , está a tumba de uma nobre dama, quem mostrou uma fortaleza tal que somente Jesus Cristo pode conceder ao mais fraco de seus seguidores na hora da necessidade:

"CLEMÊNCIA, TORTURADA, REPOUSA. ELA RESSUSCITARÁ".

¹⁷ Hebreus 11:13

— Se fores chamado — disse Honório— a passar pelo artigo de morte, o espírito instantaneamente está "ausento do corpo e presente com o Senhor". A prometida volta de nosso Senhor, a qual pode acontecer a qualquer momento, constitui "a bendita esperança" dos cristãos doutrinados. "Porque o mesmo Senhor descera do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor" ¹⁸.

Honório continuou falando:

— Aqui repousa Constâncio, quem em duplo sentido foi constante a seu Deus mediante uma dupla prova. primeiro lhe deram veneno; mas como isso não fizesse nenhum efeito, foi morto a espada.

"O GOLE MORTAL NÃO SE ATREVEU A APRESENTAR A CONSTÂNCIO A COROA QUE SÓ AO AÇO FOI PERMITIDO OFERECÊ-LHE".

Assim caminharam ao longo das muralhas, lendo as inscrições que se apresentavam a ambos lados. Novos sentimentos assaltaram a Marcelo, conforme lia o glorioso catálogo de nomes. Para ele foi toda uma história da Igreja de Jesus Cristo. Aqui estavam os atos dos mártires expostos perante ele com palavras de fogo. Os rudes quadros que enfeitavam muitos dos sepulcros continham todo o sentimento que as mais belas obras dos hábeis artistas não poderiam produzir. As letras rudemente lavradas, a escritura e os erros gramaticais que caracterizavam a muitos deles, constituíam provas tangíveis dos tesouros do Evangelho para os pobres e humildes. "Não são muitos os sábios segundo a carne, nem muitos os poderosos, nem muitos os nobres que são chamados" ¹⁹, porém, "aos pobres é anunciado o evangelho" ²⁰.

Em muitos deles havia um monograma, o qual era formado das letras iniciais dos títulos de Cristo ("Cristo o Senhor", em grego), as letras "X" e "P" unidas, formando um monograma. Algumas tinham uma palma, emblema da imortalidade e da vitória, o sinal daquelas palmas de glória que irão exibir em suas mãos os inumeráveis remidos que comparecerão perante o trono. Outras exibiam mais engenhosas e significativas inscrições.

— O que é isto? — interrompeu Marcelo, indicando um quando de um barco.

— Mostra que o espírito remido navega desde a terra até o repouso do céu.

¹⁸ 1 Tessalonicenses 4:16-17

¹⁹ 1 Coríntios 1:26

²⁰ Mateus 11:5

— Que o que significa um peixe, que já vi várias vezes?

— Usamos o peixe porque as letras que formam seu nome em grego são as iniciais das palavras que expressam a glória e a esperança do cristão. O "I" representa "Jesus", o "X", Cristo; o "O" e o "U" representam o "Filho de Deus"; o "S", "Salvador"; é assim, pois, que o peixe simboliza em seu nome: "Jesus Cristo, o Filho de Deus, o Salvador".

— O que é este outro quadro que também vi repetir-se, de um barco e um enorme mostro marinho?

— Esse é o Jonas, o profeta de Deus, de quem você até agora nada conhece.

Honório em seguida relatou a história de Jonas, e explicou como o escape dele do ventre do peixe lembrava e mostrava ao cristão sua redenção das trevas do sepulcro.

— Esta gloriosa esperança da ressurreição é um consolo inapreciável — disse ele —, e adoramos tê-lo presente por meio dos diferentes símbolos. Ali também há um símbolo da mesma abençoada verdade: a pomba levando a Noé o ramo de oliveira. — teve que relatar a Marcelo a história do dilúvio, a fim que aquele pudesse compreender o significado da representação—. Porém, de todos os símbolos que se usam, nenhum é tão claro como este — e indicou um quadro da ressurreição de Lázaro.

— Ali também — continuou Honório— está a âncora, símbolo da esperança pela qual os cristãos, enquanto atirados de um lado ao outro pelas implacáveis ondas da vida, se mantêm firmes rumo seu lar celestial.

"Lá pode ver o galo; é o símbolo da vigilância, porque o Senhor nos disse: "Vigiai e orai" ²¹. Igualmente lá temos o cordeiro, símbolo da inocência e ternura, e ao mesmo tempo traz à nossa memória o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo, que levou nossos pecados e por cujo sacrifício temos a vida eterna e o perdão. Ali novamente temos a pomba, que como o cordeiro, representa a inocência; e também outra vez lá, levando o ramo de oliveira, símbolo da paz.

"Lá estão as letras alfa e ômega, a primeira e a última do alfabeto grego, que representam a nosso Senhor, porque você já sabe que Ele disse: "Eu sou o Alfa e o Ômega" ²². E também a coroa, que nos lembra essa coroa incorruptível que o Senhor, justo juiz, nos dará ²³. É assim como nos compraz rodear-nos com tudo o que nos aviva a lembrança do gozo que nos espera. Ensinados deste modo, olhamos

²¹ Mateus 26:41, Marcos 14:38

²² Apocalipse 1:8,11; 21:6; 22:13

²³ 2 Timóteo 4:8

desde este ambiente de tristeza e trevas, e graças a uma viva fé vemos sobre nós a luz da glória eterna".

— Aqui — disse Marcelo, detendo-se — , vejo algo que parece adaptar-se a minha condição. Parece realmente profético. Talvez eu também seja chamado a dar meu testemunho de Jesus Cristo. Oh, que eu seja achado fiel!

"EM CRISTO, NO TEMPO DO IMPERADOR ADRIANO, MÁRIO, UM JOVEM OFICIAL MILITAR, QUE VIVEU O SUFICIENTE, DERRAMOU SEU SANGUE POR CRISTO E MORREU EM PAZ. ESTE É UMA LEMBRANÇA DE SEUS AMIGOS COM LÁGRIMAS E TEMOR".

— "No mundo tereis tribulações; mas tende bom ânimo, eu venci o mundo" ²⁴. Assim nos assegura Cristo; mas ao mesmo tempo que nos prevê contra o mal, nos consola com sua promessa de apóio. nEle achamos graça suficiente para nós.

— Que o exemplo do jovem oficial seja para mim — disse Marcelo—. Eu posso derramar meu sangue por Cristo Jesus igual que ele. Que eu morra igualmente fiel como ele! Morar aqui entre meus irmãos com epitáfio semelhante será a honra suprema, e não um mausoléu como o de Cecília Metella.

E desse modo continuaram caminhando.

Marcelo disse com entusiasmo:

— Quão doce é a morte do cristão! O horror da morte fugiu. Para ele se trata só de um sonho bem-aventurado, enquanto o espírito está com o Senhor esperando a ressurreição, e a morte, em vez de causar terror, está associada com pensamentos de vitória e repouso.

"O LUGAR DO SONO DE ELPIS".

"ZÓTICO JAZ AQUI DURMINDO".

"ASELO DORME EM CRISTO".

"MARTÍRIA DORME EM PAZ".

"VIDÁLIA, NA PAZ DE CRISTO".

"NICÈFORO, UMA ALMA DOCE, NO LUGAR DE REFRIGÉRIO".

— Algumas destas inscrições falam do caráter dos irmãos idos — disse, Honório — ; olha estas:

"MAXÍMIO, QUEM VIVEU VINTE E TRÊS ANOS, AMIGO DE TODOS OS HOMENS EM CRISTO".

"NAS QUINTAS CALENDAS DE NOVEMBRO, DURMIU GREGÔNIO, AMIGO DE TODOS E INIMIGO DE NINGUÉM".

— E aqui também — prosseguiu o ancião — , outras que nos falam de suas vidas privadas e de suas experiências domésticas:

"CECÍLIO, O ESPOSO, A CECÍLIA PLACINDA, MINHA ESPOSA DE EXCELSA MEMÓRIA, COM QUEM VIVI DEZ ANOS SEM NENHUMA DISCUSSÃO, EM CRISTO JESUS, FILHO DE DEUS, SALVADOR".

²⁴ João 16:33

"CONSAGRADO A CRISTO, O DEUS SUPREMO, VITALI, ENTERRADA EM SÁBADO, CALENDAS DE AGOSTO. TINHA VINTE E CINCO ANOS E OITO MESES DE IDADE. VIVEU COM SEU ESPOSO DEZ ANOS E TRINTA DIAS. EM CRISTO, O PRIMEIRO E O ÚLTIMO".

"A DOMÍNIA, MINHA MUITO DOCE E INOCENTE ESPOSA, QUEM VIVEU DEZESSETE ANOS E QUATRO MESES E FOI CASADA DOIS ANOS, QUATRO MESES E NOVE DIAS. COM QUEM EU NÃO PUDE VIVER, POR CAUSA DE MINHAS VIAGENS, MAIS DE SEIS MESES, DURANTE AS QUAIS LHE MOSTREI MEU AMOR COMO O SENTIA. JAMAIS SE AMARAM TANTO OUTROS. ENTERRADA O DIA QUINZE, ANTES DAS CALENDAS DE JUNHO".

"A CLÁUDIO, AFETUOSO E DIGNO SER QUE ME AMOU, E VIVEU VINTE E CINCO ANOS EM CRISTO".

— Eis aqui o tributo de um pai amante — disse Marcelo ao ler o seguinte:

"LOURENÇO, A SEU DOCÍSSIMO Filho SEVERO. FOI LEVADO PELOS ANJOS NO SÉTIMO IDUS DE JANEIRO".

— E aqui tem um de uma esposa:

"DOMÍCIO EM PAZ, LEA FRÍGIO ESTÁ".

— Sim — disse Honório— , pela fé em Jesus Cristo (ou como tu costumava dizer, a "religião"), o crente recebe uma nova e divina natureza que lhe transmite o Espírito Santo, que ao mesmo tempo implanta o amor de Deus, o qual o faz susceptível aos mais delicados afetos para os amigos e relacionados. Ainda que seja verdade que permanece a natureza do antigo Adão, que não melhora, nem também não se pode.

Continuando seu recorrido, acharam muitos epitáfios mais que mostravam o doce amor pelos parentes mortos.

"CONSTÂNCIA, DE MARAVILHOSA BELEZA E AMABILIDADE, E QUE VIVEU DEZOITO ANOS E SEIS MESES COM DEZESSEIS DIAS,. CONSTÂNCIA EM PAS".

"SIMPLÍCIO, DE BOA E FELIZ MEMÓRIA, QUE VIVEU VINTE E TRÊS ANOS E QUARENTA E TRÊS DIAS EM PAS. ESTE MONUMENTO O FEZ SEU IRMÃO".

"A ADSERTOR, NOSSO FILHO, DOCE E QUERIDO, O MAIS INOCENTE E INCOMPARÁVEL, QUE VIVEU DEZESSETE ANOS E SEIS MESES COM OITO DIAS. LEMBRANÇA DE SEU PAI E DE SUA MÃE".

"A JANUÁRIO, DOCE E BOM FILHO, HONRADO E AMADO DE TODOS, QUE VIVEU VINTE E TRÊS ANOS, CINCO MESES E VINTE E DOIS DIAS".

"SEUS PAIS A LAURINA, MAIS DOCE QUE O MEL, DORME EM PAZ".

"À SANTA ALMA DE INOCENTE, QUE VIVEU COMO TRÊS ANOS".

"DOMICIANO, UMA ALMA INOCENTE, DORME EM PAZ".

"ADEUS, OH SABINA. ELA VIVEU OITO ANOS, OITO MESES E VINTE E DOIS DIAS. QUE VIVAS TÃO DOCEMENTE COM DEUS".

"EM CRISTO, MORREU O PRIMEIRO DE SETEMBRO, POMPEJANO O INOCENTE, QUEM VIVEU SEIS ANOS E NOVE MESES COM OITO DIAS E QUATRO HORAS. ELE DORME EM PAZ".

"A SEU DIGNÍSSIMO FILHO CALPÚRNIO, LEMBRANÇA DE SEUS PAIS: ELE VIVEU CINCO ANOS, OITO MESES E DEZ DIAS, E PARTIU EM PAZ O TREZE DE JUNHO".

— Ao epitáfio deste menino — disse Marcelo— , eles agregaram os símbolos de paz e glória.

Indicou o sepulcro de uma criança, sobre cuja pedra estavam desenhadas uma pomba e uma coroa de louros, juntamente com a seguinte inscrição:

"RESPECTO, QUEM VIVEU CINCO ANOS E OITO MESES, DORME EM PAZ".

E continuou falando Marcelo:

— E este tem uma palma, o símbolo da vitória.

— Sim — disse Honório— ; o Salvador disse: Deixai as crianças que venham a mim" ²⁵.

Também atraíram sua atenção os epitáfios sobre os sepulcros das mulheres que tinham sido esposas de anciãos ministros cristãos:

"MINHA ESPOSA LAURENTINA ME FEZ ESTE SEPULCRO. ELA SEMPRE IDÔNEA A MINHA DISPOSIÇÃO, VENERÁVEL E FIEL".

"POR FIM FOI ESMAGADA A INVEJA. O BISPO LEON PASSOU SEU OCTOGÉSIMO ANO".

"O LUGAR DE BASÍLIO O PRESBÍTERO E SUA FELICITAS. ELES MESMOS SE PREPARARAM ESTE TÚMULO".

"A QUE FOI A FELIZ FILHA DO PRESBÍTERO GABINO. AQUI REPOUSA SUSANA, UNIDA EM PAZ COM SEU PAI".

"CLÁUDIO ATICIANO, LEITOR, E CLÁUDIA FELICÍSSIMA, SUA ESPOSA".

— Aqui se vê — disse Marcelo, um túmulo maior— . Há duas pessoas sepultadas aqui?

— Sim, é o que chamamos *bisomum*, pois dois ocupam esse túmulo. Lê a inscrição:

"O BISOMUM DE SABINO. ELE O FEZ PARA SI MESMO DURANTE SUA VIDA NO CEMITÉRIO DE BALBINA NA NOVA CRIPTA".

E Honório continuou dizendo:

— Algumas vezes se sepultam três num mesmo sepulcro. Em outros lugares você vai ver que um maior número foi sepultado num mesmo lugar; porque quando se agrava a perseguição, nem sempre existe a possibilidade de dedicar a cada pessoa a atenção devida

²⁵ Mateus 19:14; Marcos 10:14; Lucas 18:16

separadamente, como desejaríamos. Mais para lá há uma placa que sinala o lugar de sepultura de muitos mártires, cujos nomes são desconhecidos, mas cujas memórias se abençoam.

E indicou uma pedra que tinha a seguinte inscrição:

"MARCELA E QUINHENTOS CINQUENTA MÁRTIRES DE CRISTO".

— Aqui tem um mais longo — disse Marcelo, e suas palavras ecoarão nos corações de todos nós.

E leram o seguinte com a mais profunda emoção:

"EM CRISTO. ALESSANDRO NÃO ESTÁ MORTO, SENÃO QUE VIVE ALÉM DAS ESTRELAS, E SEU CORPO REPOUSA NESTE TÚMULO. ELE RENDEU SUA VIDA SOB O IMPERADOR ANTONINO, QUEM EMBORA PUDESSE TER PREVISTO QUE GRANDE BENEFÍCIO LHE RESULTARIA DE SEUS SERVIÇOS, SÓ LHE OFERECEU ÓDIO EM VEZ DE GRAÇA, PORQUE ENQUANTO ESTAVA SOBRE SEUS JOELHOS, JÁ PARA OFERECER SACRIFÍCIO AO DEUS VERDADEIRO, FOI TIRADO PARA SER EXECUTADO. OH, TEMPOS TRISTES AQUELES NOS QUAIS AINDA ENTRE OS RITOS E ORAÇÕES SAGRADAS, NEM AINDA NAS CAVERNAS PODÍAMOS ESTAR SEGUROS! O QUE PODE SER MAIS MISERÁVEL QUE UMA VIDA TAL? E QUE MORTE PIOR QUE AQUELA EM QUE NÃO PODEM NEM SEQUER SER SEPULTADOS PELOS AMIGOS E PARENTES? NO FIM ELES BRILHAM NO CÉU. APENAS VIVEU QUEM VIVEU EM TEMPOS CRISTÃOS".

— Este — disse Honório— é lugar de repouso de um irmão bem-amado, cuja memória ainda se recorda com carinho entre as igrejas todas. Em volta desta tumba viemos celebrar uma festa de amor no aniversário de seu nascimento. Pois nesta festa são demolidas todas as barreiras das diferentes categorias sociais e classes e tribos e línguas e povos. Nós todos somos irmãos em Cristo Jesus, porque lembramos que como Cristo nos amou, assim também devemos amar-nos uns aos outros.

Neste recorrido, Marcelo teve ampla oportunidade de verificar por si mesmo a presença daquele fraternal amor ao qual aludia Honório. Encontrou homens, mulheres e crianças de toda classe e de toda idade. Homens que haviam ocupado os mais elevados postos na Roma, se associavam em amigável comunhão com aqueles que apenas estavam no nível dos escravos; ainda aqueles que antes tinham sido cruéis e implacáveis perseguidores, agora se ajuntavam em comunhão de amor que aqueles que antes foram objeto de seu ódio mortal. Igualmente, o sacerdote judeu, liberado do jugo da Lei, que não podia cumprir e que era "ministério de morte" para ele, agora caminhava de mãos dadas com os gentios que antes odiava. O grego havia chegado a descobrir na "loucura" do Evangelho a mesma sabedoria infinita. E o desprezo que antes tinha sentido pelos seguidores de Jesus havia cedido espaço ao afeto mais afetuoso. O egoísmo e a ambição, o orgulho e a inveja,

todas as baixas paixões da vida humana pareciam ter-se esfumado perante o poder ilimitado do amor cristão. A fé em Cristo Jesus morava em seus corações em toda sua plenitude, e sua bendita influência via-se aqui, como não era possível vê-la em nenhuma outra ocasião; não porque sua natureza e seu poder tivessem sido mudados por eles, pessoal e intencionalmente, senão porque a perseguição universal havia alcançado a todos por igual e os havia privado de suas possessões terrenas, separando-os das tentações e ambições mundanas; e pelo amor de Cristo que constrange, e pela suprema simpatia que engendra o sofrimento em comum, tinha a virtude de uní-los uns aos outros.

— A adoração ao Deus verdadeiro — disse Honório — difere de toda falsa adoração. Os pagãos devem entrar em seus templos e ali, por meio de um sacerdote, igualmente pecador como todos, oferecer uma e outra vez sacrifícios aos demônios, que obviamente jamais podem liberar a ninguém de seus pecados. Contudo Cristo se ofereceu uma só vez por todos nós, sem mácula perante Deus, o Sacrifício único feito uma única vez e para sempre. E cada um de seus seguidores pode agora se aproximar a Deus por meio de Jesus Cristo, nosso bendito e santíssimo Sumo Sacerdote nos próprios céus, sendo assim cada crente constituído rei e sacerdote por Jesus Cristo, para Deus. por conseguinte, para nós não é questão de tempo ou espaço, no que diz respeito à adoração; já seja que nos deixem em nossas capelas, ou que nos proscravam completamente delas e de toda a terra. Pois oração eu é o trono de nosso Deus, e o universo é seu templo, e qualquer de seus filhos pode elevar a Ele sua voz desde o lugar onde se encontre, qualquer que seja, e em qualquer momento, e adorar ao Pai.

A travessia de Marcelo se estendeu até uma grande distância e por longo tempo. Pese a ter sido prevenido desta extensão, se maravilhava ao ver por si mesmo o enorme que era. Nem a metade haviam-lhe dito; e embora tivesse recorrido tanto, era fácil compreender que todo isso era somente uma fração da enorme extensão.

A altura média dos corredores era como de uns dois metros e meio; porém em muitos lugares se elevava até uns quatro metros, ou ainda cinco. Depois, as freqüentes capelas e salões que haviam formado ampliando os arcos, davam maior espaço aos habitantes, e lhes possibilitava viver e deslocar-se por maiores espaços e com mais liberdade. Também em muitos lugares havia aberturas no teto, através das quais penetravam débeis raios de luz do exterior. Estes eram escolhidos como lugares de reunião, mas não para viver. A existência da bendita luz do dia, por fraca que fosse, agradava tanto que era impossível de expressar, servindo por uns instantes brevíssimos para mitigar a tenebrosidade circundante.

Marcelo viu alguns lugares que tinham sido amuralhados, formando terminações abruptas do corredor, mas se abriam outras espécies de ramais que contornavam o lugar, e depois se prolongavam como anteriormente.

— O que é isso que se encerra assim? — perguntou.

— É uma grande tumba romana — disse Honório—. Ao escavar este corredor, os operários deram contra ela, e assim foi que pararam de escavar e contornaram o lugar, amuralhando-a previamente. Isso não foi, naturalmente, por temor a perturbar o túmulo, senão porque tanto na morte como na vida igualmente, o cristão deseja seguir o mandamento do Senhor que diz: "saí vós do meio deles e separai-vos"²⁶.

— A perseguição se enfurece contra nós e nos rodeia e nos encerra — disse Marcelo—. Quanto tempo será perseguido o povo de Deus? quanto tempo vai nos afligir o inimigo?

Honório respondeu:

— Tal é o clamor de muitos entre nós. Mas não é bom se queixar. O Senhor tem sido benigno com seu povo. Pois durante todo o Império passaram muitas gerações sob a proteção das leis e sem serem incomodados. É verdade que tivemos perseguições terríveis, nas quais milhares morreram em agonia, contudo sempre acabaram e deixaram em paz a Igreja.

— Todas as perseguições que até o momento recebemos serviram para purificar os corações do povo de Deus e para exaltar sua fé. Ele sabe o que é melhor para nós. Estamos em suas mãos, e Ele não nos dará carga maior da que podemos suportar²⁷. Sejam sóbrios e vigiem em oração, oh, estimado Marcelo, porque a presente tormenta nos diz claramente que o dia grande e terrível, tanto tempo antes profetizado sobre o mundo, se aproxima.

E assim Marcelo seguiu andando em companhia de Honório, conversando e aprendendo a cada instante novas coisas da doutrina da verdade de Deus e as experiências de seu povo. E as evidências de seu amor, sua pureza, sua fortaleza, sua fé inquebrantável, penetraram nas profundezas de sua alma.

A experiência que ele mesmo tinha desfrutado não era transitória. Cada coisa nova que contemplava não fazia senão avivar nele o vivo anseio de unir-se com a fé e a sorte do povo de Deus. e em harmonia com esse sentir, antes do seguinte Dia do Senhor, se batizou "na morte de Cristo"²⁸, no nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo²⁹.

²⁶ 2 Coríntios 6:17

²⁷ 1 Coríntios 10:13

²⁸ Romanos 6:4

²⁹ Mateus 28:19

Na manhã do Dia do Senhor, sentou-se em volta da Mesa do Senhor, em companhia dos outros cristãos. Ali todos eles celebraram aquela simples mas afetuosa festa em memória da Ceia do Senhor, pela qual os cristãos se proclamavam mortos com Jesus, enquanto esperavam seu regresso. Honório elevou a oferta de uma oração em ação de graças pelo que partilhavam. E pela primeira vez Marcelo gozou da participação do pão e do vinho, aqueles símbolos sacratíssimos do corpo e do sangue de seu Senhor crucificado por ele.

E, tendo cantado um hino, saíram.³⁰

CAPÍTULO 7

A CONFISSÃO DE FÉ

*E também todos os que desejam viver piamente em Cristo Jesus, padecerão perseguição.*³¹

Quatro dias tinham transcorrido desde que o jovem oficial saíra de seu gabinete. Dias estes cheios de acontecimentos para ele, dias de infinita importância. Dele haveria de depender sua felicidade suprema ou suas angústias. Porém a busca da verdade desta alma anelante não tinha sido em vão, tendo sido renovada no Espírito Santo³².

Havia tomado sua resolução. Por um lado se lhe oferecia a fama, a honra e a riqueza, e do outro a pobreza, a necessidade e a angústia. Com tudo em plena consciência, ele havia feito sua eleição; tinha-se voltado para a última sem um único instante de vacilação. Ele havia escolhido "antes ser maltratado com o povo de Deus, do que por um pouco de tempo ter o gozo do pecado"³³.

Ao seu regresso visitou o general e se acusou perante ele. Informou-lhe que tinha estado entre os cristãos, que não podia cumprir a comissão que lhe haviam encomendado, e que se submetia voluntariamente a sofrer as consequências. O general, com a severidade a que havia-se exposto, lhe ordenou que passa-se a seu quartel.

Ali, em meio à mais profunda meditação, e fazendo conjecturas do que resultaria de tudo isso, foi interrompido pelo ingresso de Lúculo. Seu amigo o cumprimentou muito afetosamente, mas em seu rosto se evidenciava uma profunda ansiedade.

³⁰ Mateus 26:30, Marcos 14:26

³¹ 2 Timóteo 3:12

³² Tito 3:5

³³ Hebreus 11:25

— Acabo de encontrar-me com o general — disse ele — , quem me fez chamar para dar-me uma mensagem para você. Porém, primeiramente, diga-me: o que você fez?

Marcelo lhe relatou tudo detalhadamente desde o momento de sua partida até sua volta, sem ocultar-lhe absolutamente nada. Sua cristalina boa fé evidenciava o poderosa, sincera e verdadeira que tinha sido a obra eterna do Espírito Santo nele. Depois contou a entrevista que tivera com o general.

— Eu entrei em sua habitação com o claro sentimento da importância do passo que dava. Ia eu cometer um ato reputado como virtual traição e crime, e cuja sanção não é menos que a morte. Porém, eu não podia fazer outra coisa.

"Ele me recebeu com total afabilidade, animado pela idéia de que eu tivesse conseguido um êxito de importância na busca que me haviam encomendado. Eu lhe disse que desde que sai tinha estado entre os cristãos, e que pelo que tinha visto, estava obrigado a mudar meus sentimentos para com eles. Anteriormente eu tinha pensado que eles eram inimigos do Estado e dignos de morte; porém tinha descoberto que se tratava de pessoas que são leais súbditos do imperador e muito virtuosos. Contra tais pessoas não poderia eu estender minha espada jamais, e antes de fazê-lo, a entregava.

"Diante do qual ele me disse: 'Os sentimentos de um soldado não têm nada a ver com seus deveres'. 'Porém meus deveres para com o Deus que me criou são mais fortes que qualquer dever que eu tenha com o homem', respondi.

"A isto replicou: 'Acaso tua simpatia pelos cristãos chegou que enlouquecer-te? Não percebe que o que está fazendo é traição?'.

"Eu me inclinei e respondi que estava resolvido a afrontar as consequências.

"'Rapaz precipitado', exclamou severamente, 'retira-te do quartel e eu te comunicarei minha decisão'.

"E assim foi que me transladei aqui, onde permaneci desde aquele momento, esperando ansiosamente minha sentença".

Lúculo tinha ouvido toda a narração que havia feito Marcelo sem dizer palavra, nem sequer fazer um gesto. Uma expressão de triste surpresa em seu rosto evidenciava o que eram seus sentimentos. E conforme Marcelo concluiu, falou num tom de quem deplora e lamenta.

— Verdadeiramente tanto você como eu sabemos o que deve ser aquela sentença. Pois a disciplina romana, ainda em tempos normais, não pode ser tomada com leviandade, e tanto pior agora que os sentimentos do governo estão exaltados até o sumo grau contra aqueles cristãos. Pois, se você insistir em teu proceder, estará arruinado.

— Eu te expus todas as minhas razões.

— Sim, Marcelo, eu conheço teu caráter puro e sincero. Você sempre foi de uma mente piedosa. Você amou os nobres ensinos da filosofia. E não te sentes satisfeito com tudo isso como antes? Por que deverias ser seduzido pela miserável doutrina de um judeu crucificado?

— Jamais estive satisfeito com a filosofia de que me falas. Você mesmo sabe a consciência que não há nela nada de verdade em que a alma possa repousar. Mas o cristianismo é a verdade de Deus, trazida por Ele mesmo, e santificada pela sua própria morte.

— Já me explicaste em toda sua integridade todo o credo cristão. Pois teu próprio entusiasmo fez com que me resultasse atraente, devo confessar; e se todos seu seguidores fossem realmente como você é, meu muito prezado Marcelo, poderia adaptar-se para chegar a ser a bênção final do mundo. Mas não vim aqui para argumentar sobre a religião. Venho a falar sobre você mesmo. Estás em iminente perigo, meu querido amigo; tua posição, tua honra, teu cargo, tua própria vida estão em perigo. Considera pois atentamente o que estás fazendo. Foi-te confiada uma importantíssima missão, em cujo cumprimento saístes. Esperava-se que voltasses trazendo informes importantes. Pelo contrário, você volta e se apresenta perante o general informando que agora pertence ao bando do inimigo, que se converteu num deles de todo coração e que se nega a utilizar as armas romanas contra eles. Então, não compreendes que se o soldado pudesse escolher com quem vai lutar, não haveria disciplina? Pois deve cumprir ordens e nada mais. Não tenho razão?

— É, você tem razão, Lúculo.

— A questão que você tem que decidir não é se escolhe a filosofia ou o cristianismo, senão se você é cristão ou soldado romano. Porque conforme estão as coisas nestes tempos, é absolutamente impossível ser soldado romano e ao mesmo tempo cristão. Então, debes renunciar a uma das duas escolhas. Mas não somente isso, senão que se você insistir em tua decisão de ser cristão, deverás compartilhar tua sorte com eles, porque não pode se fazer a menor distinção em teu favor. Pelo contrário, se desejas continuar como soldado, debes pelejar contra os cristãos.

— Não cabe a menor dúvida em quanto a essa questão.

— Você sabe que tem amigos cordiais que estão prazerosos de esquecer teu grande e precipitado delito, Marcelo. Pois te conheço que tens esse caráter que facilmente se entusiasma, e supliquei ao general por você. Ele também te tem em grande estima pelas tuas qualidades de soldado valente. Está animado de toda a boa vontade de perdoar-te sob certas circunstâncias.

— Quais são elas?

— A mais misericordiosa de todas as condições. Que deites no esquecimento todos os quatro dias passados. Que se desvançam por

completo de tua memória. Retoma tua comissão. Toma teus soldados sob tuas ordens e no ato compreende o cumprimento de teu dever, procedendo à detenção desses cristãos.

— Lúculo — exclamou Marcelo, levantando-se de seu assento, com os braços cruzados— . Estimo-te muitíssimo, como amigo que você é, e estou agradecendo teu fiel afeto. Jamais poderei esquecê-lo. Mas agora tenho dentro de mim algo que te resulta por completo desconhecido, o qual é muito mais precioso e forte que todas as honras do estado. Trata-se, pois, nada menos que do amor de Deus. por esse amor estou disposto a deixar tudo: honra, categoria, e a própria vida. Minha decisão é irrevogável. Eu sou cristão.

Lúculo continuou sentado. Mudo de surpresa e comovido em extremo, contemplava seu amigo. Para ele era demasiado conhecido o caráter deste em suas resoluções, e via com profunda pena como suas palavras persuasivas tinham fracassado. Depois de muito voltou a falar. Recorreu a todos os argumentos que podia imaginar. Invocou todas as idéias que poderiam influir nele. Falou do terrível destino que lhe esperava, e da vingança encolerizada que se empregaria particularmente contra ele. Mas todas suas palavras foram completamente inúteis. Finalmente se levantou, vítima da mais profunda tristeza.

— Marcelo — disse— , você está tentando o destino, vai apressadamente rumo a sorte mais terrível. Pois todo o que a fortuna pode deparar está te sendo oferecido, e tu lhe dás as costas para jogar tua sorte juntamente com aqueles proscritos miseráveis. Eu cumpro com meu dever de amigo de tentar fazer-te voltar da loucura, mas tudo quanto eu possa fazer é inútil perante tua obstinação.

"Eu te trouxe a sentença do general. Você foi degradado da categoria de oficial. E está a ordem de arresto em tua contra, acusado de ser cristão. Amanhã serás apreendido e entregue para sofrer o castigo. Mas ainda tens muitas horas a tua disposição, e ainda tenho eu a possibilidade de alcançar a satisfação, embora penosa, de ajudarte a escapar. Foge, pois, agora mesmo. Apressa-te, porque não há tempo que perder. Existe um único lugar no mundo onde podes estar a coberto da vingança do César".

Marcelo o escutou em silêncio absoluto. Lentamente tirou suas armas e as colocou a um lado. Com tristeza desatou a suntuosa armadura que levava com tanto merecimento e orgulho. E assim ficou vestido com sua simples túnica, a disposição de seu amigo.

— Lúculo, mais uma vez te repito que jamais esquecerei tua fiel amizade. Quanto desejo que estivéssemos voando juntos numa fuga perfeita, que tuas orações pudessem ascender como as minhas para o trono d'Aquele adequadamente eu sirvo! Porém, chega. Me retiro. Adeus!

— Adeus, Marcelo. Jamais nos voltaremos a encontrar na vida. Se alguma vez estivesses em necessidade ou em perigo, sabes muito bem em quem confiar.

Os dois jovens se abraçaram, e Marcelo partiu apressadamente.

Saiu do quartel, avançando diretamente até chegar no fórum. Naquele lugar encontrou-se rodeado de templos e monumentos e colunas de mármore. Ali estava o Arco de Tito, medindo o largo da Via Sacra. Ali se levantava a forma gigantesca do palácio imperial, da mais rica arquitetura, com régios adornos de mármore riquíssimos, culminando com as brilhantes decorações douradas. A um lado se levantavam as muralhas imensas do Coliseu. Além delas podia contemplar-se a cúpula estupenda do Templo da Paz, e no outro extremo, o Monte Capitolino destacava seus históricos cumes, coroado de apinhados templos estatais, que se erguiam como desafiando as alturas e cortando os ares sob o azul do céu.

Para lá dirigiu seus passos, e ascendeu as escarpadas pendentes até dominar o mesmo cume. E uma vez lá cima, olhou em volta o amplo e soberbo panorama que lhe oferecia a vista. O lugar mesmo onde estava era um amplo quadrado pavimentado de mármore e rodeado de templos senhoriais. A um lado via-se o Campus Martius, rodeado pelo Tíber, cuja avenida amarelada serpentava penetrando nas profundezas do horizonte até o Mediterrâneo. Por todos os outros lados da cidade monopolizava toda a extensão desigual, pressionando até suas estreitas muralhas, e excedendo-as por meio de ruas que se irradiavam até grande distância em todas direções, invadindo o campo. Os templos, as colunas e os monumentos alçavam suas cornijas orgulhosas. Inúmeras estatuas enchiam as ruas com uma população de formas esculturais, numerosas fontes borrifavam o ar, as carruagens se deslocavam barulhentas pelas ruas, as legiões de Roma iam e vinham com ares de desfile militar, e assim por onde olhava podia contemplar que surgia a borrascosa onda da vida da cidade imperial.

Na distância se estendia a planície, salpicada de incontáveis vilas, casas e palácios, de uma rica e exuberante vegetação; as moradas da paz e da abundância. A um lado podia ver-se a silhueta azul do Apeninos, dignamente coroados de neve; do outro lado, as turbulentas ondas do Mediterrâneo açoitavam as praias da indomável distância.

Repentinamente Marcelo ficou perturbado, o melhor ainda, trazido de volta a si mesmo por um grito. Voltou-se de imediato. Um homem avançado em anos e coberto de escassa vestimenta, de rosto macilento e frenéticas gesticulações, clamava a grande voz expressões ininteligíveis de terror e denúncia. Seu olhar selvagem e suas atitudes ferozes evidenciavam que, pelo menos em parte, estava louco.

Caiu, caiu a grande Babilônia,

e se tornou morada de demônios,
e covil de todo espírito imundo,
e esconderijo de toda ave imunda e odiosa.³⁴
Porque já os seus pecados se acumularam até ao céu,
E Deus se lembrou das iniquidades dela.
Tornai-lhe a dar como ela vos tem dado,
E retribuí-lhe em dobro conforme as suas obras...³⁵
Quanto ela se glorificou, e em delícias esteve...³⁶
Portanto, num dia virão as suas pragas,
a morte, e o pranto, e a fome;
e será queimada no fogo;
porque é forte o Senhor Deus que a julga.
E os reis da terra, que se prostituíram com ela,
e viveram em delícias, a chorarão,
e sobre ela prantearão,
quando virem a fumaça do seu incêndio;
Estando de longe pelo temor do seu tormento, dizendo:
Ai! ai daquela grande Babilônia, aquela forte cidade!
Pois numa hora veio o seu juízo.³⁷
Os mercadores destas coisas,
que com elas se enriqueceram,
estarão de longe, pelo temor do seu tormento,
chorando e lamentando,
E dizendo: Ai, ai daquela grande cidade!
que estava vestida de linho fino, de púrpura, de escarlata;
e adornada com ouro e pedras preciosas e pérolas!
porque numa hora foram assoladas tantas riquezas.
E todo o piloto, e todo o que navega em naus,
e todo o marinheiro,
e todos os que negociam no mar se puseram de longe;
E, vendo a fumaça do seu incêndio, clamaram, dizendo:
Que cidade é semelhante a esta grande cidade?
E lançaram pó sobre as suas cabeças,
e clamaram, chorando, e lamentando, e dizendo:
Ai, ai daquela grande cidade!
na qual todos os que tinham naus no mar
se enriqueceram em razão da sua opulência;
porque numa hora foi assolada.
Alegra-te sobre ela, oh céu, e vós,

³⁴ Apocalipse 18:2

³⁵ Apocalipse 18:5-6

³⁶ Apocalipse 18:7

³⁷ Apocalipse 18:8-10

santos apóstolos e profetas;
porque já Deus julgou a vossa causa quanto a ela.³⁸

Uma vasta multidão se reuniu em volta dele, confusa e surpreendida, mas apenas havia cessado de falar quando apareceram alguns soldados e o levaram.

"Sem dúvida é algum pobre cristão, que por causa do sofrimento perdeu o cérebro", pensou Marcelo. E conforme o homem era levado, ainda continuava a clamar suas terríveis denúncias, e uma grande multidão o seguiu, gritando e zombando. o barulho não demorou em perder-se na distância.

"Não há tempo que perder. Eu devo ir embora", disse para si Marcelo, e partiu.

CAPÍTULO 8

A VIDA NAS CATACUMBAS

*Oh, trevas, trevas, trevas no ardor do sol do meio dia,
Escuridão irrevogável, eclipse total,
Sem esperança alguma de que chegue o dia!*

Com lágrimas de gozo lhe deram as boas-vindas a sua volta às catacumbas. Com vivo entusiasmo ouviram as referências de suas entrevistas com seus superiores; e ao mesmo tempo que partilhavam sua compreensão de suas dificuldades, se regozijavam de que tivesse sido digno de sofrer por Cristo.

Em meio de todo este novo ambiente, aprendia mais da verdade a cada dia, e igualmente contemplava o que deviam sofrer os seguidores do Senhor. A vida das catacumbas abriu ante ele sem a menor reserva todos seus maravilhosos segredos e sua variedade.

A vasta multidão que morava nas entranhas da terra recebia provisões graças a sua permanente comunicação com a cidade hostil de cima. Essas operações se realizavam ao amparo da noite. Esta ousada e perigosa tarefa se cumpria pelos homens mais resolutos que se ofereciam voluntariamente por isso. Porém, ainda mulheres e crianças completavam estas tarefas, sendo um dos mais sagazes o pequeno Pólio, cujos méritos eram dignos do louvor dos seus. Entre a numerosa população da cidade de Roma não era difícil passar despercebido, e assim as provisões não escasseavam. Contudo, havia

³⁸ Apocalipse 18:15-20

vezes em que correrias terminavam abrupta e fatalmente, e não voltavam a ver os ousados aventureiros.

Quanto a água, contavam com abundante provisão no extremo inferior dos corredores. Ali contavam com poços e fontes de abastecimento suficientes para todas suas necessidades.

Era também na noite que se realizavam certas expedições, as mais tristes de todas. Essas consistiam na busca dos corpos daqueles que tinham sido despedaçados pelas feras selvagens ou queimados nas piras. Estes despojos bem-amados eram resgatados a custo dos maiores perigos, e transportados rodeados de milhares de riscos. Em seguida os parentes e amigos dos mortos celebravam os simples serviços fúnebres como também a festa na qual os sepultavam. Depois de tudo isso costumavam depositar os restos em sua estreitíssima tumba, cobrindo-a com a correspondente pedra, onde se gravava o nome do defunto.

Aqueles primitivos cristãos, vivamente inspirados pela gloriosa doutrina da ressurreição, olhavam para o futuro com a mais ardorosa esperança da chegada do momento em que a corrupção haveria de ser absorvida pela incorrupção, e o mortal pela imortalidade. E era assim que eles não queiram permitir que o corpo deles, ao que tão sublime destino aguardava, fosse reduzido a cinzas, chegando até a pensar que ainda as sagradas chamas funerárias eram uma honra para o corpo que era o templo de Deus e tanto favor tinha merecido das alturas celestiais. Era em tal virtude que se procurava trazer os estimados corpos dos mortos até lá, fora da vista dos homens, onde nenhuma mão irreverente perturbasse a solene quietude do último lugar de repouso, onde haviam de jazer "até a trombeta final" ³⁹, que seria a vos do chamado que a primitiva Igreja esperava com vivo anelo como o mais iminente e real. Acima, na cidade onde se respirava, a cristandade tinha ido aumentando nas gerações sucessivas, e durante todo o tempo assim transcorrido, os mortos haviam ingressado ali em proporções cada vez maiores, de forma tal que agora as catacumbas constituíam uma vasta cidade de mortos, cujos silenciosos moradores dormitavam em filas inúmeras, fileira após fileira, esperando até que se ouvisse a aclamação do Senhor, chamando a congregar-se o povo lavado com seu sangue, "num momento, num abrir e fechar de olhos" ⁴⁰, a encontrar o Senhor no ar.

Em muitos lugares tinham derrubado as arcadas a fim de elevar o teto para formar habitações. Nenhum deles era demasiado espaçoso, senão que eram somente recintos de maior expansão onde os fugitivos podiam reunir-se em assembléias maiores, podendo ao mesmo tempo

³⁹ 1 Coríntios 15:52

⁴⁰ 1 Coríntios 15:52

respirar com desopressão. Ali passavam eles a maior parte do tempo, e também realizavam suas assembléias de fraterna comunhão.

Sua situação se explica pela natureza dos tempos em que vivera. Pois as simples virtudes da república eram agora história, e a liberdade tinha fugido para sempre do território. A corrupção tinha se apossado do império, e o havia avassalado tudo sob sua mortal influência. Conspirações, rebeliões, traições, acoitavam sucessivamente o estado. Mas o povo, vítima de todo, permanecia na distância, em silêncio. Eles viam sofrer os valentes dos seus, e viam morrer os mais nobres, sem sequer se comover. Nada tinha a virtude de estar no coração generoso nem fazer arder a alma. Seus sentimentos gerados somente podiam mover-se entre as mais baixas paixões.

Contudo, contra um semelhante estado de coisas fez impacto valentemente a verdade de Jesus Cristo, e contra inimigos tão enormes como esses deveu lutar e abrir-se passo corpo a corpo por entre tais obstáculos, realizando um avanço lento, porém firme. Aqueles que tomavam as armas sob sua bandeira, não podiam esperar um futuro fácil e cômodo. O som da trombeta não era de incerteza. O conflito era severo e compreendia o nome, a fama, a fortuna, amigos e a vida; tudo aquilo que é tão querido para o ser humano. Assim o tempo seguia sua marcha. Se bem era verdade que os seguidores da verdade aumentavam em número, também o vício intensificava seu poder maligno; o povo ia afundando dia após dia na mais profunda corrupção, e o estado era arrastado aceleradamente à ruína mais segura.

Foi então quando se levantaram aquelas terríveis perseguições que tinham por objeto extirpar da terra os últimos vestígios do cristianismo. A terrível provação esperava o cristão se resistia o decreto da autoridade imperial. Aos que seguiam inexoravelmente a ordem da verdade, uma vez tomada a decisão, era final e irrevogável. Às vezes costumava acontecer que tomar a decisão de tornar-se cristão equivalia a aceitar uma morte instantânea, ou pelo menos a ser expulso fora da cidade, proscrito dos gozes normais do lar e da luz do dia.

Os corações dos romanos foram endurecidos, e seus olhos foram cegados. Não podiam comover seus sentimentos nem despertar neles a menor compaixão, nem a inocência nem a infância, nem a pureza da mulher, nem a nobre coragem de bem, nem os veneráveis cabelos brancos do ancião, nem a inconfundível fé, nem o amor vitorioso sobre a morte. Não tinham olhos para ver a tempo a negra nuvem de desolação que pendia sobre o império, condenado irrevogavelmente a morte pelos atos dos seus. Não tiveram visão para compreender que do furor daquele destino somente poderiam ser salvos por aqueles a quem perseguiam.

Porém, na plena vigência desse reino de terror, as catacumbas abriram suas portas perante os cristãos, qual uma cidade de refúgio. Ali repousavam os ossos de seus antecessores, que de geração em geração tinham lutado pela verdade, e o pó de seus corpos esperava aqui a aclamação da ressurreição. Ali traziam eles a seus amados parentes, conforme um a um iam deixando-os para voar às alturas. Até aqui o filho tinha trazido em ombros o corpo de sua velha mãe, e o progenitor tinha visto seu filho depositado no sepulcro. Até aqui eles tinham trazido piedosamente os mutilados despojos de aqueles que pela sua fé haviam sido despedaçados pelas feras selvagens na arena, os corpos chamuscados daqueles que tinham sido entregues às chamas, ou ainda os consumidos corpos dos mais infelizes de todos, que tinham exalado o último suspiro de sua vida após a longa agonia que constituía a morte por crucificação. Cada um dos cristãos tinha algum amigo ou parente cujo corpo jazia ali. O mesmo campo era em todo sentido um campo santo.

Nada, pois, podia estranhar que eles procurassem refúgio e segurança num lugar semelhante.

Nestas moradas subterrâneas, sobre tudo, havia encontrado seu único lugar de refúgio contra a inflamada perseguição. Naquele tempo não podiam procurar auxílio em países estrangeiros, ou além dos mares, porque para eles não existiam países de refúgio, e não havia terra do outro lado dos mares na qual tivessem a menor esperança. O poder imperial de Roma mantinha colhido em suas poderosas garras todo o mundo civilizado; seu tremendo sistema policial se estendia por todas as terras, e ninguém podia escapar de sua implacável ira. Seu poder era tão irresistível que desde o nobre mais elevado até o escravo mais humilde, todos eram igualmente súbditos de Roma. Nenhum imperador destronado poderia fugir de sua vingança, nem sequer se podia esperar semelhante escape. Quando Nero caiu, o único que alcançou a fazer foi ir numa vila perto e suicidar-se. Porém, aqui embaixo, nesses infinitos labirintos, ainda o poder de Roma não tinha valor algum, pois seus burlados emissários vacilavam na mesma entrada.

Nestes providenciais refúgios os cristãos permaneciam, povoando densamente as inumeráveis passagens e grutas. De dia se reuniam para trocar entre eles o verbo de consolação e alento, ou também para partilhar condolência por um novo mártir. Pelas noites despediam os mais ousados dentre eles em desesperadas empresas para trazer notícias do mundo exterior, ou bem para trazer os corpos ensangüentados das novas vítimas. No transcurso de diferentes perseguições, eles se retiraram ali embaixo numa segurança tal que, embora milhões pereceram por todo o vasto império, o genuíno poder do cristianismo em Roma apenas foi sacudido.

Deste modo foi coberta sua segurança e preservada sua vida, mas, sob que condições? Por ventura, o que é a vida sem luz, e a segurança do corpo naquelas úmidas trevas que deprimem a alma? A natureza física do homem estremece diante de tal destino, e seu delicadíssimo organismo não demora em perceber a falta daquele sutil princípio renovador que tão estreitamente vinculado está com a luz. As funções do corpo vão perdendo uma a uma suas faculdades e aquele tom normal de energia. Esse enfraquecimento do corpo afeta a mente, predispõe à tristeza, à apreensão, a dúvida e até ao desespero. Não deixa de ser uma honra maior para o homem manter-se firme e fiel sob tais circunstâncias, do que oferecer sua vida em heróica morte na arena, ou ter morrido ardendo resolutamente na pira. Ali, onde as mais densas sombras das trevas envolviam em amortalhando os cativos, foi onde estes enfrentaram com valor supremo a mais dura das provas. A valente presença de ânimo sob a perseguição mesma era o mais admirável; mas se tornou tanto mais sublime o fato de tê-la resistido, a despeito de seus horrores indescritíveis.

As rajadas de ar gélido que sempre recorriam este labirinto gelavam até os ossos, mais traziam o ar renovado da superfície. Tanto os pisos como as muralhas e os tetos, estavam cobertos de depósitos imundos de vapores úmidos que sempre circulavam, pois a atmosfera estava espessa pelas exalações impuras e miasmas contaminantes. A densa fumaça das tochas sempre acedas poderia ter mitigado os ares nocivos, mas oprimia os moradores com sua moral influência, que além de cegar, sufocava. Contudo, em meio deste acúmulo de horrores, a alma do mártir se manteve firme e impassível sem render-se. O revivido espírito que resistiu todo isso se ergueu a proporções que nunca foram alcançadas nem nos mais orgulhosos dias da velha república. Aqui foi sobrepujada a fortaleza de Régulo, a devoção de Curtio, a constância de Bruto, e não por homens adultos e fortes somente, senão por tenras virgens e fracas crianças.

Assim, desprezando o render-se diante o mais cruel dos poderes de perseguição, se mantiveram firmes e sem flutuar na pureza do coração, no bem, no valor e na nobreza. Para eles a morte não tinha terrores, nem também não a apavorante morte em vida a que se viram obrigados e que preferiram suportar ali naquelas regiões do desmaio entre os mortos. Eles sabiam o que lhes esperava quando se decidiam a seguir a Jesus Cristo, e o aceitavam todo com prazer. Desciam ali voluntariamente, levando com eles todo o que era mais precioso a alma do homem, e tudo sofriam pelo grande amor com que tinham sido e eram amados.

O constante esforço que eles faziam por diminuir a intensidade das trevas de sua moradia ficou vivível todo em volta das muralhas. Em alguns lugares, essas estavam cobertas de estuque branco, e em

outras, adornadas com quadros; mas de nenhuma forma com mortais deificados para serem adorados, idolátricamente, senão simplesmente monumentos de lembrança daqueles grandes heróis antigos da verdade, "os quais por meio da fé venceram reinos, praticaram a justiça, alcançaram promessas, fecharam a boca dos leões, apagaram a força do fogo, escaparam ao fio da espada, da fraqueza tiraram forças, tornaram-se poderosos na guerra, puseram em fuga exércitos estrangeiros" (Hebreus 11:33-34). Se nessas horas de angústia e amargura necessitavam buscar cenas ou pensamentos que pudessem aliviá-lhes suas almas e inspirá-los com novas forças para o futuro, pois não podiam eles ter achado outros objetos mais acertados em que inspirar-se, de tanto valor e de tão profundo consolo.

Tais eram os ornamentos das capelas. Pois os únicos moveis que continham eram uma simples mesa de madeira, sobre a qual colocavam o pão e o vinho da Ceia do Senhor, os símbolos do corpo e do sangue de seu Senhor crucificado.

A cristandade levava longo tempo de luta, e essa era uma luta contra a corrupção. Por conseguinte, não deve considerar-se estranho se a igreja contraiu alguns sinais de seu contato demasiado estrito com seu inimigo, ou se ela levou aqueles sinais até seu lugar de refúgio. Todavia, se eles praticavam algumas variações com relação ao modelo apostólico, estes eram muito triviais, e todas podiam passar despercebidas, se não fosse porque elas abriram o passo para outras maiores. Com isso tudo, as doutrinas essenciais do cristianismo não sofreram a menor contaminação, nem mudança alguma. O pecado do homem, a misericórdia do Pai, a expiação do Filho, a unção do Espírito Santo, a salvação pela fé no Redentor, o valor de seu precioso sangue, sua ressurreição física, a bem-aventurada esperança de seu regresso: todas essas verdades fundamentais eram para eles de tanta estima e as guardavam com tanto fervor e energia, que não alcança a mera linguagem a fazer tributo da devida justiça.

Deles era aquela excelsa fé que os susteve frente as provas mais duras. No homem Cristo Jesus, glorificado à direita de Deus, era em quem repousava sua fé e sua esperança, em mais nada ou mais ninguém. A fé nEle era tudo. Era o mesmo hálito de vida, a respiração normal deles, tão real que os sustentou na hora dos cruéis sacrifícios, tão duradoura que ainda quando parecia que todos os seguidores haviam desaparecido da terra, eles, contudo, podiam olhar para as alturas e esperar nEle.

Deles era a plenitude daquele amor que definiu Cristo quando estava na terra, dizendo que era o resumo da lei e dos profetas. Era desconhecida naqueles dias a luta sectária e as amarguras denominacionais. E que eles tinham um grande inimigo geral contra quem lutar, e como poderiam pelejar uns contra os outros? Ali se

cultivava o amor pelo próximo, que não conhecia distinção de raça ou classe, senão que abraçava toda a imensa circunferência, de maneira tal que um podia dar a vida por seu irmão. Ali, pois, o amor de Deus, derramado abundantemente no coração pelo Espírito Santo, não temia chegar até o sacrifício da mesma vida. A perseguição, que os rodeava como um leão rugindo, os fortaleceu mas seu zelo, fé e amor que alumbravam brilhantemente em meio das trevas da idade. Seu número se contava aos que eram verdadeiros e sinceros. Era o melhor antídoto contra a hipocrisia. Ao valente o investia do mais ousado heroísmo, e ao temeroso inspirava-lhe cruz valor e devoção. Eles viveram numa época na qual ser cristão era arriscar a vida mesma. Eles não retrocediam nem vacilavam, senão que atrevidamente proclamavam sua fé e aceitavam as conseqüências. Eles traçavam uma linha divisória perfeitamente visível entre eles e o mundo, e se mantinham valentemente em seu posto. A simples pronúncia de umas quantas palavras, a execução de um ato singelo, bastaria para salvar da morte; mais a língua se negava a pronunciar a fórmula da idolatria, e a mão firme recusava o derramamento da libação. As doutrinas vitais do cristianismo encontravam neles muito mais que o mero assentimento intelectual. Cristo mesmo não era para eles somente uma idéia, um pensamento, senão uma existência pessoal e real. A vida de Cristo sobre a terra era para eles uma verdade vivificante. Eles a aceitavam como o mais adequado exemplo para todo homem. Sua ternura, sua humilde, sua paciência e sua mansidão, pensavam eles que lhes eram oferecidas para que fosse imitadas; jamais separaram o cristianismo ideal do cristianismo real. Pensavam que a fé do homem consistia tanto em sua vida como em seu sentimento, e não haviam aprendido a fazer distinção entre o cristianismo experimental e o cristianismo prático. Para eles a morte de Cristo era o grande evento, perante o qual todos os outros eventos na vida dEle eram somente secundários. Que Ele morreu é o fato por excelência, e que foi pelos filhos dos homens, ninguém em absoluto podia compreendê-lo melhor que eles. Que Ele foi levantado e que está glorificado à direita de Deus, e que toda potestade foi-lhe entregue no céu e na terra, era divina realidade para eles. Pois entre seus próprios irmãos sabiam de muitos que tinham sido pendurados de uma cruz por amor a seus irmãos, ou morrido na pira por seu Deus. eles tomavam sua cruz e seguiam a Cristo, levando seu vitupério. Aquela cruz e aquele vitupério não eram somente figurados. De tudo isso testemunham esses tenebrosos labirintos, recinto próprio para os mortos somente, que porém por muitos anos se abriu para refugiar os vivos. É testemunhado por aqueles nomes de mártires, por aquelas palavras de triunfo. As muralhas conservam para as gerações vindouras as palavras de dor e de lamento, e de sentimentos sempre variados que se escreveram sobre elas durante as sucessivas

gerações por aqueles que deveram albergar-se nessas catacumbas. Elas transmitem sua dolorosa história aos tempos vindouros, e trazem à imaginação as formas, os sentimentos e os feitos daqueles que foram ali confinados. Assim como a forma física da vida se fixa nas placas da câmara fotográfica, assim as grandes vozes que uma vez se arrancaram pela intensidade do sofrimento desde o fundo da alma mesma do mártir ficaram estampadas sobre a muralha, desafiando os séculos vindouros.

Testemunhas humildes da verdade, pobres, depreciados, abandonados, cujos clamores por misericórdia chegavam em vão a ouvidos dos homens: antes se sufocavam no sangue dos mortos e na fumaça dos sacrifícios! Porém, se os de sua própria raça responderam a suas súplicas com renovadas e maiores torturas, estas muralhas rochosas mostraram maior misericórdia, pois ouviram seus suspiros e os guardaram em seu seio, e foi assim que aqueles clamores de sofrimento viveram ali entesourados e gravados na rocha para sempre.

A conversão de Marcelo ao cristianismo tinha sido repentina. Porém, tais transições do erro a verdade eram freqüentes. Ele tinha testado e provado as mais elevadas formas da superstição selvagem da filosofia pagã, tendo descoberto que não o satisfaziam; mas de repente se achou de frente ao cristianismo, comprovou que enchia plenamente todos os anelos de sua consciência. Possuía precisamente o que se necessitava para poder contentar as ânsias da alma e saciar o vazio do coração com a plenitude da paz. E é assim que se a transição foi rápida, também foi completa e perfeita. Pois, tendo aberto os olhos e contemplado o Sol de Justiça, ele não podia voltar a fechá-los. A obra da regeneração era completada divinamente e recebeu de boa vontade a parte que lhe correspondia no sofrimento dos perseguidos.

As primeiras pregações do Evangelho se caracterizavam pela freqüência de conversão notáveis como esta. Por todo o mundo pagão eram incontáveis as almas que experimentavam o que experimentou Marcelo, e que gostosos se submetiam às mesmas experiências. Pois só era necessária a pregação da verdade, acompanhada pelos poder do Espírito Santo, que lhes abria os olhos e os conduzia a ver a luz. Eis aqui a causa e a chave da rápida disseminação do cristianismo, a influência divina real sobre a razão humana.

Marcelo, pois, vivendo a vida e partilhando a atividade e a comunhão com seus irmãos, não demorou em penetrar no fundo de suas esperanças, seus temores e suas alegrias. A fé viva e a confiança inquebrantável deles se comunicavam a seu coração, e todas as gloriosas expectativas que os sustentavam não demoraram em chegar a ser o mais efetivo recreio de sua própria alma. A bendita Palavra de vida chegou a ser matéria de seu constante estudo e deleite e todos seus ensinamentos acharam nele seu mais ardoroso e ativo discípulo.

As reuniões mais freqüentes por todas as catacumbas eram as de oração e louvor. Tendo sido providencialmente afastados das ocupações comuns dos negócios do mundo, dedicavam-se por inteiro aos mais elevados e sublimes objetivos em que colocavam todo seu empenho. Privados aqui como estavam da oportunidade de realizar algum esforço pelo sustentamento do corpo, viam-se constrangidos a dedicar sua vida integralmente ao cuidado da alma. E eles conseguiam amplamente o que procuravam. Pois a terra, com seus cuidados fervorosos e suas atrações e seus milhares de distrações, tinham perdido sobre eles todo influxo, deixando-os livres. Os céus tinham se aproximado deles; seus pensamentos e sua linguagem eram justamente os do Reino. Eles se compraziam em falar e pensar no gozo incomensurável e digno que aguardava aos que fossem fiéis até a morte. Deleitavam-se em conversar e discorrer sobre aqueles irmãos que já haviam partido, e que somente levavam vantagem. Não imaginavam sequer que tivessem se perdido. Tudo isso lhes fazia prever o momento em que sua própria partida também chegaria. Mas, por sobre todas as coisas, eles olhavam maiormente para aquele dia do grande chamamento final, que levantaria os mortos, transformaria os vivos e traria em volta dEle os comprados com sangue, o povo lavado com seu sangue, até esse lugar de encontro no ar; e esperavam o estabelecimento do tribunal de Cristo, onde Ele outorgará recompensas pelo serviço fiel (1 Tessalonicenses 4:13-18; 3:20-21; 1 Coríntios 3).

Foi assim como Marcelo viu estes lúgubres passadiços subterrâneos, não entregues para o silêncio do sono dos mortos, senão densamente povoados de milhares de vivos. Descoloridos, pálidos e oprimidos, achavam ainda em meio dessas trevas um destino melhor que o que podiam esperar na superfície. Sua atividade vital animava esta região dos mortos; o silêncio desses corredores era interrompido pelo som das vozes humanas. A luz da verdade, a virtude, espantada dos ares saudáveis de cima, florescia e se acendia com o mais puro e reluzente brilho em meio destas trevas subterrâneas. As doces saudações de afeto, de amizade, de fraternidade e de amor, eram cultivadas entre os desmoronantes restos dos que tinham partido. Aqui se misturavam as lágrimas de luto com o sangue dos mártires, e as mãos carinhosas envolviam em seus últimos sudários os pálidos despojos. Nestas grutas, as almas heróicas se erguiam por acima da dor. A esperança e a fé sorriam gozosas, e anunciavam com firmeza "a brilhante estrela da manhã", e dos lábios de quem deviam brotar lamentos, surgiam vozes de louvor.

CAPÍTULO 9

A PERSEGUIÇÃO

Porque necessitais de paciência, para que, depois de haverdes feito a vontade de Deus, possais alcançar a promessa. ⁴¹

A perseguição agravou-se com maior fúria. Não haviam transcorrido senão umas poucas semanas desde que Marcelo vivia ali, quando um maior número tinha acudido em desesperada busca deste refúgio de retiro. Jamais no passado tinham-se congregado tantos nas catacumbas. Geralmente as autoridades se haviam contentado com os cristãos mais proeminentes e, em consequência, os fugitivos que recorriam às catacumbas compunham esta classe. Foi em verdade a perseguição mais severa que sobreveio esta vez, abrangendo a todos, e somente sob o governo de uns poucos imperadores havia-se mostrado tal encarniçamento indiscriminado. Esta vez não se fazia a menor distinção de classe ou posição. Pois tanto o mais humilde seguidor como o mais eminente dos mestres foram perseguidos a morte com a mais encarniçada fúria.

Até esta época a comunicação com a cidade era relativamente fácil para os refugiados, porque os cristãos que tinham ficado acima, embora pobres de médios, não descuidavam os que estavam nas profundezas do esconderijo, nem esqueciam suas necessidades. Facilmente, pois, podiam se adquirir provisões, e o auxílio não faltava. Porém chegou a hora em que precisamente aqueles em cujo auxílio confiavam os fugitivos, também foram vítimas da perseguição e obrigados a compartilhar seu destino com seus irmãos de grutas e precisar eles mesmos receber caridade em vez de dá-la.

Contudo, não afrontavam sua situação desesperando-se. Ainda nessa Roma havia muitos que os amavam e ajudavam, embora não fossem cristãos. Em todo grande movimento, sempre haverá uma considerável proporção de seres neutrais, os mesmos que, seja por interesse ou por indiferença, se mantêm à margem. Essas pessoas invariavelmente se unirão ao lado mais forte, e quando o perigo ameaça, costumam evitá-lo fazendo qualquer concessão. Tal, pois, era a condição em que se encontravam numerosos romanos. Eles tinham amigos e parentes a quem amavam entre os cristãos e por quem sentiam a mais cordial simpatia. Sempre se mantinham dispostos a ajudá-los, mas naturalmente, tinham a devida consideração pela própria segurança para não chegar ao extremo de jogar sua sorte junto com a deles. Seguiam sendo cumpridos assistentes aos templos e à

⁴¹ Hebreus 10:36

adoração dos deuses pagãos como antes, vindo assim a ser aderentes nominais das velhas superstições oficiais. Estes foram os que proveram para as necessidades da vida dos cristãos.

Porém agora, além disso, toda expedição que se tentasse fazer à cidade estava rodeada de maiores e iminentes perigos, e somente os muito ousados se atreviam a aventurar-se. Mas esse profundamente arraigado desdém pelo perigo e a morte era tal, e tantos eram os que por ele estavam inspirados, que jamais deixaram de oferecer-se espontaneamente os homens para desafiar a morte em tão perigosas empresas.

Eis ali as tarefas peculiares para as que Marcelo se oferecia entusiasta e gostoso de poder fazer algo por seus irmãos. A mesma valentia e perspicácia que o tinha elevado até as mesmas altas categorias militares, agora o faziam destacar-se com todo êxito nestas suas novas atividades.

Dezenas de fiéis eram capturados e sacrificados por dia. Os cristãos se encarregavam da igualmente arriscada tarefa de recuperar seus despojos mortais para dá-lhes sepultura de seu jeito. Nisto não havia tanto perigo, já que evitavam às autoridades o incômodo de queimá-los e enterrar os cadáveres.

Um dia chegaram notícias à comunidade residente sob a Via Ápia de que dois dos seus tinham sido capturados e entregados à morte. Marcelo, juntamente com outros, saíram com a missão de recuperar os corpos. Pólio, aquele rapaz com coração de adulto, foi com eles se por acaso fossem necessários seus serviços. Era o anoitecer quando chegaram à porta da cidade, e as trevas não demoraram em cobrir seus movimentos. Mas não tardou em aparecer a lua para iluminar o amplo cenário.

Escoaram-se abrindo-se passo pelas ruas tenebrosas, até chegar finalmente ao Coliseu, o lugar de martírio de tantos de seus companheiros. Aquela enorme massa se elevava orgulhosa diante deles, ampla, tenebrosa e severa, como o poder imperial que a tinha construído. Multidões de vigilantes, guardiões e gladiadores estavam dentro de suas portas, cujas passagens abobadadas estavam iluminadas pelo resplendor das tochas.

Os gladiadores conheciam o motivo de sua presença, e lhes ordenaram rudemente segui-los. Eles mesmos os conduziram até que estiveram na arena. Ali estavam jogados numerosos corpos, os últimos que tinham morrido naquele dia. Estavam cruelmente mutilados, alguns em condições tais que apenas se distinguia que eram seres humanos. Depois de uma longa busca, acharam os dois que procuravam. Esses corpos foram seguidamente colocados em grandes sacos, nos quais se dispunham a levá-los.

Marcelo se deteve para contemplar o cenário que o rodeava. Estava completamente rodeado de maciças muralhas que se elevavam por meio de numerosos terraços em declive, até chegar ao coroamento no círculo exterior. Sua estrutura preta parecia encerrá-lo com barreiras tais que ele já não podia franquear.

Ele pensava: "Quando chegará também o dia em que eu, da mesma maneira, ocupe meu posto aqui, oferecendo minha vida por meu Salvador? Serei fiel quando chegue esse momento? Oh, Senhor Jesus, sustenta-me naquela hora!"

Ainda a lua não tinha ascendido o suficiente para que penetrassem seus raios dentro da arena. Ali nesse interior tudo era escuro e repulsivo. A busca deveu realizar-se com tochas emprestadas pelos guardiões.

Naqueles momentos Marcelo ouviu uma voz profunda procedente de alguns dos arcos posteriores. Seus tons penetraram dentro do ar da noite com clareza surpreendente, e puderam ser ouvidos por cima da rude algaravia dos guardas:

"E ouvi uma grande voz no céu, que dizia: Agora é chegada a salvação, e a força, e o reino do nosso Deus, e o poder do seu Cristo; porque já o acusador de nossos irmãos é derrubado, o qual diante do nosso Deus os acusava de dia e de noite. E eles o venceram pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do seu testemunho; e não amaram as suas vidas até à morte" ⁴².

— Quem é esse? — disse Marcelo.

— Não o atendas — disse seu companheiro— . É o irmão Cina. Suas penas e dores o deixaram maluco. Seu único filho foi queimado na pira a começos da perseguição, e desde então ele anda recorrendo a cidade anunciando calamidades por vir. Até agora não tinham se ocupado dele; porém finalmente o capturaram.

— E está prisioneiro aqui?

— Sim.

E de novo a voz de Cina se deixou ouvir, espantosa, ameaçadora e terrível:

"Até quando, oh verdadeiro e santo Dominador, não julgas e vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?" ⁴³.

— Esse é, então, o homem que eu ouvi no capitólio!

— Sim, deve ser ele, porque já recorreu toda a cidade, e ainda o palácio, clamando e apregoando isso mesmo.

— Vamos.

⁴² Apocalipse 12:10-11

⁴³ Apocalipse 6:10

Tomaram seus sacos e se encaminharam às portas. Depois de uma breve pausa, foi-lhes permitido passar. E conforme saiam, ouviram a voz de Cina na distância:

"E clamou fortemente com grande voz, dizendo: Caiu, caiu a grande Babilônia, e se tornou morada de demônios, e covil de todo espírito imundo, e esconderijo de toda ave imunda e odiosa. Sai dela, povo meu!" ⁴⁴

Nenhum deles pronunciou palavra alguma até que chegaram a suficiente distância do Coliseu.

Marcelo rompeu o silêncio.

— Senti um grande temor de que nos encerrassem e não nos deixassem sair mais de lá.

O outro lhe respondeu:

— Não sem razão sentiste aquele temor. O menor capricho repentino do guarda poderia ser a nossa sentença de morte inevitável. Mas para isso devemos estar sempre preparados. Pois em momentos como este, devemos estar dispostos a afrontar a morte a qualquer momento. Que diz o nosso Senhor? "Estai vós também prontos e apercebidos" ⁴⁵. Quando o tempo chegue, devemos estar dispostos a dizer: "Pronto estou para ser oferecido".

-Sim — disse Marcelo— , nosso Senhor já nos disse o que deveríamos ter: "no mundo tereis aflições..." ⁴⁶.

— Ah, mas Ele também diz: "mas tende bom ânimo, eu venci o mundo" ⁴⁷. "Onde eu estou, vós também estareis" ⁴⁸.

— Por meio dEle — disse Marcelo— , podemos sair mais que vencedores sobre a morte ⁴⁹. As aflições deste tempo presente não são dignas de comparar-se com a glória que nos será revelada ⁵⁰.

Assim se consolavam eles com as promessas seguras da bendita Palavra de vida que em todos os tempos e em todas as circunstâncias é capaz de brindar semelhante consolo celestial. Finalmente chegaram a seu destino, sãos e salvos e portando suas cargas, com a íntima gratidão em seus corações para Aquele que os tinha preservado.

Não muitos dias depois, Marcelo voltou sair em busca de provisões. Esta vez ele foi sozinho. Foi à casa de um homem que era muito amigo deles e que tinha sido de grande ajuda. Estava por fora das muralhas, nas redondezas da Via Ápia.

⁴⁴ Apocalipse 18:2,4

⁴⁵ Mateus 24:44; Lucas 12:40

⁴⁶ João 16:33a

⁴⁷ João 16:33b

⁴⁸ João 14:3

⁴⁹ Romanos 8:37

⁵⁰ Romanos 8:18

Depois de ter obtido as provisões indispensáveis, começou a averiguar pelas notícias.

— Más são para vocês as notícias — disse o homem— . Um dos oficiais dos pontos se converteu ao cristianismo recentemente, e isso enfureceu o imperador. Este designou um outro oficial para o cargo que o outro tinha, e o comissionou para perseguir os cristãos. E é assim que a cada dia capturam alguns deles. Pois nestes dias não existe um único homem que seja considerado demasiado pobre para não capturá-lo.

— Ah, sabe você o nome do novo oficial dos pretorianos que está encarregado de perseguir os cristãos?

— Lúculo.

— Lúculo! — exclamou Marcelo— . Que estranho!

— Dizem que é um homem de muita habilidade e energia.

— Tenho ouvido falar dele. E em verdade estas são más notícias para os cristãos.

— A conversão ao cristianismo do outro oficial enfureceu o imperador até enlouquecê-lo. A tal extremo que se oferece um considerável resgate por ele. E se você, amigo, por ventura o vê ou estás em condições de falar com ele, procura por todos os meios comunicá-lo. dizem todos que ele está nas catacumbas com vocês.

— Ele deve estar ali, já que não existe outro lugar seguro.

— Verdadeiramente, estes são tempos terríveis. Deves tomar todas as precauções possíveis.

Marcelo respondeu, humilde, mas firmemente:

— Não podem matar-me mais de uma vez.

— Oh, vocês os cristãos desperdiçam a fortaleza mais excelente. Eu admiro com toda a minha alma seu valor, mas penso que vocês poderiam se conformar exteriormente ao decreto do imperador. Por que, pois, deviam precipitar-se assim tão loucamente à morte?

— Nosso Redentor morreu por nós. E de nossa parte, não podemos menos que estar prontos a morrer por Ele. E, já que Ele morreu pelo seu povo, nós também nos comprizamos voluntariamente em imitá-lo, oferecendo nossas vidas por nossos irmãos.

— Vocês são pessoas divinamente maravilhosas —exclamou aquele homem ao tempo que alçava as mãos.

Chegou o momento em que Marcelo deveu despedir-se, e então partiu levando sua carga. As notícias tinham sido tais que o haviam enchido e tinham comovido sua mente e todo seu ser.

"Então Lúculo ficou em meu posto", pensava ele, em seu caminho. "Como desejaria saber se ele se voltou contra mim! Pensará agora sobre mim como de seu amigo Marcelo, o simplesmente como de um cristão? Pode ser que o descubra dentro de pouco, seria

verdadeiramente estranho que eu caísse em suas mãos; e, contudo, se eu fosse capturado, provavelmente chegaria a estar perto dele".

"Mas ele deve cumprir com seu dever de soldado, e por que deveria eu me queixar? Pois se ele foi nomeado para esse cargo, não tem alternativa senão obedecer. E ele, como soldado, não pode me tratar de outro modo senão como inimigo do estado. Ele bem pode ter pena de mim, e ainda me amar em seu coração como amigo, mas contudo não pode eximir-se de cumprir com seu dever".

"Já que se oferece um resgate pela minha cabeça, eles devem redobrar seus esforços para dar comigo. Acredito, pois, que meu tempo chegou. Devo estar preparado para enfrentar fielmente o que venha".

Sumido nestes pensamentos tinha recorrido a Via Ápia. Estava tão envolvido em suas meditações que não percebeu uma multidão de pessoas reunidas numa esquina, até que esteve em meio deles. E repentinamente se encontrou detido.

— Oh, amigo — exclamou uma voz rude— , não tenhas tanta pressa. Quem é você, e para onde vai?

— Deixa o passo livre! — exclamou Marcelo em tom de mando, natural em quem já teve o hábito de mandar e ter homens sob suas ordens, indicando ao homem que se afastasse.

A multidão se surpreendeu pelo modo autoritário e o tom imperioso, mas o porta-voz deles se mostrou mais arrogante.

— Dize-nos quem é você, ou não passas!

Ao que Marcelo replicou:

— Homem, afasta-te a um lado. Não conheces que sou pretoriano?

Perante aquele homem tão pavoroso como venerável, a multidão se abriu rapidamente, e Marcelo passou pelo meio deles. Mas apenas tinha-se distanciado dali uns cinco passos, quando uma voz exclamou:

— Prendam-no! É Marcelo, o cristão!

A multidão também vociferou ao unísono. Mas Marcelo não esperou maior advertência. Jogando fora a carga que levava, empreendeu vertiginosa fuga rumo o Tíber por uma rua lateral. A multidão íntegra o perseguiu. Era uma carreira de vida ou morte. Mas Marcelo tinha sido treinado em todo esporte atlético, e em segundos multiplicou a distância que o separava de seus perseguidores. Finalmente chegou no Tíber, e mergulhando nele nadou até o lado oposto.

Os perseguidores chegaram à beira do rio, mas não passaram dali.

CAPÍTULO 10

A CAPTURA

A prova da vossa fé opera a paciência. ⁵¹

Na capela, Honório se encontrava sentado em companhia de um ou dois mais, entre quem estava a irmã Cecília. Os mortíços raios de uma única lâmpada alumiam o cenário muito debilmente. Todos os presentes estavam silenciosos e tristes. Sobre eles pesava uma melancolia mais profunda do comum. Em volta deles se ouvia o barulho de passos e de vozes e um confuso murmúrio de atividade vital.

De forma repentina e rápida se ouviram passos, e entrou Marcelo. Os ocupantes da capela saltaram sobre seus pés com exclamações de gozo.

— Onde está Pólio? — perguntou Cecília com vivo interesse.

— Eu não o vi — disse Marcelo.

— Não o viu! — e ela voltou cair sobre o assento.

— Mas, o que acontece? Já devia ter voltado?

— Devia ter voltado seis horas atrás, e isso me deixa louca de ansiedade.

— Não há perigo — disse Marcelo, tentando consolá-la— . Ele sabe cuidar-se... — e procurou que não percebessem sua preocupação, mas seu olhar traía suas palavras.

— Que não há perigo! — gritou Cecília— Aí de mim, nós sabemos já todos os novos perigos que há. Jamais tem sido tão perigoso como até agora.

— O que aconteceu para que demorasses tanto, Marcelo? Te dávamos por morto.

Marcelo respondeu:

— Eu fui detido perto da Via Ápia. Devi soltar a carga e correr ao rio. A turba me seguiu, mas eu mergulhei nas águas e passei a nado. Dali tomei uma rota em envolvendo as ruas do outro lado, depois do qual voltei cruzar e assim cheguei aqui são e salvo.

— Escapaste miraculosamente, pois ofereceram resgate pela tua cabeça.

— Já sabiam vocês disso?

— Obviamente que sim, e muito mais. Soubemos dos redobrados esforços que eles estão fazendo para aniquilar-nos. Durante todo o dia têm estado chegando notícias de dor. Mais que nunca devemos confiar-nos que somente Ele pode salvar-nos.

⁵¹ Tiago 1:3

— Ainda podemos frustrar seus planos — disse Marcelo com ar de esperança.

— Mas eles estão vigiando nossa entrada principal — disse Honório.

— Então devemos fazer novas. As fendas são inumeráveis.

— Eles estão oferecendo recompensa por todos os irmãos proeminentes.

— E daí? Cuidaremos desses irmãos, guardando-os mais que nunca.

— Nossos médios de subsistência estão diminuindo gradualmente.

— Mas existem tantos ousados e fiéis corações como sempre. Quem tem temor de arriscar sua vida agora? Nunca faltará a provisão de alimento enquanto permanecemos nas catacumbas. Pois se nós conseguimos escapar à perseguição, traremos o auxílio aos nossos irmãos; e se morremos, receberemos a coroa do martírio.

— Tens razão, Marcelo. Tua fé dá vergonha aos meus temores. Como podem temer a morte aqueles que vivem nas catacumbas? Se trata somente de umas trevas momentâneas e logo tudo passará. Mas no dia de hoje ouvimos dizer muito que faz desesperar nossos corações e afoga nossos espíritos até fazer-nos desmaiar.

— Aí de mim — continuou Honório com voz dolorosa— , como se disseminou a gente, e as assembléias ficaram desoladas. Não faz senão alguns meses que havia cinquenta assembléias cristãs dentro da cidade, onde brilhava a luz da verdade, e as vozes das orações e dos louvores ascendiam até o trono do Altíssimo. Agora foram abatidas, e o povo foi dispersado e lançado fora da vista dos homens.

Fez uma breve pausa, vencido pela emoção, e depois, com sua voz baixa e amargurada, repetiu as palavras afligidas do Salmo 80:

O Senhor Deus dos Exércitos,
até quando te indignarás contra a oração do teu povo?

Tu os sustentas com pão de lágrimas,
e lhes dás a beber lágrimas com abundância.

Tu nos pões em contendias com os nossos vizinhos,
e os nossos inimigos zombam de nós entre si.

Faze-nos voltar, oh Deus dos Exércitos,
e fazes resplandecer o teu rosto,
e seremos salvos.

Trouxeste uma vinha do Egito;
lançaste fora os gentios, e a plantaste.

Preparaste-lhe lugar,
e fizeste com que ela deitasse raízes,
e encheu a terra.

Os montes foram cobertos da sua sombra,
e os seus ramos se fizeram como os formosos cedros.
Ela estendeu a sua ramagem até ao mar,

e os seus ramos até ao rio.
Por que quebraste então os seus valados,
de modo que todos os que passam por ela a vindimam?
O javali da selva a devasta,
e as feras do campo a devoram.
Oh! Deus dos Exércitos, volta-te,
nós te rogamos, atende dos céus,
e vê, e visita esta vide;
E a videira que a tua destra plantou,
e o sarmento que fortificaste para ti.
Está queimada pelo fogo, está cortada;
pereceu pela repreensão da tua face.⁵²

— Tu estás triste, Honório — disse Marcelo— . É verdade que nossos sofrimentos aumentam sobre nós; mas podemos ser mais que vencedores por meio d'Aquele que nos amou. O que Ele disse? "Ao que vencer, dar-lhe-ei a comer da árvore da vida, que está no meio do paraíso de Deus"⁵³. "Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida"⁵⁴. "Ao que vencer darei a comer do maná escondido, e dar-lhe-ei uma pedra branca, e na pedra um novo nome escrito, o qual ninguém conhece senão aquele que o recebe"⁵⁵. "E ao que vencer, e guardar até ao fim as minhas obras, eu lhe darei poder sobre as nações... e dar-lhe-ei a estrela da manhã"⁵⁶. "O que vencer será vestido de vestes brancas, e de maneira nenhuma riscarei o seu nome do livro da vida; e confessarei o seu nome diante de meu Pai e diante dos seus anjos"⁵⁷. "A quem vencer, eu o farei coluna no templo do meu Deus, e dele nunca sairá; e escreverei sobre ele o nome do meu Deus, e o nome da cidade do meu Deus, a nova Jerusalém, que desce do céu, do meu Deus, e também o meu novo nome"⁵⁸. "Ao que vencer lhe concederei que se assente comigo no meu trono; assim como eu venci, e me assentei com meu Pai no meu trono"⁵⁹.

Ao falar Marcelo estas palavras, se ergueu e seus olhos brilharam, e seu rosto corou de entusiasmo. Suas emoções foram transmitidas a seus companheiros, e conforme caíam estas promessas uma a uma em seus ouvidos, eles esqueceram por um momento suas penas e dores

⁵² Salmo 80:4-16

⁵³ Apocalipse 2:7

⁵⁴ Apocalipse 2:10

⁵⁵ Apocalipse 2:17

⁵⁶ Apocalipse 2:26,28

⁵⁷ Apocalipse 3:5

⁵⁸ Apocalipse 3:12

⁵⁹ Apocalipse 3:21

sob o pensamento de sua próxima bem-aventurança. A nova Jerusalém, as ruas douradas, sem palmas de glória e os cantos do Cordeiro, o rosto d'Aquele que está sentado no trono; tudo isso estava realmente presente em suas mentes.

Honório disse:

— Marcelo, tiras-te minha tristeza com tuas palavras; sobreponhamo-nos, pois, a nossas dificuldades terrenas. Vamos, irmãos, deixamos de lado nossas penas. Pois este irmão recém nascido no reino mostra tal fé que nós devemos imitar. Olhemos, pois, o gozo que nos foi proposto. "Porque sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, temos de Deus um edifício, uma casa não feita por mãos, eterna, nos céus" ⁶⁰

E continuou falando:

— A morte está muito perto, e se aproxima cada vez mais. Nossos inimigos nos têm cercados, e o cerco é cada vez mais estreito. Morreremos, pois, como cristãos.

Marcelo exclamou:

— Por que esses tristes presságios? Acaso a morte está mais perto que antes? Não estamos seguros nas catacumbas?

— Não soubeste, então?

— Saber quê?

— Da morte de Crispo!

— Crispo! Morto! Não! Como? Quando?

— Os soldados do imperador foram guiados pelas catacumbas por alguém que conhecia a rota. Penetraram no salão onde estavam celebrando o serviço de adoração. Isso foi nas catacumbas limítrofes ao Tíber. Os irmãos deram apressado alarme e fugiram. Mais o venerável irmão Crispo, seja por causa de sua extrema velhice, ou pela resolução de sofrer o martírio, não quis fugir dos inimigos. Limitou-se a ajoelhar e elevar sua voz em oração a Deus. dois assistentes fiéis permaneceram com ele. Os soldados se abalançaram sobre ele, e enquanto ainda permanecia orando de joelhos, bateram nele até derramar seus miolos. Caiu morto no primeiro golpe, e os dois irmãos renderam também sua vida ao seu lado.

— Eles voaram a unir-se àquele exterior de mártires. Eles, pois, foram fiéis até a morte, e receberão a coroa de vida — disse Marcelo com vivo entusiasmo.

Mas nesses instantes foram interrompidos por um tumulto no exterior. Ao instante ficaram todos assustados.

— Os soldados! — exclamaram.

⁶⁰ 2 Coríntios 5:1

Mas não; não eram soldados. Eram mais bem um cristão, um mensageiro desse hostil mundo externo. Pálido e tremendo caiu no chão. Contorcendo-se clamou com seus últimos hálitos de vida.

A presença desse homem produziu um efeito extraordinariamente aterrador sobre Cecília. Ela cambaleou, caindo para trás contra a parede, tremendo desde os pés até a cabeça, travando suas mãos uma contra a outra. Seus olhos pareciam sair-se de suas órbitas, os lábios contraídos como se quisesse falar, mais não se ouvia o menor som.

— Fala! Fala, irmão! Conta-nos tudo! — exclamou Honório.

— Pólio! — balbuciou o mensageiro.

— O que aconteceu com ele — disse veementemente Marcelo.

— Foi capturado. Está na prisão!

Ouvindo isso, um grito agudo de mortal amargura se difundiu pelas imediações, semeado o terror. Era o uivo da irmã Cecília, quem não tardou em cair no chão.

Os que a seu lado estavam acudiram a atendê-la. A levaram a seu quarto. Uma vez ali, lhe aplicaram os habituais estimulantes até revivê-la. Mas o golpe a havia afetado gravemente, e embora voltou em si, ficou em tal estado que parecia que sonhava.

Enquanto isso, o mensageiro tinha recuperado as forças, e havia dito tudo quanto sabia.

Marcelo lhe perguntou:

— Pólio foi com você, verdade?

— Não, ele estava sozinho.

— Para que tinha saído?

— Estava tentando ter notícias, e já voltava. Caminhamos até que chegamos onde havia uma multidão de homens. Para surpresa minha, Pólio foi detido e submetido a interrogatórios. Eu já não ouvi o que aconteceu, mas alcancei a ver seus gestos de ameaça, e finalmente vi que o prenderam. Nada pude fazer por ele. Mantive-me a uma distância de segurança e observei. Como meia hora depois se apresentou uma tropa de pretorianos. Pólio foi entregue a eles e o levaram.

— Pretorianos? — disse Marcelo— . Reconheceu o capitão?

— Sim, era Lúculo.

— Está bem — disse Marcelo, e ficou sumido em profunda meditação.

CAPÍTULO 11

A OFERENDA

Ninguém tem maior amor do que este, de dar alguém a sua vida pelos seus amigos. ⁶¹

Havia anoitecido no quartel dos pretorianos. Lúculo se achava sentado ao lado de uma lâmpada que despedia sua luz brilhante por toda parte. De pronto se levantou ao ouvir um toque na porta. Prestamente abriu. Um homem entrou e avançou silenciosamente até o centro do quarto. Depois, tirando da enorme capa na que vinha envolvido, ficou descoberto na presença de Lúculo.

— Marcelo! — exclamou este cheio de assombro, e pulando para a frente abraçou a seu visitante com visíveis mostras de alegria.

— Querido amigo meu — disse ele — , a que destino feliz devo eu a fortuna deste encontro? Me achava precisamente pensando em você, e não me imaginava sequer que nos veríamos outra vez.

— Eu temo que nossos encontros — disse Marcelo tristemente — não serão freqüentes de hoje em diante. Este o procurei com grande risco de minha vida.

— Verdadeiramente é assim — disse Lúculo, partilhando a tristeza do outro — . Você é perseguido com o mais irado interesse, pois se oferece recompensa por você. Com isso tudo, aqui pode se considerar seguro como o estive sempre nos dias felizes, antes que fosses possuído daquela loucura. Oh, meu querido Marcelo! Por que não podem voltar aqueles dias?

— Não posso mudar minha natureza nem desfazer o que fiz. Além disso, Lúculo, embora minha sorte possa parecer-te dura, jamais tenho sido tão feliz como o sou atualmente.

— Feliz! — exclamou o outro com profunda surpresa.

— Sim, Lúculo, embora afligido, não tenho sido derrubado; ainda que perseguido, não desespere ⁶².

— A perseguição ordenada pelo imperador não é coisa ligeira.

— Sim, isso o sei muito bem. Eu vejo ante ela meus irmãos a cada dia. Dia após dia se estreita mais o cerco que nos rodeia. A cada momento me despido de amigos a quem não volto mais ver. Alguns companheiros sobem à cidade, mas não regressam senão seus despojos. Voltam ali só para serem sepultados.

— E com tudo isso, você diz que é feliz?

⁶¹ João 15:13

⁶² 2 Coríntios 4:8

— Sim, Lúculo, tenho uma paz que o mundo não conhece, uma paz que vem de cima e que sobrepuja todo entendimento ⁶³.

— Meu estimado Marcelo, me consta que você é demasiado corajoso como para temer a morte; mas nunca pensei que tivesses tal fortaleza para suportar com tão profunda calma tudo o que eu sei que deves estar sofrendo atualmente. Ou bem teu valor é sobre-humano, ou é o valor que dá a demência.

— Vem de cima, Lúculo. Jesus Cristo, meu Senhor, é para mim muito mais que todas as riquezas e a honra do mundo. Antes me era absolutamente impossível sentir assim, mas agora todas as coisas velhas se passaram e eis aqui, todas foram feitas novas. Sustentado por este novo poder, eu poderei suportar os piores males que possam sobrevir-me. Não espero nada na terra senão sofrimento enquanto aqui viva. Eu sei que morrerei na pior das agonias. Contudo, esse pensamento não é capaz de submeter a indomável fé que mora dentro de mim.

— Me apenas a alma — disse Lúculo tristemente —, verte persuadido de tal determinação. Pois se eu visse o menor signo de flutuação em você, teria a esperança de que o tempo mudaria ou pelo menos modificaria teus sentimentos. Mas já me convenço de que estás tão firme em teu novo caminho.

— Queira Deus conceder-me que possa permanecer fiel até o fim! — disse Marcelo fervorosamente —. Mas a verdade é que não vim para falar-te de meus sentimentos. Vim, querido Lúculo, a pedir tua ajuda, tua comiseração e auxílio. Me prometes-te uma vez demonstrar-me tua amizade, se a necessitasse. Agora venho pedir-te que cumprir tua promessa.

— Tudo o que dependa de mim é teu de antemão, Marcelo. Dize-me que queres.

— Você tem um prisioneiro.

— Sim, muitos.

— Este é um rapazinho.

— Eu creio que o pessoal sob minhas ordens capturou um menino faz pouco tempo.

— Esta criatura é demasiado insignificante para merecer captura. Ele está sob a ira do imperador, mas ainda está debaixo de teu poder. Eu venho, Lúculo, a implorar-te pela sua liberdade.

— Aí de mim, querido Marcelo, o que me pedes? Acaso esqueces-te da disciplina do exterior romano, ou do juramento militar? Não sabes bem que se eu fizesse isso, violaria meu juramento e me faria traidor? Se você me pedisse que deitasse minha espada, eu faria isso mais facilmente que isto que estás me pedindo.

⁶³ Filipenses 4:7

— Eu não esqueci do juramento militar nem da disciplina da força, Lúculo. Eu pensava nesta criança, que é apenas um menino, e bem poderia não ser considerado como prisioneiro. Acaso os mandados do imperador compreendem as crianças?

— Ele não faz distinção de idades. Não viste meninos tão pequenos como este sofrer a morte no Coliseu?

— Aí, sim o vi — disse Marcelo, ao voltar seus pensamentos às jovens cujo cântico de morte o impressionara, causando-lhe tanta pena e ao mesmo tempo tanta doçura em seu coração— . Este rapazinho, então, também deve sofrer a morte?

— Sim — disse Lúculo— , salvo que renuncie solenemente ao cristianismo.

— E isso ele jamais o fará.

— Então de imediato será aplicada a sentença. É a lei a que o faz, e não eu, Marcelo. Eu sou só um instrumento. Não me envergonhes, nem me imputes isso a mim.

— Eu não estou culpando-te. Eu sei muito bem o severo que você é com a obediência. Se você desempenha seu posto deve cumprir com seu dever. Porém, deixa-me fazer outra proposta. O entregar prisioneiros não é permitido, mas a troca sim é legal.

— Sim.

— Se eu te falasse de um prisioneiro muito mais importante que este moleque, o trocarias, não é verdade?

— Mas vocês não têm a nenhum dos nossos.

— Não, pero temos potestade sobre todo nosso povo. E há alguns de nós por cujas cabeças o imperador tem oferecido uma grande recompensa. Pois pela captura destes, centenas de rapazes como este seriam gostosamente entregues.

— É então costume entre os cristãos entregar-se uns aos outros? — perguntou Lúculo surpreso.

— Não, mas algumas vezes um cristão oferecerá sua própria vida para salvar a de outro.

— Impossível!

— Tal é o caso neste exemplo.

— Quem é o que se oferece por este rapaz?

— Eu, Marcelo!

Diante desta assombrosa declaração Lúculo retrocedeu.

— Você! — exclamou.

— Sim, eu mesmo!

— Estás caçoando de mim. É impossível.

— Falo com total seriedade. É por isto que já expus a minha vida ao vir até aqui. Demonstrei o interesse que tenho por ele ao me arriscar a tanto perigo. Já te explicarei. Este menino Pólio é o último de uma

antiga nobre família romana. É o único filho de sua mãe. Seu pai morreu no campo de batalha. Ele pertence aos Servílio.

— Os Servílio! Então sua mãe é a senhora Cecília?

— Sim. Ela é uma das refugiadas das catacumbas. Toda sua vida e seu amor não são senão este menino. A cada dia ela deixa que ela saia à cidade numa perigosa aventura, mas em sua ausência ela sofre indescritível agonia. Contudo, ela teme retê-lo sem sair dali, por temor de que o ar úmido que é tão fatal para as crianças lhe origine a morte. E assim ela o expõe ao que acredita ser um perigo menor.

"Esta é a criança que você tem prisioneira. Essa mãe o sabe e agora jaz debatendo-se entre a vida e a morte. Se você o sacrifica, ela também morrerá, e já não será mais um dos mais nobres e puros espíritos de Roma.

"Pó esta razão é que eu venho me oferecer em troca. O que sou eu? Estou sozinho no mundo. Nenhuma vida está vinculada à minha. Não ha ninguém que dependa de mim para o presente ou o futuro. Eu não temo à morte. Pode vir igualmente agora mesmo, como pode chegar em outra ocasião. Tarde ou cedo virá, e eu prefiro dar a minha vida pelo meu amigo que oferecê-la inutilmente. Por todas estas razões, oh Lúculo, é que te imploro, pelos sagrados laços da amizade, pela tua compaixão, pela promessa que me fizeste, dá-me esta ajuda que te peço, e toma minha vida em troca pela dele".

Lúculo se pus em pé e se passeou pela sala, contendo uma grande agitação dentro de si.

— Por que, oh, Marcelo — exclamou por último— , me submetes a esta terrível prova?

— Minha proposta é fácil de ser recebida.

— Esqueces acaso que tua vida me é igualmente preciosa?

— Porém, pensa nesta pequena criança.

— Efetivamente, eu o compadeço de alma. Mas pensas que posso receber tua vida em prenda?

— Pois a minha vida já está dada em prenda, e eu a oferecerei mais tarde ou mais cedo. E por isso te imploro que me dês a oportunidade de oferecê-la na forma em que possa ser útil.

— Você não morrerá, enquanto esteja ao meu alcance evitá-lo. tua vida ainda não está em prenda. Pelos deuses imortais juro que passará muito antes que você possa ocupar um lugar na arena.

— Ninguém me poderá salvar uma vez que eu tenha sido apreendido, ainda que fizesses tudo quanto puder. O que podes fazer para salvar a um sobre quem está caindo a inexorável ira do imperador?

— Eu posso fazer muito para desviá-la. Você não está em condições de saber quanto se pode fazer. Mas, ainda quando eu não pudesse fazer nada, contudo não vou aceder a esta proposta agora.

— Se eu mesmo me apresentasse perante o imperador, ele deveria ouvir minha petição.

— Ele te colocaria em prisão de imediato, e faria matar ambos.

— Eu poderia enviar uma mensagem com minha proposta.

— A mensagem nunca chegaria a ele; ou pelo menos não chegaria até que não fosse demasiado tarde.

— Então, não há esperança nenhuma? — disse Marcelo tristemente.

— Absolutamente nenhuma.

— E também te negas a conceder-me minha petição?

— Aí, Marcelo, como poderia responsabilizar-me pela morte de meu mais querido amigo? Você não tem misericórdia de mim. Perdoa-me se devo negar-me a aceitar tua temerária proposta.

— Seja feita a vontade do Senhor, meu Deus — disse amargamente Marcelo—. Devo, pois, regressar às pressas. Aí! Como posso eu apresentar-me com esta mensagem de desespero?

Os dois amigos se abraçaram em silêncio e Marcelo partiu, deixando Lúculo oprimido com sua assombrosa e temerária proposta.

Marcelo voltou são e salvo às catacumbas. Os irmãos que ali estavam e que conheciam seus propósitos o receberam gozosos em meio de sua dor.

A senhora Cecília ainda jazia vítima daquele torpor, consciente só a medias dos acontecimentos que se desenvolviam em sua volta. Havia momentos em que sua mente divagava. E em seu delírio conversava como se estivesse entre cenas felizes de sua vida passada. Porém na vida das catacumbas, essas alternativas entre a esperança e o temor, o gozo e a tristeza, a ansiedade que sempre rodeava os refugiados e o ar demasiado deprimente daquele lugar em si, havia conseguido abatê-la tanto em sua mente como em seu corpo. Sua frágil natureza sucumbia sob a fúria implacável daquele tormento, e este último, o mais pesado e amargo dos golpes que caía sobre ela, tinha completado sua prostração. Dos mortais efeitos de tudo isso, já não poderia recuperar-se.

Aquela noite todos vigiaram e oraram ao redor de seu leito. A cada instante se debilitava mais, e, lenta porém seguramente, sua vida se esfumava, ficando só um desfalecer prolongado. Daquela descida tão real, já nem a restituição de seu filho poderia salvá-la.

Todavia, embora as faculdades pensantes e terrenas a haviam deixado e os sentimentos terrenos haviam-se debilitado, aquela paixão dominante nela nos últimos anos em nada tinha diminuído em seu poder nela. Seus lábios gelados sussurravam ainda as palavras bem-feitoras que por tanto tempo tinham sido seu apóio e inspirado seus atos. O nome de seu menor filho querido o balbuciava como nos últimos hálitos, embora inconsciente do perigo que o rodeava. Mas o nome de Jesus Cristo era pronunciado com o fervor mais profundo.

Contudo, chegou o momento final. Reagindo de seu largo período de calma, seus olhos se abriram brilhantes e imensos, um colorido de Liz se apossou de seu rosto macilento, e de seus lábios se ouviram debilmente as palavras: "Vem, Senhor Jesus!".

E com esse clamor, a vida deixou o corpo, e o espírito purificado da senhora, irmã Cecília, voltava a Deus, quem o havia dado.

CAPÍTULO 12

O JUÍZO DE PÓLIO

Pela boca dos meninos e das criancinhas de peito tiraste o perfeito louvor ⁶⁴.

Num edifício não longe do palácio imperial havia um amplo salão, seu piso era de mármore, que se mantinha sempre brilhante, e enormes colunas de pórfiro suportavam o teto. No extremo da habitação havia um altar com uma estatua de uma deidade pagã. E no lado oposto, os magistrados, luzindo suas togas oficiais, ocupavam assentos relevantes. Diante deles havia alguns soldados vigiando o prisioneiro.

O único prisioneiro esta vez era o menino Pólio.

A palidez de seu rosto contrastava com seu porte esguio e firme. A extraordinária inteligência que o havia caracterizado sempre não o abandonou nesses momentos solenes. Seus ágeis olhares captavam todos os detalhes desse cenário. Ele sabia bem a inexorável condena que pendia iminentemente sobre ele. E contudo, nem o menor traço de temor ou de indecisão passava sequer por ele.

Já sabia que o único vínculo que o havia unido à terra tinha partido. As primeiras horas daquela manhã o haviam saudado com a notícia de que sua mãe tinha sido chamada lá cima. Tinha sido transmitida por uma pessoa que entendia que o fortaleceria em sua resolução. Esse mensageiro era Marcelo. O pensamento tinha sido acertado. Enquanto sua mãe vivia, o pensar nela poderia ter debilitado sua resolução; porém agora, liberado ela das catacumbas por Cristo, ele estava animado do mais vivo anelo de partir também. Em sua fé simplíssima acreditava que a morte o uniria num instante a sua bem-amada mãe. Animado deste sentimento, esperava avidamente o interrogatório.

- Quem é você?
- Maços Servílio Pólio.
- Que idade tem?

⁶⁴ Mateus 21:16; Salmo 8:2

— Treze anos.

diante a mera menção de seu nome um murmúrio de compaixão se difundiu entre a assembléia, pois esse nome era muito conhecido em Roma.

— Se te acusa do delito de ser cristão. O que respondes?

— Excelência, eu não sou responsável de nenhum delito — disse o menino—. Eu sou cristão, e me compraz intimamente poder confessá-lo perante os homens.

— É o mesmo que costumam dizer todos eles — disse indiferentemente um dos juízes—. Todos eles têm a mesma fórmula.

— Você sabe qual a natureza de seu crime?

— Eu não cometi crime nenhum! — disse de novo Pólio—. Minha fé me ensina a temer somente o Deus vivo e honrar o imperador. Todas as leis juntas sempre obedeci. Não sou, pois, nenhum traidor.

— Ser cristão é ser traidor.

— Cristão eu sou, porém traidor, não!

— A lei do estado te proíbe ser cristão, sob pena de morte. Portanto, se você é cristão, deve morrer.

— Eu sou cristão — repetiu Pólio firmemente.

— Então deves morrer.

— Amém. Assim seja.

— Mas, rapaz, você sabe o que é sofrer a morte?

— A morte? Ah! Tenho visto demasiado da morte durante os últimos meses. E sempre estive à expectativa do momento em que pudesse oferecer minha vida pelo meu Senhor ressurreto, quando meu turno chegasse.

— Rapaz, você é muito jovem. Nós te compadecemos por tua curta idade e falta de experiência. Você foi instruído especialmente e em forma tão peculiar que apenas pode ser responsável desta temerária loucura. Por todas estas considerações desejamos fazer-te concessões. Esta religião que te cega estupidamente é uma idiotice. Você acredita que um pobre judeu, que foi crucificado duzentos anos atrás, é Deus. Existe por ventura algo mais absurdo que isto? Nossa religião é a religião do estado. Tem em si o suficiente para satisfazer as mentes dos menores e dos adultos, dos ignorantes e dos sábios. Deixa, pois, essa néscia superstição e volta à religião mais sabia e mais antiga.

— Eu não posso.

— você é o último de uma família nobre. O estado reconhece a dignidade e a nobreza dos Servílio. Teus antepassados desfrutaram de pompa, de riqueza e de poder. Você agora é um rapaz pobre e miserável e prisioneiro. Seja, pois, sábio, Pólio. Pensa na glória de teus ancestrais e deixa de lado o miserável obstáculo que te está segregando de toda a ilustríssima fama deles.

— Eu não posso.

— Você tem vivido como um miserável réprobo. O mendigo mais pobre de Roma a passa muito melhor que você. Seu alimento o obtém com menos esforços e menos humilhação. Seu refúgio está à luz e ao ar do dia. E sobre tudo, ele sempre está seguro. Sua vida é dele. Não tem necessidade de viver um permanente temor da justiça de Roma. Mas você teve que arrastar uma vida, a mais miserável, sempre em necessidade urgente, em perigo, nas trevas. Que, pois, te deu tua ponderada religião? O que fez por você aquele judeu deificado? Nada. E pior que nada. Volta, pois, de seguir os passos deste enganador. Em troca terás a riqueza, a comodidade, os amigos e as honras do estado e o favor do imperador. Tudo será teu.

— Eu não posso.

— Teu pai foi um súbdito leal e um valente soldado. Ele morreu pela sua pátria no campo de batalha. Te deixou muito pequeno, mas como o único herdeiro de todas suas honras e como último pontal de sua nobre casa. Longe estaria ele de pensar sequer nas pérfidias influências que te cercariam descaminhando-te à perdição. Tua mãe, com sua mente debilitada pela dor, se rendeu às insidiosas astúcias dos falsos mestres, e da mesma forma ela em sua ignorância lavrou sua própria ruína. Se teu pai vivesse, você seria agora a esperança de sua nobilíssima casta; tua própria mãe também teria seguido fiel e fé de seus ilustres antepassados. Não valora você a memória de seu pai? Acaso não te corresponde para com ele um dever filial? Não pensa que é pecado amontoar desonra sobre o glorioso nome que deves orgulhar-te de levar, arrojando sobre ele a injúria de tua traição, sendo um nome que te foi transmitido sem mácula? Deixa, pois, essas ilusões insanas que te cegam. Pela memória de teu pai, pela honra de tua família, afasta-te deste caminho que tomaste.

— De forma alguma cometerei eu essa desonra. Minha fé é pura e santa. Eu posso morrer, mas não posso trair a meu Salvador.

— Você está vendo que mostramos misericórdia. Teu nobre nome, assim como tua inexperiência, nos provocam lástima. Se você fosse um prisioneiro comum te ofereceríamos em poucas palavras a simples eleição entre retratar-te ou morrer. Porém neste caso desejamos arrazoar com você, porque não queremos que se extinga uma nobre família pela ignorância ou obstinação de um herdeiro degenerado.

— Eu agradeço por todas estas considerações — disse Pólio —, mas esses argumentos não significam nada para mim ante a suprema autoridade de meu Deus.

— Moleque temerário e irreflexivo! Acaso você pode encontrar um argumento mais poderoso? A ira do imperador é irresistível.

— Ainda mais terrível é a ira do Cordeiro.

— Isso que falas é uma linguagem sem inteligência. O que é isso que você chama de ira do Cordeiro? Por que não reflexionas sobre o que está agora sobre tua cabeça?

— Meus irmãos e amigos já suportaram tudo o que vocês podem fazer ao corpo. E eu confio que Ele me sustentará com igual fortaleza.

— Mas, poderás suportar os terrores da arena?

— Eu conto com a fortaleza do que venceu a morte.

— Poderás enfrentar os leões e tigres selvagens que se precipitarão contra você?

— Aquele em quem eu confio não me abandona no momento em que o necessito.

— Você está muito confiado.

— Precisamente confio nAquele que me amou a tal ponto que se entregou a si mesmo por mim.

— Mas, não pensaste na morte pelo fogo? Estás pronto a enfrentar a morte nas chamas da pira?

— Ah! Se devo sofrê-las, não me estremeço. No pior delas conto com meu Deus, e depois para sempre estarei com Ele.

— Estás possuído do fanatismo e da superstição. Não sabes o que em realidade te espera. É. Pois, muito fácil fazer frente às ameaças, é fácil pronunciar palavras e fazer alarde de valor. Mas o que será de você quando te vejas frente à terrível realidade?

— Pis olharei para Aquele que nunca abandona os seus na hora da prova.

— Ele não fez nada por você até agora!

— Ele já fez tudo por mim. Ele deu sua própria vida para que eu viva. Por Ele eu tenho uma vida que é mais nobre e que é eterna e que não se pode comparar com a que vocês me tiram.

— Isso não é senão um sonho teu. Como é possível que um judeu miserável possa fazer isto?

— Ele é a plenitude da divindade, Deus manifesto em carne. Ele sofreu a morte do corpo para que nós recebêssemos vida para a alma.

— Mas não há nada que possa abrir teus olhos? Não te basta que até agora essa louca crença não tenha te trazido senão miséria e dor? Vas insistir nessa crença? Agora que vês que a morte é inevitável, não desejar voltar de teus erros?

— Ele mesmo me dá fortaleza para vencer a morte. Não a temo. A morte para mim não é mais que um simples passo desta vida de dor e de gemidos a uma bem-aventurança imortal. Bem seja que eu morra devorado pelas feras selvagens ou pelas chamas, dará o mesmo. Ele me fortalecerá para que possa permanecer-Lhe fiel. Ele mas sustentará e levará meu espírito no mesmo instante à vida imortal dos céus. A morte, que vocês temem e com a que me ameçam, não tem terrores;

porém a vida, essa vida a qual me convidam, tem conseqüências mais terríveis que mil mortes nas chamas.

— Por última vêz, rapaz, te damos uma oportunidade. Menino temerário, acalma-te e medita por um momento em tua néscia carreira de insensatez. Prescinde por um instante dos dementes conselhos de teus fanáticos mestres. Reflete em tudo quanto te disseram. Ainda tem a tua disposição a vida, cheia de gozo e de prazer, uma vida rica em toda bênção. A honra, os amigos, a riqueza, o poder: tudo é de você. Um nome nobre e as possessões de tua família estão te esperando. Tudo isso é teu por herança! Hoje para ganhar estas coisas você não deve fazer nada senão tomar esta copa e derramar seu conteúdo naquele altar. Toma, filho! É o ato mais simples, o que se te pede que faças! Resolve-te e executa-o! salva tua vida, salva-te dessa morte angustiosa!

Todos os olhos dos presentes estavam cravados em Pólio no momento em que lhe faziam esta última oferta. Pois até aqui os havia enchido de assombrosa admiração a firmeza com que se mantinha. Isso sobrepujava o entendimento de todos eles.

Todavia, embora esta última instancia fosse tão insidiosamente tentadora, não causou o menor efeito. Pois o menino, com palidez em seu rosto mas com fogo veemente na alma, fez e uma lado com firme serenidade a copa que lhe era proposta.

— Jamais trairei meu Salvador, que está ao meu lado!

Diante daquelas palavras se fez uma pausa momentânea. E depois se ouviu a voz do magistrado supremo da justiça romana.

— Você pronunciou sua própria sentença mortal. Tirem-no daqui — ordenou a continuação aos soldados que estavam presentes.

CAPÍTULO 13

A MORTE DE Pólio

*Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida.*⁶⁵

A sentença de Pólio foi sumarássima e irrevogável. No dia seguinte houve espetáculo no Coliseu. Cheio até os assentos do topo com a multidão de romanos sedentos e sangue humana, foi uma demonstração da mesma sucessão de horrores repugnantes que anteriormente foi descrita.

Novamente os gladiadores pelejaram e se mataram uns aos outros, individualmente e em massa. Uma variedade de formas de combate se

⁶⁵ Apocalipse 2:10

conheciam na arena; e delas, as que maior sofrimento mortal infligiam achavam o maior favor dos assistentes.

Outra vez se apresentaram as cenas intermináveis de derramamento de sangue e de agonia. Os ferozes campeões do dia receberam as efêmeras felicitações dos volúveis espectadores. De novo o homem pelejou contra o homem, ou livrou os mais ferozes combates contra o tigre. Repetiu-se a cena do gladiador ferido que olhava afligido implorando misericórdia, não vendo outro sinal senão a morte, os polegares dos cruéis espectadores voltados para baixo.

Para saciar os apetites da multidão, agora se demandava uma maior e mais desalmada matança. Pois naquele dia não tinha atração olha o combate entre homens confrontados. Ah! Mas se sabia já que os cristãos tinham sido reservados para fechar o espetáculo, e a aparição deles se esperava e se impunha impacientemente.

Lúculo estava entre os guardas preto do assento do imperador. Mas seu semblante, de alegre que era, tinha se tornado pensativo.

Muito mais acima, nos assentos detrás dele, havia um rosto severo e palidíssimo que sobressaía entre todos, pelo olhar concentrado que dava à arena. Esse rosto era preso de uma expressão de ansiedade tão profunda que fazia notável contraste com todos os que se encontravam reunidos em tão vasta assembléia.

De pronto se ouviu o som do ronco chirriar das grades, e se viu pular o primeiro tigre na arena. Levantou a cabeça desafiante e se acoitava com sua própria cauda, espreitando ameaçador tudo em volta, reluzentes os ferozes olhos sobre a enorme massa de seres humanos que enchiam o imenso anfiteatro.

Não tardou em ouvir-se um murmúrio. Um rapaz foi lançado na arena.

De rosto pálido e textura ligeira, desnutrido em extremo, era nada perante a mole da besta furiosa. E como nota de escárnio, haviam-no vestido como gladiador.

Porém, a despeito de sua tenra infância e sua debilidade, não havia nada em seu rosto nem em sua atitude que revelassem o menor assomo de medo. Mostrava possessão de si mesmo em seu olhar tranqüila. Avançou para a frente serenamente até o centro da arena, e ali, à vista de todos, elevou suas mãos juntas, levantou o olhar aos céus e falou com seu Deus.

Entretanto o tigre seguia ameaçador, deslocando-se como ao entrar. Tinha vista a criança mas não parecia ter havido efeito algum. Continuava levantando a visão de seus olhos sanguíneos para as enormes muralhas e de vez em quando lançava selvagens rugidos.

O homem de rosto severo e triste olhava absorto como se toda sua alma acompanhasse esse olhar.

O tigre, por sua parte, não parecia mostrar o menor desejo de atacar o rapaz cristão que seguia orando.

A multidão ficou impaciente. Surgiram murmúrios e exclamações e gritos com a intenção de enfurecer a fera para que atacasse sua vítima.

Mas agora, de em meio do tumulto, surgiu o som de uma voz profunda e terrível:

"Até quando, ó verdadeiro e santo Dominador, não julgas e vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?" ⁶⁶

seguuiu-se um silêncio profundo e aterrorizado. Cada um dos espectadores olhava ao que estava ao seu lado.

Mas o silêncio foi interrompido pela mesma voz, que repetiu com ênfase admonitória:

"Eis que vem com as nuvens, e todo o olho o verá, até os mesmos que o traspassaram; e todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele. Sim. Amém" ⁶⁷.

"Justo és tu, que és e que eras, o Santo; porque julgaste estas coisas; porque derramaram o sangue de santos e de profetas" ⁶⁸

"Eles o merecem. Na verdade, ó Senhor Deus Todo-Poderoso, verdadeiros e justos são os teus juízos" ⁶⁹.

Porém agora os murmúrios e os gritos e clamores se propagaram por todas partes. E não demorou em desaparecer a causa da perturbação.

— Era um daqueles malditos cristãos. Era o fanático Cina. O tiveram recuido quatro dias sem dar-lhe alimentos. Tirem-no! Fora com ele! Joguem-no ao tigre!

Os clamores e as maldições surgiam de todas partes, tornando-se um único e enorme estrondo. O tigre pulava cada vez mais freneticamente. Os guardas ouviram as palavras da multidão e se apressaram a obedecer.

Não demoraram em abrir-se as grades, e a vítima foi lançada fora. Temeroso, macilento e em extremo pálido, avançou até o centro com passos trêmulos. Seus olhos mostravam um brilho extraordinário, suas faces ardiam enrubescidas, seu cabelo descuidado e sua longa barba estavam emaranhados numa única massa.

O tigre ao vê-lo se encaminhou pulando até ele. Porém, a uma curta distância, a fera embravecida se acaçapou. O menino, que tinha estado de joelhos, se pus em pé e olhou para ele. Por sua parte, Cina não via tigre nenhum. Seus olhares se dirigiam à turba, e agitando em alto seu

⁶⁶ Apocalipse 6:10

⁶⁷ Apocalipse 1:7

⁶⁸ Apocalipse 16:5b:6a

⁶⁹ Apocalipse 16:6c-7b

braço macilento, clamou muito alto e com os mesmos tons admoestatórios:

— Aí, aí, aí dos habitantes da terra!

Sua voz foi silenciada por torrentes de sangue. Não houve senão um pulo, uma queda, e perante os olhos humanos, nada mais.

E então o tigre se encaminhou para a criança. Sua sede de sangue havia-se excitado. Seus pelos eretos, flamejantes os olhos e acoitando-se com a cauda, mantinha-se imóvel frente a sua presa.

O rapaz viu chegar sua última porção na terra e novamente se ajoelhou. O populacho ficou mudo e estático, preso de profunda excitação e em ansiosa espera da nova cena sanguinária. Aquele homem que havia estado contemplando atentamente, agora se levantou e permaneceu em pé, ainda olhando a cena que se desenvolvia embaixo. De atrás dele saíram imediatos gritos que aumentavam em número e volume:

— Abaixo, abaixo, senta! Não impeças a vista!

Mas o homem, seja que não ouvia ou bem intencionalmente, não fazia caso. Finalmente o barulho cresceu tanto que chamou a atenção dos oficiais que estavam embaixo, quem voltaram para ver qual era a causa.

Lúcido naturalmente foi um deles. Tendo-se voltado para olhar, viu a cena toda. Deteve brevemente seu olhar e empalideceu.

— Marcelo! — exclamou. Por um momento quase caiu para trás, mas não tardou em recuperar-se e se dirigiu apressadamente à cena do distúrbio.

Mas agora havia estourado um murmúrio profundo entre o público. O tigre, que havia estado se passeando em volta do menino uma e outra vez, acoitando-se a si mesmo com crescente fúria, agora estava agachado, preparado para dar o golpe final.

O menino se levantou. Em seu rosto resplandecia uma expressão angelical. Seus olhos despediam um brilho de sublime entusiasmo. Ele já não via esta arena, nem as muralhas gigantescas que o rodeavam, nem também não as longas fileiras de assentos e as inúmeras caras hostis; já não via os implacáveis olhos dos cruéis espectadores, nem sequer a forma imensa do selvagem inimigo.

Seu espírito já parecia ingressar vitorioso pelas portas de ouro da Nova Jerusalém, e a glória inefável do pleno dia dos céus inundou-lhe o rosto em seus fulgores.

— Mãe, vou contigo! Senhor Jesus, recebe meu espírito!

Essas palavras soaram com toda nitidez e clareza aos ouvidos daquela multidão. Todos permaneceram em quietude sepulcral, e o tigre pulou. Os seguintes momentos não houve mais que uma massa que se removia coberta a meias por uma nuvem de pó.

A luta concluiu. O tigre voltou; a arena tinha sido tingida de vermelho, e sobre ela jaziam os despojos mutilados do leal e nobre Pólio.

Uma vez ao amparo do silêncio que se seguiu, deixou-se ouvir um clamor que tinha toda a intensidade de uma trombeta, e que espantou a cada um dos presentes:

— "Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória? Graças a Deus que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo" ⁷⁰.

Mil homens se levantaram a uma em arranques de ira e indignação. Mil mãos se levantaram indicando o atrevido intruso.

— Um cristão! Um cristão! Às chamas com ele! Lançai-o aos tigres! lançai-o à arena!

Com tais uivos contestou todo o populacho à voz admonitória.

Lúculo se fez presente no lugar no momento preciso para resgatar a Marcelo da turba enfurecida de romanos que se aprestavam a despedaçá-lo. diria-se que o tigre selvagem que estava na arena não estava tão enfurecido e tão sedento de sangue como o estavam eles. Lúculo se precipitou impetuosamente entre todos, qual guarda de feras selvagens.

Atemorizados pela sua autoridade, voltaram para trás, tendo sido cercados por soldados.

Lúculo não pôde fazer mais que entregar-lhes a Marcelo, e conduziu a companhia fora do anfiteatro.

Uma vez fora se encarregou ele mesmo do prisioneiro. Os soldados os seguiram a distância.

— Aí, Marcelo, Marcelo! Não é uma loucura que exponhas assim tua vida!

— Eu falei num impulso do momento. Pois aquele menino a quem eu tanto amava morria assim perante meus olhos! Não pude conter meu próprio ímpeto! Disso me comprazo e estou muito longe de me arrepender! Pois também estou pronto a oferecer minha vida por meu Rei e meu Deus!

— Eu não posso entrar em razões com você. Teus atos ultrapassam todo argumento e entendimento!

— Não foi minha intenção entregar-me; mas o que fiz, e como fui inspirado a fazê-lo, me satisfaz intimamente. Sim, vou gostoso e gozoso seguindo o caminho traçado pelo meu Redentor, de quem é minha vida, seja que viva ou a ofereça aqui.

— Aí, querido amigo! Não consideras tua vida?

— Eu amo a meu Salvador mais que a minha vida!

⁷⁰ 1 Coríntios 15:55,57

— Olha, Marcelo, o conhecimento está aberto perante você. Foge velozmente. Corre, e salva tua vida.

Lúculo disse-lhe isto apressadamente em voz baixa, abrindo-lhe o passo enquanto os homens estavam uns vinte passos atrás. Havia oportunidade de escapar.

Marcelo pressionou a mão do amigo.

— Não, Lúculo, longe de mim seja salvar minha vida com tua desonra. Reconheço e amo esse grande coração que todo o pospõe pelo amigo, mas não vou te criar dificuldades pela minha amizade.

Lúculo suspirou e seguiu em silenciosa reflexão.

CAPÍTULO 14

A TENTAÇÃO

Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares ⁷¹.

Aquela noite Lúculo permaneceu em sua cela com seu amigo. Buscou todos os argumentos possíveis para dissuadi-lo de sua resolução. Apelou a todos os motivos que comumente influem nos homens. Não houve um único médio de persuasão que ele não empregasse. Todos foram em vão. A fé de Marcelo estava firmemente apoiada, pois estava fundamentada na Rocha dos Séculos, e nem a tormenta das violentas ameaças, nem os mais tenros influxos da amizade, puderam debilitar um mínimo sua consciente determinação.

— Não — disse ele — , meu roteiro está traçado e eu o escolhi. Seja dou ou alegria o que me toque na terra, eu seguirei até o fim. Eu sei bem o que me espera. Sopesei todas as conseqüências de minhas ações, e a despeito de tudo seguirei como me resolvi.

— O que te peço é a coisa mais simples — disse Lúculo — . Não desejo que deixes tua religião para sempre, mas somente por enquanto. Se desencadeou uma enfurecida perseguição, e diante tão terrível fúria todos devem cair, sejam jovens ou velhos, nobres ou escravos. Você bem viu que não se respeita classe nem idade. Pólio poderia ter sido salvo se tivesse sido possível, pois havia uma grande simpatia em seu favor. Era somente uma criança, apenas responsável de seus próprios atos errados; ele também era nobre, o último de uma antiga família. Mas a lei é inexorável, e deveu sofrer a pena. Cina também poderia ter sido passado por alto. Não era outra coisa senão um maluco. Porém, tão veemente é o zelo contra os cristãos que nem sequer sua evidente insânia o pôde salvar.

⁷¹ Mateus 4:9

— Eu conheço bem que o príncipe das trevas luta contra o povo de Deus, o qual está fundado sobre a Rocha, e as portas do inferno não podem prevalecer contra ele. Acaso não tenho visto sofrer igualmente os bons, os puros, os santos e os inocentes? Acaso não sei que há uma guerra sem misericórdia contra os cristãos? Eu sabia muito bem tudo isso antes de me converter. E sempre estive preparado para enfrentar as conseqüências correspondentes desde que conheci pessoalmente a Jesus, o Cristo, como meu Senhor e Salvador.

— Escuta, querido Marcelo. Te disse que te pedia só uma coisa simplicíssima. Pois esta religião que tanto aprecias, não é necessário que a abandones. Conserva ela, se assim deve ser. Mas adapta-te às circunstâncias. Já que a tormenta está agravando-se, é inteligente inclinar-se e deixá-la passar. Toma uma atitude de homem interior, e não de fanático.

— O que você quer que eu faça?

— Isto: dentro de uns poucos anos acontecerá uma grande mudança. Bem a perseguição se desvanecerá, ou bem se gere uma reação, ou o imperador pode morrer, e outros governantes de diferentes sentimentos o sucederão. Então será legal se fazer cristão. Nesse momento toda esta gente que hoje é afligida poderá voltar de seus esconderijos e ocupar seus antigos lugares, e surgir para a dignidade e a riqueza. Tem presente, pois, tudo isto. E portanto, não jogue assim infrutiferamente tua vida que ainda pode ser de serviço para o estado e de felicidade para você. Por você mesmo cuida-a e preserva-a. Olha em volta agora. Considera todas estas coisas. Deixa a um lado tua religião por um breve lapso. Assim poderás escapar do perigo presente, e quando voltem tempos mais felizes, poderás voltar a ser cristão em paz.

— Lúculo, isso é impossível. É abominável a minha alma. Poderia acaso ser eu um nobre hipócrita? Se você compreendesse o que em mim tem se realizado, não me pedirias nem por um momento que perjure minha de alma imortal perante o mundo e perante meu Deus. É muito melhor morrer imediatamente pelas mais severas torturas que ao corpo possam inferi-lhe.

— Você assume posições tão extremas que me fazes desesperar de tua vida, e da esperança de salvar-te. Não queres parar a contemplar este assunto racionalmente? Não é questão de se fazer perjuro, senão uma tática. Não é hipocrisia, mas sabedoria.

— Deus não permita que eu faça isto, de pecar contra Ele.

— Atenta para isto. Não se beneficiará somente você, senão muitos mais. Estes cristãos a quem você ama, dessa forma serão ajudados por você muito mais eficazmente que agora. Em tua presente situação você sabe muito bem que não podem viver como antes, da simpatia e da ajuda daqueles que professam a religião do estado, mas que em

segredo preferem a religião dos cristãos. Acaso vás chamar de hipócritas e perjuros a esses homens? Não são eles antes bem seus benfeitores e amigos?

— Estes seres jamais chegaram a conhecer a verdadeira fé e a esperança cristã que eu tenho. Eles nunca conheceram o novo nascimento, a nova natureza divina, a presença do Espírito Santo morando em seus corações, a comunhão com o Filho do Deus vivente, como eu o experimentei. Eles não conheceram o amor de Deus que brota em seus corações para dá-lhes novos sentimentos, esperanças e desejos. Para eles simplesmente simpatizar com os cristãos e ajudá-los é uma coisa boa; porém para o cristão que é suficientemente vil para abjurar de sua fé e negar seu Salvador que o redimiou, nunca haverá suficiente generosidade no coração e em sua alma de traidor para ajudar seus irmãos abandonados.

— Então, Marcelo, não me resta senão uma única oferta mais que eu possa te fazer, e depois irei embora. É minha última esperança. Não sei se será possível ou não. Porém, tentarei, se somente pudesse lograr que desses teu consentimento. Se trata do seguinte: você não precisa abjurar de tua fé; não precisas oferecer sacrifícios aos deuses, nem precisas fazer a menor coisa que desaprove. Desejamos que se esqueça o passado. Volta outra vez — não de coração, logicamente, mas de aparência— ao que eras antes. Você era uma alegre e festivo soldado dedicado ao cumprimento de seu dever. Nunca tomaste parte nos serviços religiosos. Rara vez estiveste presente nos templos. Você passava o tempo no quartel, e tuas devoções eram de caráter privado. Recolhias sabedoria dos livros escritos por filósofos e sacerdotes. Faça tudo isso novamente. Simplesmente, volta a teus deveres.

"Apresenta-te em público juntamente comigo; novamente voltemos a nossas amigáveis conversas, e dedica-te a teus antigos objetivos na vida. Isso será muito fácil e agradável de fazer e não requer nada que seja ruim e desagradável. As altas autoridades passarão por alto tua ausência e teu mal proceder, e se eles desejam que voltes a ocupar tuas anteriores honras, com todo podes ser colocado novamente no mando de tua legião. Todo irá bem. Se necessitará um pouco de discrição, um sensato silêncio, uma aparente volta a teu antigo turno de deveres. No caso de que permaneças em Roma, se pensara que as notícias de tua conversão ao cristianismo eram erradas, e se vas para o exterior, não se saberá de mais nada".

— Não, Lúculo; ainda quando eu consentisse no plano que me propões, não seria factível, por muitas razões. Foram feitas proclamas contra mim; foram oferecidas recompensas pela minha apreensão; e sobre tudo, minha última aparição no Coliseu perante o próprio Imperador foi suficiente para descartar toda esperança de perdão. Mas eu não posso consentir. Meu Salvador não pode ser adorado desta

forma. Seus seguidores devem confessá-IO abertamente. Ele diz: "todo aquele que me confessar diante dos homens também o Filho do homem o confessará diante dos anjos de Deus" ⁷². Pois negá-IO em minha vida ou em meus atos é precisamente o mesmo que negá-IO na maneira formal que prescreve a lei. Isso eu não posso fazê-lo. Aquele que me amou primeiro, eu o amo, porque Ele, quando me amou, colocou sua vida em meu lugar. Meu mais sublime gozo é proclamá-IO perante os homens; morrer por Ele será o ato mais nobre que eu possa fazer, e a coroa de mártir será minha recompensa mais gloriosa.

Lúcilo não disse mais nada, tendo-se convencido de que toda persuasão era inútil. O resto do tempo o passaram conversando sobre outras coisas. Marcelo não desperdiçou estes últimos momentos preciosos que passo com seu amigo. Expressando-lhe a mais profunda gratidão por seu nobre e generoso afeto, procurou compensá-lo explicando-lhe e familiarizando-o com o mais elevado tesouro que o homem possa possuir: a fé em Cristo Jesus.

Lúcilo o ouvia pacientemente, mais por amizade que por interesse. Contudo, pelo menos algumas das palavras de Marcelo ficaram indelevelmente impressas em sua memória.

No dia seguinte se realizou o juízo correspondente. Foi sumário e formal. Marcelo se mostrou impassível e recebeu sua condena. A ele não seria concedido morrer devorado pelas feras selvagens nem por mãos de gladiadores, senão por meio de tormentos mais refinados, os do fogo.

Foi, pois, na pira, onde tantos cristãos haviam dado já seu testemunho da verdade, onde Marcelo também confirmou sua fé rendendo sua vida. A pira foi colocada no centro mesmo do Coliseu, tendo-a rodeado de enormes feixes de combustível com especial prodigalidade.

Marcelo ingressou conduzido por guardas seletos quanto a sua maior crueldade, os que lhe davam socos e o ridicularizavam com antecipação aos horrores da pena final. Ao dirigir seu olhar resolutivo e sereno em volta do vasto círculo de rostos de homens e mulheres, a qual mais duro, cruel e impiedoso, contemplou satisfeito essa arena onde milhares de cristãos o haviam precedido na partida instantânea para reunir-se às gloriosas hostes de mártires que por sempre adoram em volta do Trono. Sua mente voltava para aquelas crianças cujo sacrifício ele tinha presenciado ainda desde as trevas, revivendo nele agora o hino triunfal com que haviam desfilado:

Ao que nos amou,

E nos lavou de nossos pecados com seu sangue...

⁷² Lucas 12:8; Mateus 10:32

Chegou o momento em que os guardas o trataram com dispêndio de rudeza, a qual por ele não resisti-lhes não merecia, e o conduziram à pira, à qual o amarraram com fortes correntes, que fizeram impossível a fuga na qual ele nem pensou.

Antes o ouviram sussurrar: "Estou pronto para ser oferecido... e o momento de minha partida chegou... Pelo resto, me está guardada a coroa de justiça, a qual o Senhor, justo juiz, me dará hoje".

Aplicaram a tocha que originava enormes labaredas, e densas nuvens de fumaça ocultavam o mártir momentaneamente. Ao aclararem, foi visto erguido em meio do fogo, elevados o rosto e as mãos ao céu.

As chamas se intensificavam e cresciam em volta dele. Mais e mais se aproximavam dele, e flamas devoradoras o envolviam em círculos de fogo. De pronto o cobria um véu de fumaça, que depois desaparecia diante do acoite poderoso das línguas de fogo.

Porém o mártir permanecia erguido, sofrendo com calma e serenidade a pavorosa agonia, como aferrado a seu Salvador. Al Ele desceu ante a fé de seu mártir, embora ninguém mais o visse; sendo que seu braço eterno não tinha se encurtado em volta de seu fiel seguidor até a morte, inspirado e sustentado pelo Espírito.

As chamas já não somente cresciam e se aproximavam do mártir, senão que ele mesmo se converteu em chama. A vida foi violentamente atacada até ser arrebatada, e as asas do espírito se dispuseram a transladá-la fora da dor e da morte, para o paraíso.

A vítima finalmente se sobressaltou, convulsionada, como se a traspassasse irresistivelmente uma dor mais aguda, a qual por último conquistou. Levantou os braços em alto, e os agitou debilmente. Logo, em derradeiro esforço lançou um agônico clamor com voz clara para o ouvido de todos:

-Vitória!

Tinha sido o último hálito nesta vida, e caiu para a frente inflamado em chamas; e o espírito de Marcelo "havia partido para estar com Cristo, o qual é muito melhor" ⁷³.

⁷³ Filipenses 1:23

CAPÍTULO 15

LÚCULO

A memória do justo é abençoada ⁷⁴

Um espectador houve naquela cena de tortura e de morte cujo rosto, que experimentava a mais profunda agonia, sempre esteve fixo em Marcelo, cujos olhos foram olhos que viram cada um dos atos e expressões da vítima, e cujos ouvidos recolheram cada palavra. Longo tempo depois que todos tivessem partido, ele permanecia imóvel, sendo o único ser humano no enorme círculo de assentos vazios. Finalmente, se levantou para ir-se.

Longe estava dele a elasticidade característica de seus passos. Se deslocava com ar cabisbaixo e fraquíssimo; seu olhar de abstração e da dor de que ele todo estava embargado, o faziam aparecer como um que tivesse sido repentinamente vítima de uma doença mortal. Fez acenos a alguns dos guardas, que lhe abriram os portais que conduziam para a arena.

— Trazei-me para cá uma urna cinerária — disse ao pessoal que se achava nas imediações, ao mesmo tempo que se encaminhava até as brasas que já se extinguíam.

Uns quantos fragmentos de ossos carbonizados e feitos pó pela violência das chamas era tudo quanto restava do corpo de Marcelo.

Tomando silenciosamente a urna que lhe alcançou um dos guardas admirado, Lúculo começou a reunir todos os fragmentos humanos e o pó que pôde achar.

No momento em que estava saindo, se aproximou dele um ancião, diante do qual se deteve mecanicamente.

— O que desejas pedir-me? — lhe disse cortesmente.

— Meu nome é Honório. Sou um dos anciãos dos cristãos. Um amigo nosso muito querido foi sacrificado neste lugar esta noite, e eu venho confiando que se me permitirá recolher suas cinzas.

Lúculo lhe respondeu com afabilidade:

— É um acerto que tenhas te dirigido a mim, venerável mestre. Se tivesses descoberto teu nome a um outro, terias sido capturado imediatamente, porque está se oferecendo um resgate por você. Mas não posso te conceder o pedido que me fazes. Marcelo morreu, e suas escassas cinzas estão nesta urna. Serão depositadas num túmulo no mausoléu de minha família com todas as cerimônias de honra, porque

⁷⁴ Provérbios 10:7

ele foi meu mais querido amigo, e sua perda faz desta terra um deserto para mim, e do resto de minha vida a carga mais penosa.

Honório balbuciou com profundo entusiasmo:

— Compreendo que você não pode ser outro senão Lúculo, de quem sempre o ouvi falar com palavras de afeto.

— Eu sou. Jamais houve dois amigos mais leais que nós dois. Se tivesse sido possível, eu teria evitado o sacrifício. Jamais teria sido detido, se ele mesmo não se tivesse lançado nas mãos da lei, como o fez. Oh, destino inescrutável! Precisamente quando eu tinha tomado todas as disposições para que jamais pudesse ser capturado, mas ele em pessoa se enfrentou ao próprio imperador, e assim foi como u com minhas próprias mãos fui obrigado a conduzir o ser que mais amava à prisão e à morte.

— O que para você é perda, para ele é o ganho mais incomensurável⁷⁵. Pois ingressou no reino de felicidade imortal.

Lúculo exclamou profundamente:

— Sua morte foi todo um triunfo. Eu observei antes a morte de muitos cristãos, mas não fui tão impressionado por sua esperança e confiança. Marcelo enfrentou a morte como se essa fosse a bênção mais feliz.

— Assim foi quanto a ele, como também o foi quanto a muitíssimos outros, cujos despojos jazem no infausto confinamento onde estamos obrigados a morar. A eles quero fazer chegar as cinzas de Marcelo. Não conviria que assim compartissem tumbas?

— Venerável Honório, eu havia abrigado a esperança, desde que meu amado amigo me deixou, que pelo menos teria o prazer de chorá-lo e de prodigalizar a seus despojos as últimas honras piedosas, e de derramar meu pranto sobre seu túmulo.

— Mas, oh nobre Lúculo, não teria preferido teu amigo que lhe fosse dada sepultura com as cerimônias simples de sua nova fé, e um lugar de repouso juntamente com os outros mártires com cujos nomes está ele relacionado para sempre?

Lúculo ficou possuído de um profundo silêncio, e depois de ter pensado por algum tempo, finalmente falou:

— Não cabe a menor dúvida quanto aos desejos dele. Eu me rindo diante deles, e me privo da honra de oferecer-lhe os ritos funerários. Leva-o, venerável Honório. Porém, permite-me que assista ao serviço de sepultamento. Não poderias consentir que um soldado, a quem conhecem somente como seu inimigo, ingresse nesse seu reino e presencie seus atos?

— Diante de ti nossas portas e corações se abrem no mais cordial recebimento, oh nobre Lúculo, como o foi com Marcelo antes que você,

⁷⁵ Filipenses 3:7

se por ventura recebesse entre nós a mesma bem-aventurança que lhe foi concedida a ele.

— Não alimentes uma tal esperança — disse Lúculo— . Eu sou muito diferente de Marcelo em gostos e em sentimentos. Eu poderia aprender a sentir benevolência para com vocês, e ainda admirá-los, mas nunca poderia unir-me a vocês.

— Vem conosco, como seja, e presencia os serviços funerários de teu amigo. Um mensageiro virá por você amanhã.

Lúculo fez um sinal de assentimento, e depois de entregar-lhe a preciosa urna a Honório, se encaminhou tristemente para sua casa.

No dia seguinte, em companhia de um mensageiro, se dirigiu às catacumbas. Ali se encontrou com a comunidade dos cristãos e contemplou este lugar em que moravam, o qual já tinha sido lhe referido precisamente por seu amigo, tendo assim uma idéia prévia de sua vida, seus sofrimentos e seus afetos.

De novo as vozes dolentes e lamentações encheram as tenebrosas abóbadas e ecoaram por todos os intermináveis corredores, por outro irmão cujo pó se entregava ao pó do túmulo. Mas o mesmo pesar que falava da dor mortal foi substituído por uma sublime e inspirada certeza que expressava a fé da alma que aspira, e uma esperança plena de um desejo vivo de seu amado Senhor.

Honório tomou em suas mãos o precioso rolo, as Palavras de vida, cujas promessas eram tão poderosas que sustentavam em meio das mais pesadas cargas e aflições, e em tom solene leu aquela parte de 1 Coríntios, que em todas as épocas e em todos os climas tem sido tão preciosa ao coração que se remonta além dos reinos do tempo em procura de consolo na perspectiva da ressurreição.

Seguidamente levantou sua cabeça e em tons fervorosos ofereceu uma oração ao Deus único e santo nos céus, em nome de Jesus Cristo, o divino Mediador, por quem a morte e a sepultura foram vencidas e assegurada a vida eterna.

O rosto pálido e triste de Lúculo era particularmente visível entre os dolentes. Embora ele não fosse cristão, contudo admirava tais doutrinas gloriosas, e escutava com reverência essas exaltadas esperanças. A ele foi concedido colocar as amadas cinzas dentro do lugar de repouso final; foram seu olhos os últimos que se pousaram naqueles despojos amados; suas mãos colocaram em seu lugar a pedra em que havia de gravar-se o nome e o epitáfio de Marcelo.

Lúculo voltou para sua casa, mas era um homem novo. Sua euforia pessoal parecia ter sido subjugada sob as severas aflições que havia sofrido.

Havia falado a verdade quando dissera que não era cristão. E embora a morte de seu amigo lhe houvesse embargado o coração de tristeza, não havia dor pelo pecado, nem arrependimento, nem anelo

de conhecer o verdadeiro Deus vivente. Tinha perdido aquela habilidade de gozar-se no mundo, mas não havia conseguido nenhuma outra fonte de felicidade.

Porém a memória de seu amigo teve a virtude de produzir um efeito, sentiu uma profunda simpatia pelo pobre povo oprimido com quem Marcelo tinha confraternizado. Admirava sem compreender suas circunstâncias e os compadecia pelos imerecidos sofrimentos. Tinha consciência de que toda a virtude e bondade que pudessem ficar ainda em todo o império romano eram possuídas por esses coitados réprobos.

Foram esses sentimentos os que o levaram a prestar-lhes ajuda. Ofereceu-lhes a amizade e as promessas de auxílio que uma vez havia prodigalizado a Marcelo. Seus soldados não capturaram nenhum outro cristão, ou se o faziam, sempre se ouvia posteriormente que tinha escapado de algum modo inevitável. Sua alta posição, sua vasta riqueza, sua ilimitada influência, tudo estava ao serviço dos cristãos. Seu palácio chegou a ser bem conhecido deles, como seu mais seguro refúgio e lugar de ajuda, e seu nome gozava da honra de ser o mais poderoso de seus amigos humanos,

Mas todas as coisas chegam a seu fim, e assim também os sofrimentos dos cristãos e a amizade de Lúculo chegaram a seu término. Aproximadamente um ano após a morte de Marcelo, o severo imperador Décio foi destronado, e um outro assumiu o poder imperial. A perseguição cessou. A paz voltou às assembléias dos cristãos, e eles saíram das catacumbas para viver gozosos na saudável luz do dia. De novo podiam ouvir os seres humanos os louvores ao Deus e Redentor deles, e de novo reiniciaram sua interminável luta contra as hostes do mal.

Passaram os anos, e Lúculo não experimentou mudança alguma. Quando Honório saiu das catacumbas, foi levado por Lúculo a seu palácio, e morou sob seu amparo pelo resto de seus dias na terra. Ele se esforçou por pagar a dívida de gratidão a seu nobre benfeitor, fazendo-lhe conhecer toda a Verdade. Porém morreu sem ter podido desfrutar do gozo pelo que tanto tinha orado.

No final, a bênção chegou, mas depois de ter transcorrido muitos anos. quando já Lúculo se aproximava aos limites da velhice, chegou a ouvir a voz do Salvador. Mas longos anos tinham se passado desde que o mundo havia perdido seus encantos para ele. As riquezas, a honra, o poder já não o satisfaziam em absoluto. Sua vida se deslizava sob uma sombra de tristeza que ninguém podia curar. Mas o Espírito do Deus vivo chegou a apossar-se dele, e graças a sua divina mediação pôde por fim regozijar-se no amor do Salvador, de cuja obra sobre o coração humano tinha presenciado tantas e tão contundentes provas.

Longos séculos transcorreram sobre a cidade dos Césares, desde que a perseguição de Décio lançou os humildes seguidores de Jesus nas lôbregas e gélidas catacumbas. Tomemos a Via Ápia e vejamos o que nos ensina.

Diante de nós se estende a longa fileira de tumbas até a milionária cidade. Aqui os poderosos dessa Roma acharam um lugar de repouso, e ainda até ali levaram as pomposas mostras de quanto podem a riqueza, a glória do mundo e o poder. Embaixo de nós estão ocultas os rudes túmulos daqueles que em vida foram reprovados como indignos de respirar o ar livre sob o sol do céu.

Observai a mudança! Em volta nossa estão aqueles túmulos senhoriais todos em ruínas, sua santidade profanada, suas portas derrubadas e seu pó levado pelo vento. Os nomes daqueles que ali foram sepultados ninguém lembra; o império que fundaram caiu, as legiões que os conduziram a mil conquistas dormiram o sono do qual não despertarão até a segunda ressurreição.

Mas a memória dos perseguidos que jazem embaixo, a assembléia de Deus da terra contempla com revelação. Seus sepulcros foram convertidos em santuários de peregrinação; e essa obra na qual desempenharam eles um papel tão nobre, foi transmitida a nós para que a continuemos até que Jesus volte.

Humildes, depreciados, proscritos, afligidos, a fama se negou a assentar seus nomes nos rolos da história; contudo, e isto pelo menos sabemos bem, seus nomes estão escritos no Livro da Vida, e sua eterna comunhão será com aqueles de quem está escrito:

Estes são os que vieram da grande tribulação,
e lavaram as suas vestes

e as branquearam no sangue do Cordeiro.

Por isso estão diante do trono de Deus,

e o servem de dia e de noite no seu templo;

e aquele que está assentado sobre o trono

os cobrirá com a sua sombra.

Nunca mais terão fome, nunca mais terão sede;

nem sol nem calma alguma cairá sobre eles.

Porque o Cordeiro que está no meio do trono os apascentará,

e lhes servirá de guia para as fontes das águas da vida;

e Deus limpará de seus olhos toda a lágrima.⁷⁶

⁷⁶ Apocalipse 7:14-17